NO CORAÇÃO DA NATUREZA

REVISTA DE TURISMO DE **TERRAS DE BOURO**



município
TERRAS DE BOURO

GERÊS
TERRAS DE BOURO

United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization

Man and
the Biosphere
Programme

“No Coração da Natureza”



EDIÇÃO: MUNICÍPIO DE TERRAS DE BOURO
Nº / ANO: 02 / 2024

DESIGN: Município de Terras de Bouro
CARTOGRAFIA: Município de Terras de Bouro

TEXTOS: Adriano Pereira, António Afonso, António Amaro, Carlos Costa, Carla Rodrigues, João Luís Dias, José Mota Alves, Júlio Marquez, Manuel Tibo, Miguel Dantas da Gama, Pimenta Machado, Ricardo Rio, Rui Barbosa, Rui Gaiola, Sérgio Gonçalves, Varico Pereira

IMPRESSÃO: Graficamares, Lda.
DEPÓSITO LEGAL:

O concelho de Terras de Bouro, localizado no Minho, no distrito de Braga, ocupa uma área de 265,24 Km², é limitado a Norte pela Galiza, a Noroeste pelo concelho de Ponte da Barca, a Oeste pelo concelho de Vila Verde, a Sul pelo concelho de Amares, a Sudoeste pelo concelho de Vieira do Minho e a Este pelo concelho de Montalegre.

O acesso ao concelho, saíndo de Braga, poderá ser feito tomando a direção de Vieira do Minho, pela E.N. 103 (chegando à freguesia das Cerdeirinhas desce-se para as pontes de Rio Caldo), ou pela E.N. 101 (direção de Vila Verde), após a passagem da Ponte do Bico (sobre o rio Cávado), dirigimo-nos para Amares. Na freguesia de Rendufe, toma-se a direção Terras de Bouro, pela E.N. 205-3.

Já dentro do concelho pode-se circular pela E.N. 307, que liga a sede do concelho a Covide, pela E.N. 304, que liga Covide às Pontes de Rio Caldo, pela E.N. 308 que liga o Gerês até Amares e pela E.N. 308-1 que liga as Pontes de Rio Caldo à Portela do Homem (fronteira com Espanha) e que passa já no interior do Parque.

Entre as suas freguesias pode-se circular bem, uma vez que o concelho tem uma boa rede de estradas e caminhos municipais, ainda que alguns sinuosos.

Terras de Bouro tem 16 000 hectares do seu território pertencentes ao Parque Nacional da Peneda-Gerês, na serra do Gerês.

De natureza granítica, o seu relevo apresenta paisagens verdadeiramente impressionantes, a que se alia a abundância das águas de ribeiros como o Gerês, Leonte, Palas, Torpo, Colado dos Fetos, Caldas e que alimentam os rios Cávado e Homem.

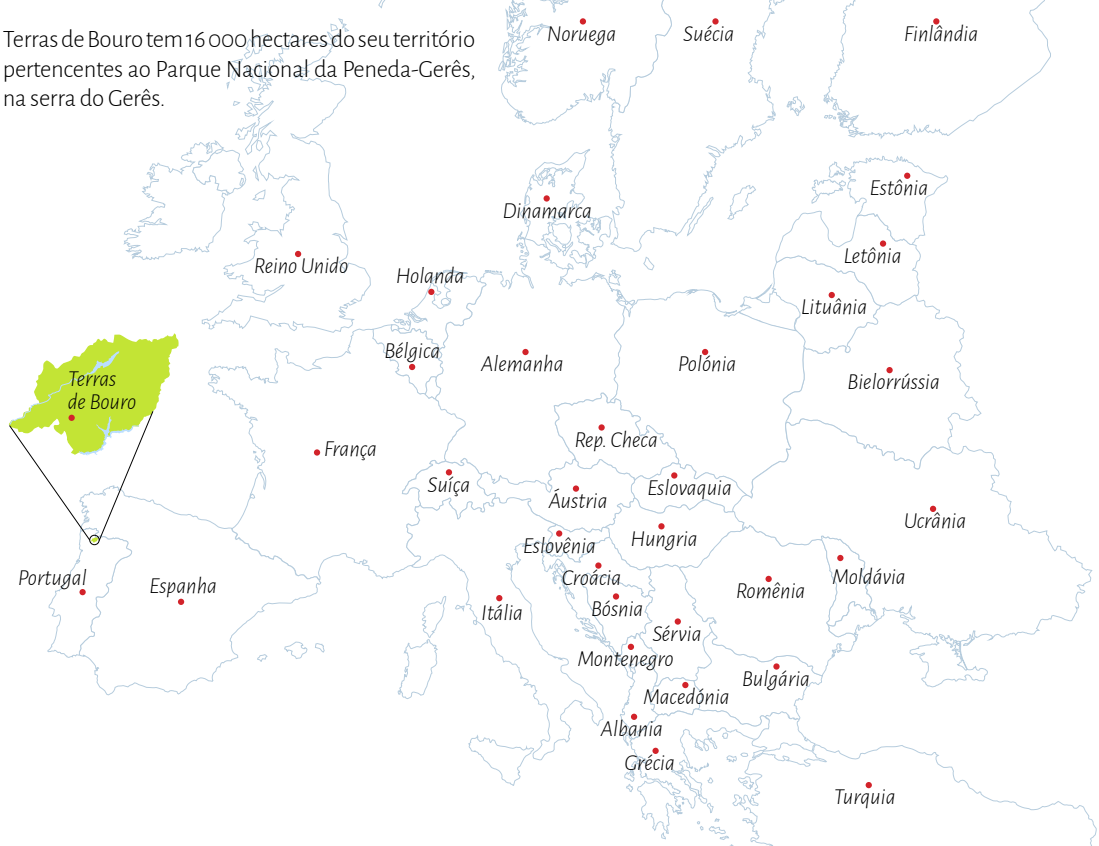
O seu clima é temperado atlântico e atinge, por vezes, os 3000mm de precipitação anual (máximo de todo o continente).

Até aos 1200m de altitude a arborização é densa e apresenta várias espécies arbóreas das quais se salientam o carvalho, o azereiro e o medronheiro.

Existem ainda várias espécies que, devido a estarem em perigo de extinção, o Parque Nacional considera como protegidas. Entre elas contam-se o azevinho, o feto do Gerês e o lírio do Gerês.

A fauna do Gerês é também variada, apresentando javalis, lobos, veados, texugos, lontras, martas, toirões, entre outros.

Também quanto à fauna, e devido ao perigo de extinção, o Parque Nacional sentiu a necessidade proteger espécies como a Águia Real, o Garrano do Gerês, a Geneta, o Javali, o Lobo, a Lontra e a Víbora cornuda.





Terras de Bouro, “a harmonia natural em simbiose com a religiosidade do nosso Povo”



Montanhas e vales verdejantes com ribeiros que, por vezes, se precipitam em cascatas magníficas, Terras de Bouro, é simplesmente sinónimo de “MARAVILHA DA NATUREZA”. Não é por casualidade que aqui se encontra o único parque nacional existente em Portugal, “o seu coração”, a Mata da Albergaria, com as suas árvores seculares, onde a vida animal e vegetal coexistem em plena união e a Geira Romana que nos remonta a épocas distantes da nossa história.

Até há cerca de três décadas, a população do concelho vivia sobretudo da agricultura e da pastorícia, no entanto e “fruto dos tempos”, direcionou a sua atividade económica essencialmente para o turismo, e mais recentemente para o desporto, devido sobretudo aos exemplares recursos naturais e históricos existentes, como demonstra esta edição com o Miradouro de S. Bento, Santa Isabel do Monte, os Carris ou os fojos do lobo, entre muitos outros.

Falar do concelho de Terras de Bouro é falar, também, da religiosidade da população e, por isso, não se pode olvidar o culto a S. Bento da Porta Aberta. A sua origem “perde-se no tempo” e sendo o segundo local religioso em Portugal com o maior número de peregrinos que demonstram a sua fé e agradecimento ao santo, assume-se fundamental pela concretização das suas preces, como fator de desenvolvimento durante todo o ano e principalmente, no dia 15 de agosto, no dia da principal romaria.

A nobreza de Terras de Bouro reflete não só a origem das suas gentes, que “desenham pelo Mundo” trajetos tão brilhantes e marcantes como o exemplo de Frei Bento Domingues, mas também a capacidade ímpar de atrair ilustres figuras da nossa identidade cultural, que se “apaixonaram pelas nossas maravilhas naturais” e de que Miguel Torga será também um dos expoentes máximos.

“Terras de Bouro chama por si, as nossas gentes hospitaleiras e o Parque Nacional da Peneda Gerês chamam também por si, sinta o nosso apelo e visite-nos todo o ano, desfrutando das Maravilhas que temos para oferecer!”

Manuel João Sampaio Tibo
Presidente da Câmara Municipal de Terras de Bouro

Índice

05 EDITORIAL
Manuel Tibo

08 Miradouro de São Bento
Adriano Pereira

10 Santa Isabel do Monte
Uma terra de Encanto
Professor José da Mota Alves

20 CRÓNICA - O Paraíso aqui ao lado
Ricardo Rio

22 ENTREVISTA - Frei Bento Domingues - António Amaro e Viriato Capela

32 CRÓNICA - Viagens na Minha Terra
Do Monte (Santa Isabel) a Souto
João Luís Dias

38 CRÓNICA - Os recursos hídricos e o Gerês: tesouro ambiental a preservar - Pimenta Machado

40 São Bento da Porta Aberta: um farol para o Turismo Religioso
Varico Pereira

48 Caminhos de São Bento em Terras de Bouro
CIM Cávado

52 O culto a S. Bento da Porta Aberta como fator de desenvolvimento
António Afonso

56 PORTEFÓLIO - Há Luz no Parque
Júlio Marquez

68 CRÓNICA - Gerês Profundo
Subindo aos Carris, o caminho pelo Vale do Alto Homem
Rui Barbosa



78 GR 50 - Grande Rota do Parque Nacional Peneda-Gerês
Carla Rodrigues

90 Por terras de Terras de Bouro
Rui Gaiola

98 Fojos do lobo
Sérgio Gonçalves

102 O admirável mundo das aves da Peneda-Gerês
Miguel Dantas da Gama

108 A Flora do PNPG Mata da Albergaria
Sérgio Gonçalves

114 História do BTT em Terras de Bouro
João Costa

124 POEMA - Diário de Miguel Torga
Miguel Torga

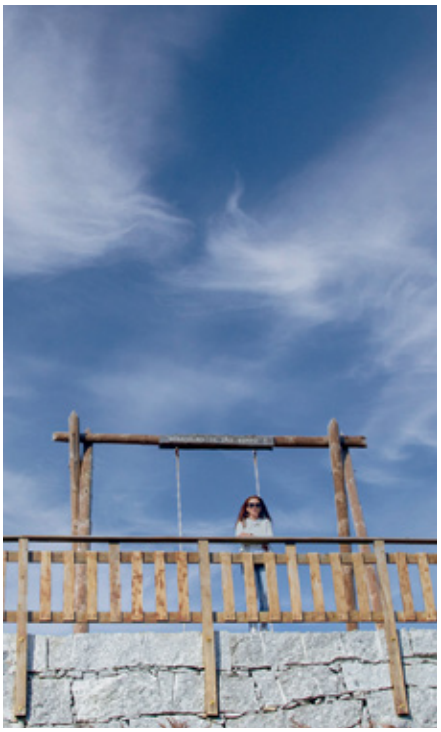
Miradouro de S. Bento

Escalando pelos troços do formigueiro, partimos de Santa Isabel do Monte até ao nosso destino final. Num trajeto místico onde, por vezes, movidos pela fé, passando pela fronteira das conhecidas pedras da peçonha (in Pedras de Peçonha da Região do Gerês – Celestino Maia 1962), eis que nos deparamos com o Miradouro de S. Bento. Local este onde podemos contemplar toda a beleza da Serra do Gerês, onde podemos sentir toda a fé e a força enviada por S. Bento que, de uma forma singular e peculiar, nos transmite essa força e nos olha de baixo enquanto que, no seu alto, nos sentimos imponentes e revitalizados enquanto baloiçamos num baloiço levantado pelo povo e para usufruto do povo.

É um local de fácil acesso, de visitação obrigatória, um espaço natural com intervenção humana para nos proporcionar uma visão diferente do Santuário de S. Bento e de toda a sua envolvente. Um espaço que nos possibilita, em altura das festividades de S. Bento, ter uma visão abrangente do espetáculo pirotécnico.

Adriano Pereira













Igreja Matriz de Santa Isabel do Monte

Santa Isabel do Monte Uma terra de Encanto

José da Mota Alves

O concelho de Terras de Bouro oferece uma diversidade de encantos que merece uma visita cuidada e demorada para se descobrir todos os cantos e recantos que se encontram em cada uma das freguesias do seu território.

Encontramos freguesias de várzea, outras de meia encosta e outras de planalto, sendo estas últimas mais raras e com particularidades que devem ser observadas e conhecidas pelas suas belezas naturais, pelas suas gentes e pela história de século que as ligam a períodos anteriores à fundação da nacionalidade portuguesa.

Quem subir a serra em direção a Santa Isabel do Monte depara-se com uma freguesia composta por cinco lugares, quatro de planalto – Seara, Campos Abades, Rebordochão e Alecrimes – e um de meia encosta – Ventozelo -, os quatro primeiros de maior proximidade entre si e os dois restantes mais distantes do centro cívico da freguesia, um voltado para as encostas da Abadia – Ventozelo -, com os campos em anfiteatro e o outro com maior ligação a alguns lugares de Valdozende.



Lugar de Ventoselo

A subida a partir da sede do concelho permite a entrada na freguesia por Campos Abades. Quem subir a partir da Abadia, passa por Ventozelo até ao centro cívico e quem quiser aceder a partir de Valdozende entrará na freguesia por Alecrimes, tendo à sua esquerda, antes de entrar no lugar, campos de lameiro destinados ao pastoreio da rês de raça bovina, das duas raças autóctones predominantes no território (barrosã e galega/minhota).

As raças autóctones bovinas predominantes nos cinco lugares da freguesia, são a barrosã e a galega/minhota, podendo encontrar-se outras raças autóctones, nomeadamente suínos de raça bísaro, ovinos de raça bordaleira e churra minhota, caprinos de raça serrana e galináceos das quatro raças portuguesas (amarela, pedrês portuguesa, preta lusitana e branca), encontrando-se, também, algum efetivo bovino de raça autóctone cachena.

Ninguém poderá afirmar que esta freguesia será o solar destas raças autóctones, mas, certamente, será o local onde se encontram maior número de efetivos de qualquer uma destas raças, o que, por si, será motivo suficiente para uma visita cuidada a um quinhão do concelho que preserva e valoriza uma herança cultural que merece a vénia e respeito de todos quantos visitem uma das freguesias onde se evidencia o patrimonialismo, vegetal, animal, paisagístico humanizado e o vernacular, podendo ser uma das alavancas do desenvolvimento rural integrado desta freguesia.

Esta freguesia sofre do problema comum a muitas outras, que é o despovoamento acentuado que se tem verificado nas últimas décadas, uns porque morreram, outros que emigraram, e ainda outros que foram residir, devido à idade, para lares da terceira idade. Para salientar esta realidade, destaco o lugar de Alecrimes que há cerca de três décadas teria mais de três dezenas de habitantes, atualmente contam-se apenas sete almas com residência permanente. Corre por estas montanhas de Santa Isabel os mesmos ventos que sopram noutras freguesias de características rurais portuguesas, onde é desolador assistir-se ao despovoamento acentuado, onde permanecem, ainda, alguns dos nossos mais idosos e raramente se vêm jovens a quererem fixar-se nestas belas aldeias da saudade, sejam elas de montanha, de meia encosta ou de várzea.

Ao visitar qualquer um dos cinco lugares desta freguesia, é possível, ainda, contemplarmos construções que nos obrigam a uma análise cuidada da sua tipologia e arquitetura, sejam construções destinadas a habitação ou a cortes de gado ou mesmo palheiros. Hoje todas essas construções têm cobertura de telha



Casa dos Bernardos

de barro, seja telha lusa ou de aba e canudo, mas outrora todas ou quase todas tinham a sua cobertura de colmo. Esta afirmação será fácil ser confirmada pela, ainda, existência de construções de duas águas, com testeiras de colmeadura que ficam por baixo do capeado das empenas ou colmeadura e cápeas de guarda-vento com testeiras mais baixas.

As construções, outrora, eram todas em granito da região, com pedras de cantaria com uma única face aparelhada, voltada para o exterior sendo a outra face não aparelhada ou tosca, construção de junta seca, com vãos reduzidos no seu tamanho, com portas e janelas de gonzo, construída em madeira maciça de carvalho ou castanho. Algumas casas de habitação eram construídas com dois pisos, sendo o interior do rés-do-chão em pedra não aparelhada na face interior e o piso superior em pedra aparelhada dos dois lados, destinando-se o rés-do-chão a cortes de animais e o piso superior a residência dos proprietários ou caseiros. A existência de animais no rés-do-chão permitia que o piso superior fosse aquecido pelo bafo e calor corporal dos animais aí estabulados.

A população de Santa Isabel dedicava-se à terra que trabalhava, servindo a casa para o seu abrigo noturno e, muito raramente, para abrigo durante o dia nos dias de neve ou de grande intempérie, razão porque estas habitações eram cobertas com telha



Antiga Capela de Santo António

lusa vã ou colmo, porque não existia alternativa, sendo as janelas desguarnecidas, podendo comparar-se às primitivas casas da época romana. Esta freguesia teve em tempos mais recuados um povoado castrejo que sofreu a influência romana, primeiro pela influência dos romanos no Minho e também pela proximidade à Via Nova ou Via Romana XVIII, também conhecida como Jeira Romana, via romana que ligava Bracara Augusta a Astorga.

A população durante alguns períodos, em cada um dos séculos, foi sofrendo alterações substanciais devido à escassez de produção agrícola, presume-se por período de seca prolongado, fonte de alimentação e riqueza, que, algumas vezes, obrigou ao abandono da freguesia e procura temporária de outros locais para viver, como aconteceu no período entre 1690 a 1711 que foi de más colheitas e de agravamento das condições de vida da população desta freguesia. A população de Santa Isabel sofreu fluxos de crescimento, tendo em alguns triénios sido batizados quase três dezenas de bebés (1672-1675) e noutros períodos iguais apenas se efetuaram 4 batismos como aconteceu entre 1654-1657, no período compreendido entre 1651-1834 onde foram batizados 910 bebés. No triénio foram realizados 18 casamentos, mas entre 1681-1684 não se realizou qualquer casamento, tendo no período entre 1651 e 1834 sido realizados 254 casamentos. Possivelmente o número total de batismos e casamentos será ligeiramente superior porque não existe registo entre o período de 1819 a 1834.

A necessidade de se efetuarem escavações arqueológicas para melhor se conhecer a época dos primitivos habitantes e escavar e analisar o conteúdo de cada uma das mamoas ajudaria a conhecer esta relíquia cultural do concelho de Terras de Bouro e impulsionaria o aumento de atração turística, permitindo, assim, criar mais riqueza para os residentes com atividade económica.

A população tinha na agricultura e na criação de gado a sua maior riqueza, sendo a produção de centeio e de milho as principais culturas vegetais. O centeio, geralmente, era ceifado no mês de julho. Como era tarde para a sementeira do milho grão, semeava-se milho painço. Era tradição os habitantes ajudarem-se mutuamente na labuta agrícola, fosse nas vessadas, nas sementeiras, nas sachadas, nas colheitas, nas desfolhadas do milho e nas malhadas do milho e centeio. O trabalho de interajuda era uma prática cultural entre os agricultores do Minho.

As malhadas do centeio e do milho eram feitas nas eiras em terra, que eram revestidas com uma camada de excrementos (bosta) de gado bovino, que depois de seco o piso ficava rígido com condições para ser utilizado para o fim temporário a que se destinava. O centeio malhava-se com malho e algumas vezes batendo os molhos sobre o carro de bois ou num banco, construído para o efeito. Após esta operação de labuta, as eiras eram cobertas com urje ou mato para ficarem protegidas até aos meses das malhadas das espigas do milho. A diferença de se malhar o centeio com o malho ou com batimento sobre o carro de bois ou banco, era para se ter um colmo menos partido, através deste último processo, de modo a poder ser utilizado nos colchões das camas e quando se chamuscava o porco nas matanças.

O milho tradicionalmente era semeado a lanço, tendo alguma mistura de feijão amarelo, rajado, branco e miúdo, que subia pelos pés do milho, podendo depois ser colhido. As vargens, quando davam sinais de estarem maduras até se poder colher o pé na sua totalidade, eram depois era colocado na eira para acabar de secar e de seguida ser malhado com as costas dos engaços, de modo a não partir o feijão.





Rio Návia



Alminhas junto ao Rio Návia



Criação de porcos ao ar livre



Todas estas operações agrícolas merecem ser recriadas como transmissão de saberes culturais e como atração turística, demonstrando ancestrais tradições que nos diferenciam dos demais.

Um olhar mais atento em cada um destes cinco lugares desta grande aldeia da saudade, poder-nos-á obrigar a refletir sobre o número de espigueiros de vários quarteis e como eram guardadas as espigas de milho antes destes imóveis serem construídos. Conhecendo o concelho e as propriedades agrícolas encontramos em Santa Isabel o maior espigueiro existente em toda a área territorial municipal, situando-se junto à Casa dos Bernardos. Antes da construção dos primeiros espigueiros, que serão da última metade do século XIX e início do século XX, existiam canastros de varas de base quadrangular e cobertos a colmo, estruturas. Os canastros eram construídos de ramos finos e flexíveis de carvalho ou de ramos de giesta, com formato redondo, mais largo no topo do que na base, com cobertura em colmo apoiado numa base de madeira quadrangular. Estes canastros eram cheios de espigas pela parte superior, porque a cobertura era móvel, tendo uma portinhola na parte inferior para retirar as espigas quando se destinavam a serem malhadas nas eiras de terra, revestidas com os excrementos de gado bovino humedecidos, que depois de seco se tornava demasiado rijo para suportar o batimento dos malhos.

Em Santa Isabel, como em todo o Minho, a riqueza de uma família rural via-se pela dimensão do espigueiro ou pelo número de canastros, demonstração de maior ou menor produtor de milho, considerado o ouro agrícola desta província, demonstrando, assim, a riqueza de cada habitante ou proprietário.

O gado bovino e ovino de raça bordaleira pastoreava nos campos na fase de pousio de produção agrícola, enquanto o caprino e ovino de raça churra minhota ou galega pastoreava no monte ou serra. As primeiras duas raças mencionadas quando não podiam pastorear nos campos agrícolas, eram colocadas nos campos de lameiro ou nas bouças vedadas por muros em granito, como se poderão, ainda, ver junto a cada um dos cinco lugares da freguesia. Os muros serviam de vedação ao curral e evitavam, também, ataques do lobo à rês aí colocada.

Santa Isabel do Monte, como outras freguesias com montanha, era atacada por alcateias de lobos ou por lobos isolados, razão porque existe a memória, junto dos mais idosos, da tradição de se organizarem batidas em direção ao fojo de Rio Caldo.

A freguesia tem uma igreja matriz, situada entre os lugares de Campos Abades e Rebordochão, que não será o primitivo espaço sacro católico paroquial, como se poderá verificar numa pedra existente na fachada com uma cruz de baixo relevo voltada ao contrário, que significa o aproveitamento de pedra de um outro edifício existente antes desta construção, que deverá ter pouco mais de duzentos anos. Esta igreja foi ampliada, como se poderá observar pelo adoçamento do corpo da capela mor. Em 1901 foi construída a torre sineira, que nunca foi totalmente acabada, como demonstra a falta de encaixes para alguns sinos no vão a estes destinados, e as obras sucessivas que beneficiaram este imóvel religioso.

Nos finais do século XVIII a freguesia tinha 35 fogos, 169 almas e dois clérigos, talvez um fosse o titular e o outro coadjuvante, como era tradição em muitas freguesias após o concurso para



nomeação existiram dois clérigos com funções distintas. Não se conhecendo com exatidão o imóvel que serviu de residência paroquial, existindo a possibilidade destes clérigos terem residido na Casa dos Bernardos, porque era habitação temporária para descanso dos Monges Bernardos ou Monges Brancos de Bouro, pertencentes ao Mosteiro Cisterciense de Bouro, podendo, por isso, ser habitada em coabitação entre clérigos diocesanos e de uma ordem religiosa. O D. Abade do Convento de Bouro tinha o privilégio de designar para cada triénio párocos para algumas das suas igrejas anexas, havendo a possibilidade dos dois clérigos serem nomeados pelos monges de Bouro e, por isso, terem autorização para residir na Casa dos Monges Bernardos e celebrar ou rezar na Capela anexa desta casa, que tem como orago S. João.

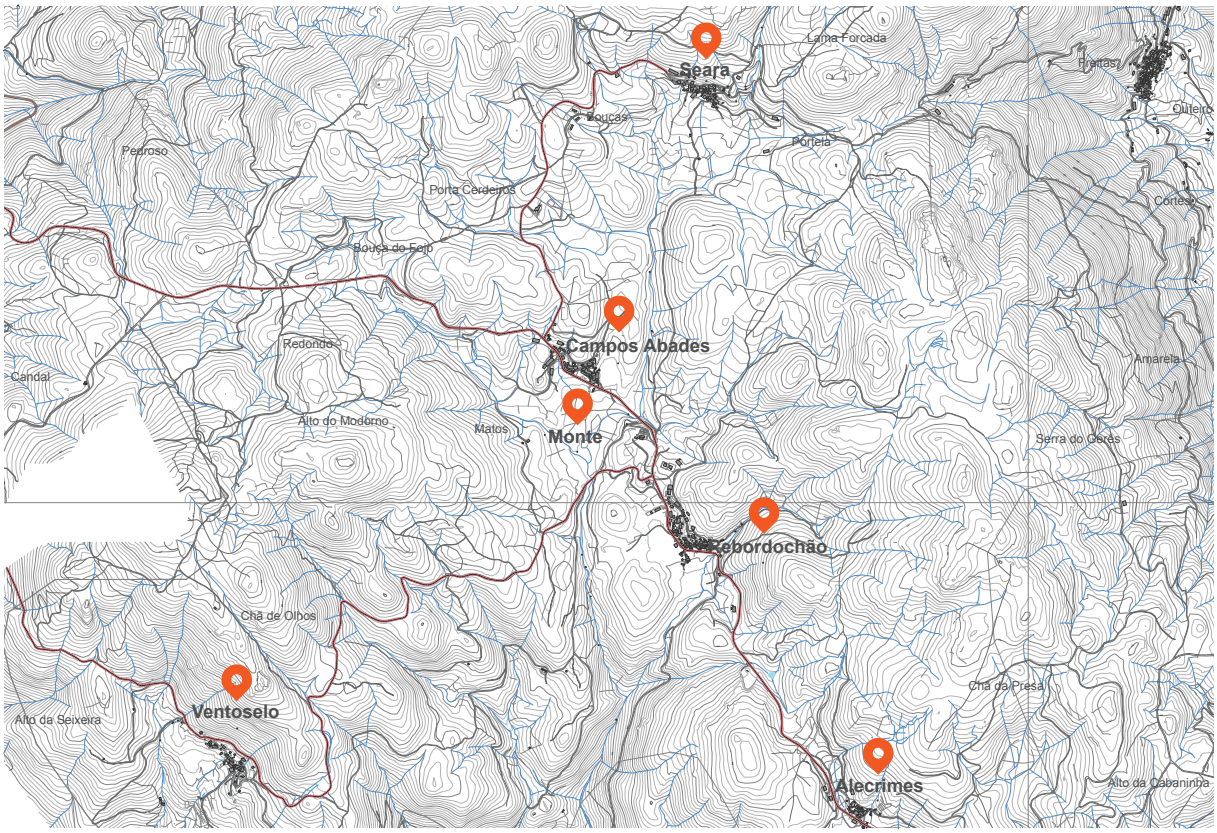
Estes clérigos nomeados pelo D. Abade do Convento ou resultado do concurso clerical e posteriormente homologados os nomes pelo mesmo D. Abade poderiam ter residido temporariamente na Casa Monges Bernardos ou na residência paroquial, casa de pequenas dimensões, nos meses em que a alguns Monges se deslocavam para Santa Isabel do Monte, tanto para descansarem como para receberem a renda dos caseiros que trabalhavam as suas granjas.

A mesa do cemitério de celebração dos últimos atos religiosos dos defuntos, foi outrora uma pedra tumular, onde constam duas datas, uma do século XIX (1861) e outra do século XX (1929). Talvez possamos concluir que esteve num cemitério, possivelmente no adro da igreja, antes da construção do atual cemitério que é do primeiro quartel do século passado.

Para além deste espaço de celebração religiosa paroquial, a freguesia teve duas capelas com culto, uma no lugar de Campos Abades, anexa à Casa dos Monges Bernardos, capela ainda existente, mas sem culto, e uma outra no lugar de Rebordochão, anexa à Casa da Urzeira, dedicada a Santo António, esta última desativada no século XX, onde se rezou o terço, ainda, no mês de maio de 1965. Esta última Capela foi construída em 1884, tinha cruz sobre a fachada principal que foi retirada para ser encimada nas alminhas existentes na margem da estrada no mesmo lugar.

A freguesia tem alminhas em cada um dos cinco lugares, outra junto ao caminho para o formigueiro e uma outra na margem direita do ribeiro Návia, que nasce nesta freguesia, junto do caminho, que tem no seu início o cruzeiro paroquial, que liga o centro cívico da freguesia a Ventozelo. No que respeita a estas últimas alminhas encontramos a cruz sobre um penedo próximo, porque se consta que a população colocava a cruz sobre as alminhas e no dia seguinte aparecia sobre esse penedo. Após várias tentativas, sem resultado, para manter a cruz sobre as alminhas a população resolveu deixar as alminhas sem cruz ficando esta sobre o penedo junto. As alminhas que encontramos na entrada da freguesia para quem entra a partir de Chorense, conhecidas como Alminhas de Curduide, situa-se numa encruzilhada de antigos caminhos, sendo local de maior veneração em relação às restantes, como era comprovado pela bênção efetuada por homens e mulheres quando por lá passavam, onde os homens se descobriam como gesto de respeito pelo espaço sacro.

Santa Isabel pertenceu outrora ao Couto de Bouro de Santa Maria, mais tarde ao concelho de Santa Marta de Bouro e numa fase posterior incorporada no concelho de Terras de Bouro, em 31 de dezembro de 1853 e ao de Amares por extinção de Terras de Bouro entre 14 de agosto de 1895 e 13 de janeiro de 1898, data em que foi restabelecido o concelho de Terras de Bouro. Sempre existiram grandes contendas entre os moradores do Couto e os oficiais do concelho de Santa Marta de Bouro, tendo muitas vezes de se especificar competências de cada uma das partes em relação a cada espaço territorial e poderes de administração e judicial, existindo no couto "*um juiz e um procurador unicamente os quaes são eleitos anualmente no primeiro de janeiro no mosteiro a votos de todo o povo cuja eleição se faz sem mais solenidade que o tomar hum escrivão os votos com presença do D. Abbade e ultimamente contados os votos imediatamente se declararão por eleitos os que tem mais votos os quaes o D. Abbade logo do juramento e entrega as varas e servem em nome do D. Abbade sem mais alguma solenidade ou confirmação e nesta pacífica posse se conserva o mosteiro conservou sempre sem a menor contorversia dos ministros da comarca*", (Carta do Abade D. Fr. António de Sousa, datada de 4 de janeiro de 1807).



Lugares da Freguesia de Santa Isabel do Monte

O Convento de Bouro, donatário do Couto de Bouro, chamava a si o controlo das águas das fontes, levadas, rios e ribeiros, salientando-se que nesta freguesia de Santa Isabel nascem dois ribeiros (Návia ou Nava com nascente nas Chãos de Návia próximo da Seara do Monte e o Combarraços que nasce em Alecrimes, confluindo este último com o primeiro na Abadia e o primeiro confluindo com o rio Cávado na freguesia de Bouro Santa Maria). "*Ninguém podia construir moinhos, azenhas, açudes e pesqueiras sem seu conhecimento e consentimento. Eram objecto de contrato de arrendamento ou aforamento, recebendo o senhorio a respectiva renda pela concessão feita, embora não exercesse monopólio sobre esses meios de exploração e transformação*" (Cistercienses, Camponeses e Economia Rural no Minho na Época do Antigo Regime, de Salvador Magalhães Mota). Esta Freguesia de Santa Isabel do Monte tem mais de trinta moinhos de rodízio, tendo sido recuperados 29 pela Câmara Municipal de Terras de Bouro, através de direito de concessão temporária dos proprietários, que permitiu a criação do Trilho dos Moinhos de Santa Isabel e a requalificação da antiga escola primária para centro interpretativo dos moinhos, tendo estes projetos sido apoiados financeiramente pelo programa LEADER através da ATAHCA. Um bom exemplo de recuperação do património etnológico e da dinamização turística criada a partir deste investimento de identidade cultural que deve ser visitado e estudado. É importante a visita a este património cultural como não será menos importante a análise e interpretação dos grafitos existentes nas ombreias e padieiras em muitos destes imóveis.

Parece que a freguesia de Santa Isabel do Monte foi fundada após 1258, datas que devem ser estudadas para evitar erros de afirmação, sabe-se, no entanto, que é uma freguesia antiga, habitada muito séculos antes desta data, como o comprovam vários vestígios arqueológicos e documentos históricos.

Os habitantes desta freguesia reúnem o que melhor existe no ser humano, tendo na sua doçura, jovialidade, frugalidade e valentia, os seus êxitos e resoluções que marcam a população da província do Minho.

Para além das qualidades reconhecidas aos habitantes de Santa Isabel do Monte, há a salientar a importância e reconhecimento deste povo, quando inúmeras pessoas foram eleitas para diversos cargos oficiais no concelho de Santa Marta de Bouro entre o período de 1595 e 1795, a saber: - Eleição de Juízes do Crime: Domingos Afonso de Campos Abades (1595-1598), Pedro Anes de Seara do Monte (1608-1611), Francisco Domingues de Ven-

tozelo (1704-1707), João Francisco de Rebordochão (1725-1728), António Domingues de Ventozelo (1774-1777); eleição de Juízes do Cível: António Gonçalves de Campos Abades (1617-1620), Gonçalo Dias de Ventozelo (1620-1623), Gonçalo Dias de Seara do Monte (1662-1665), Manuel Domingues de Ventozelo (1662-1665), Domingos Dias o loba de Campos Abades (1680-1683), Domingos Manuel de Campos Abades (1710-1713), Manuel Araújo de Campos Abades (1710-1713), Domingos Francisco de Alecrimes (1725-1728), Manuel António de Alecrimes (1771-1774), Domingos Dias o novo de Seara do Monte (1786-1789); eleição de Vereadores: Diogo Afonso de Seara do Monte (1620-1623), Gonçalo Domingos de Campos Abades (1632-1635), Bastião Bernardes de Rebordochão (1635-1638), Gonçalo Dias de Seara do Monte (1641-1644), Domingos Pires de Rebordochão (1650-1653), Manuel Domingues de Ventozelo (1665-1668), Domingos Afonso de Ventozelo (1668-1671), Domingos Afonso de Rebordochão (1668-1671), Manuel António de Rebordochão (1677-1680), Francisco Afonso o velho de Alecrimes (1677-1680), Furtuoso Dias de Seara do Monte (1680-1683), Diogo Afonso de Campos Abades (1683-1686), Domingos Manuel de Campos Abades (1686-1689), Francisco Domingues de Ventozelo (1686-1689), Manuel Afonso de Rebordochão (1689-1692), Manuel Afonso de Rebordochão (1698-1701), André Gonçalves de Campos Abades (1701-1704), Manuel Araújo de Campos Abades (1701-1704), Domingos Dias o novo de Campos Abades (1704-1707), Baptista Fernandes de Campos Abades (1707-1710), António Francisco (1707-1710), Domingos Francisco de Alecrimes (1713-1716), João Francisco de Rebordochão (1713-1716), Diogo Francisco de Rebordochão (1716-1719), Francisco Domingues o novo de Ventozelo (1722-1725), Manuel Dias de Seara do Monte (1725-1728), Domingos Dias de Seara do Monte (1725-1728), Domingos Gonçalves de Campos Abades (1738-1741), Manuel Dias de Rebordochão (1747-1750), Pascoal Domingues (1753-1756), António Francisco de Campos Abades (1780-1783), Manuel Francisco de Rebordochão (1789-1792); eleição de Procuradores: Gonçalo Gonçalves de Seara do Monte (1602-1605), Pedro Gonçalves de Campos Abades (1644-1647), Feliz José (1780-1783), Manuel Francisco de Campos Abades (1786-1789); eleição de Meirinhos: Diogo Afonso de Ventozelo (1595-1598), (Cistercienses, Camponeses e Economia Rural no Minho na Época do Antigo Regime, de Salvador Magalhães Mota). Sendo uma freguesia com pouca população não deixou de ter mais pessoas eleitas do que muitas outras do mesmo concelho de Bouro Santa Marta.

Um desafio é lançado a quem não conhece este pequeno quinhão de um extenso concelho, de organizar uma visita com o tempo necessário para conhecer cada pormenor, sentir o pulsar daquele espaço com vida, usufruir da hospitalidade da sua população, descobrir e analisar cada espaço com a sua história e deixar uma recordação para voltar ou aconselhar outros a visitarem.



Atividade agrícola

Ricardo Rio, nasceu no ano de 1972 em Braga. Licenciou-se em Economia pela Faculdade de Economia do Porto, completou a parte curricular do Mestrado em Economia. Concluiu o Curso Avançado de Estudos Políticos do IEP, da Universidade Católica de Lisboa. Presidente da Câmara Municipal de Braga e da Comunidade Intermunicipal do Cávado (CIM)



O Paraíso aqui ao lado

Ricardo Rio

A região do Cávado, rica em história, cultura e paisagens deslumbrantes, é um tesouro a ser desvendado. O nosso território, com a sua diversidade e identidade única, proporciona experiências inesquecíveis aos visitantes, desde a beleza monumental de Braga, às paisagens marítimas de Esposende, passando pela atmosfera vibrante de Barcelos, pelo património histórico e cultural de Vila Verde até à tranquilidade de Amares e Terras de Bouro.

É precisamente nesta região que encontramos um dos maiores tesouros naturais de Portugal e da Península Ibérica, o Parque Nacional da Peneda-Gerês (PNPG). Este paraíso natural, único com a classificação de parque nacional em Portugal, abriga uma biodiversidade excepcional, com espécies emblemáticas como o lobo ibérico ou a águia-real, que encontram neste fantástico ecossistema um refúgio seguro.

As paisagens do Gerês são de uma enorme beleza, entendendo-se por vales e montanhas. Desde a Fecha de Barjas (Cascata do Tahiti) e da Portela do Homem, com as suas quedas de águas cristalinas, ao Miradouro da Pedra Bela, que oferece aos visitantes uma das vistas mais emblemáticas e abrangentes do Gerês, passando pela Mata da Albergaria, um bosque de beleza inigualável, e pela Serra Amarela, com as suas imponentes serras e trilhos pedestres imperdíveis, todos os recantes do PNPG são encantadores e um convite à descoberta.

O PNPG é um laboratório vivo para a conservação da natureza, abrigando espécies raras e habitats únicos. É igualmente um refúgio para os amantes da natureza de todo o mundo e um impulsionador do desenvolvimento sustentável da região, proporcionando cenários magníficos para actividades ao ar livre, como os mencionados trilhos pedestres, passeios de barco, canoagem ou a simples observação da vida selvagem.

O património cultural do Gerês é também notável, com vestígios arqueológicos, como as mamoas e os dólmenes, que testemunham a presença humana desde tempos remotos. As aldeias típicas, com as suas casas de granito e espigueiros tradicionais, preservam a arquitectura e os costumes ancestrais, proporcionando uma viagem no tempo aos visitantes.
Nessas mesmas aldeias típicas que podemos encontrar neste território a hospitalidade das gentes é genuína. A gastronomia local, rica em sabores tradicionais, é outro grande atractivo para os visitantes, que podem deliciar-se com pratos típicos confeccionados com produtos de origem local.

O PNPG é um paraíso natural de beleza ímpar, mas é também um activo estratégico de valor económico inestimável, capaz de impulsionar o desenvolvimento sustentável da região. A sua riqueza natural e paisagística, aliada ao seu património cultural milenar, tornam o Gerês um destino turístico de excelência, atraindo visitantes nacionais e estrangeiros em busca de experiências intensas e do contacto com a simplicidade da natureza num mundo cada vez mais acelerado.

O turismo, como motor económico, gera emprego e rendimento para a população local, estimula o desenvolvimento de infraestruturas e serviços, e promove a valorização da cultura e das tradições locais.

Além disso, o PNPG é um importante centro de investigação científica, com diversas instituições e universidades a desenvolverem projectos de investigação na área da biodiversidade, da ecologia ou da gestão de recursos naturais. Esta actividade científica contribui para o conhecimento e a conservação do património natural e para a formação de recursos humanos qualificados.

Para se garantir o sucesso deste modelo, o desenvolvimento económico do Gerês deve ser feito sempre de forma sustentável, respeitando os limites do ecossistema e garantindo a preservação do seu património natural e cultural para as gerações futuras. Encontrar esse equilíbrio entre o respeito pela natureza e pela biodiversidade e a necessidade de garantir a continuidade das actividades económicas para a criação de riqueza para as comunidades locais, por difícil que seja, é vital para o futuro da região.

Terras de Bouro, com a sua integração harmoniosa na natureza do Gerês, é um concelho que tem precisamente o mérito de saber preservar a sua identidade e valorizar o seu património, apostando no turismo sustentável, no turismo rural e nas actividades de natureza, gerando emprego e rendimento para a população local.

A Comunidade Intermunicipal do Cávado é uma das entidades com um papel fundamental na promoção desse desenvolvimento económico, através do apoio a projectos de turismo, do estímulo à formação profissional e a projectos de empreendedorismo, da criação de infraestruturas e serviços, da promoção da investigação científica e da sensibilização ambiental.

Seremos ainda uma voz reivindicativa junto do governo central para exigir investimentos na melhoria da fruição do PNPG, na segurança dos visitantes e na divulgação do território que possam garantir riqueza, emprego durante todo o ano (minimizando a sazonalidade turística) e capacidade de fixação da população.

O Gerês é um legado que recebemos dos nossos antepassados. É um lugar onde podemos voltar a ligar-nos à natureza, descobrir a nossa história e celebrar a nossa cultura. É um território que devemos saber partilhar com o mundo, mas sempre com o cuidado e o respeito que merece, para que a sua beleza se mantenha inalterada.

Proteger este património para as gerações futuras é uma obrigação de todos. E os primeiros interessados nessa preservação são precisamente os habitantes da região. Garantir que a população local é parte activa na tomada de decisões e que os benefícios do turismo são sentidos directamente pela comunidade são elementos essenciais para um futuro harmonioso.

Braga, 19 de Julho de 2024

Frei Bento Domingues nasceu em Travassos, Vilar, Terras de Bouro, a 13 de agosto de 1934 e é um religioso da dominicano, por alguns considerado um dos maiores teólogos portugueses.



Audio
ENTREVISTA
FREI BENTO DOMINGUES
Programa Primeira Pessoa
(RTP - set. 2022)

À Conversa com...
Frei Bento Domingues

Por José Viriato Capela e António Amaro

Frei Bento Domingues nasceu em Travassos, então freguesia de Vilar do Concelho de Terras de Bouro, na década de 30, e até aos doze anos viveu, com muita alegria, a vida difícil do meio rural inserido numa família de valores e princípios que marcaram o desenvolvimento da sua personalidade.

É considerado por muitos o maior teólogo português do séc. XX. É uma figura reconhecida nacionalmente e figura maior do Concelho de Terras de Bouro.

Estudou em Salamanca, Paris e Roma e viveu, e vive, sem nunca abdicar do valor maior da liberdade, difundindo-o com quem se cruzou, nomeadamente com a juventude para a qual criou e coordenou imensos projetos.

É autor de importante obra, da qual se destaca "A religião dos Portugueses", e é autor de uma crónica semanal no Jornal Público desde a sua fundação.

Em 12.06.2024 deslocámo-nos ao Convento de São Domingos, em Lisboa. Por ele fomos recebidos com muita simpatia, não fôssemos conterrâneos, para ter esta conversa livre, sem muitas preocupações estéticas e de regras, mas autêntica, profunda e em inteira liberdade.

Ambicionávamos ouvi-lo falar do que ainda não foi escrito, não sabemos se o conseguimos.

JVC - Que memórias retém da infância e juventude da terra que entende dever destacar na formulação de sua vida e destino?

É assim... Para começar as coisas... Não foi na família que me falaram de ser padre ou de não ser.

Só que o meu tio [Frei Bernardo de Jesus Domingues], que estava no Brasil, dominicano, que é que ele fez? Um padre brasileiro, os brasileiros vinham estudar a França e este também, mas este padre brasileiro tinha familiares em Portugal e as férias passava-as cá. Então, o meu tio pediu-lhe para ele ir visitar a minha avó.

A minha avó não ficou assim muito entusiasmada com a visita e disse: "Já me roubaram um filho e agora vão-me roubar os netos!", lembro-me de ela dizer isso.

Por sua vez, o pároco de Vilar, que era o Pe Eugénio, pediu-lhe para pregar a novena da Senhora do Livramento e ele pregou a novena, só que era um universo que não tinha nada a ver com os sermões que até ali tinha ouvido noutras pregações. Porquê? Ele era a alegria, era uma encarnação da alegria e falava de tudo para dar alegria às pessoas, porque Deus era alegre, senão não tinha criado o Mundo, lá foi dizendo umas coisas...

Eu sei que não perdi, depois da primeira, nenhuma pregação. E no final era costume confessar-se ao pregador, e eu também lá fui. No final da confissão, ele virou-se para mim e perguntou-me: "Que é que tu queres ser quando fores grande?". Eu, que já tinha doze anos, respondi-lhe: "Sei lá, o que houver...". Diz ele: "E não tens assim uma vocação?". "Olhe, para ser sincero, eu quero parecer-me consigo, é consigo que me quero parecer". A partir daí ele disse "Está bem!"

Ora o meu irmão, o Frei Bernardo, já tinha ido antes confessar-se também com ele, eu nunca soube, nunca lhe perguntei, ele também nunca me perguntou, por que razão é que eu fui, mas ele decidiu, ele era mais velho, decidiu entrar [no seminário].

Havia uma escola, havia várias, das congregações religiosas que tinham escolas próprias. Porquê? Porque a maioria da população era uma população pobre, portanto, para aceder aos estudos tinham de ter meios (em Espanha já fizeram, não sei se cá já está feito, um estudo da importância dos seminários menores na educação dos jovens).

> ***"Pe Eugénio... pregou a novena... e falava de tudo para dar alegria às pessoas, porque Deus era alegre, senão não tinha criado o Mundo"***

Nós ali na Aldeia Nova, perto de Fátima, (há ali [no convento] uma imagem da Nossa Senhora de Fátima que até era daquela Capela), ele dizia que não havia outra forma senão ... [seminário], e constituíram várias escolas, a nossa chamava-se Escola Apostólica, era um nome que veio de França para cá. Escola Apostólica, porque a gente não queria que se parecesse com um seminário, os seminários tinham de usar um fato negro e usavam uma jaqueta logo muito cedo.

JVC - Era a velha jaqueta do Colégio de S. Paulo dos jesuítas...

Então, essas escolas desempenharam um papel também de comunicação. Depois, acontece, foi na Senhora do Livramento, portanto, eu ponho sempre a data exata da minha opção, foi quando o padre brasileiro me perguntou: "Que é que queres ser?". E eu digo "Quero ser como você!", foi a minha resposta, e foi aí que depois eu o passei a ter como referência.

JVC - Frei Bento, sem perder o seu raciocínio, está chamar a atenção para uma coisa que o mudou, o carisma do seu tio Frei Bernardo. A sua missão, que tem sido de expansão de muito carisma, da alegria, do convívio, do estar com outros, é a expressão dessa memória?

Eu não sei!

JVC - O Frei Bento é assim!

Era uma alegria aquele homem [pregador], era um espanto! E depois encontrava analogias em tudo para falar da vida dos camponeses e ao mesmo tempo da vida do evangelho e tudo relacionado.

JVC - Não há dúvida que, quem conhecer a sua obra, vê que isso despertou, ao longo da vida, aspetos da sua personalidade e ação futura.

Depois, Fr. Bernardo arranjou umas famílias lá no Brasil para se cotizarem para fundarem a Escola Apostólica.

Finalmente, vem para Portugal onde foi secretário de D. Francisco Rendeiro, Bispo do Algarve; só que teve um AVC forte e ficou paralisado de um lado. Lembro-me de eu e meu irmão Bernardo termos ido visitá-lo lá. Depois ele veio para Fátima onde acabou por falecer. Mas a alegria dele éramos nós os dois! Eu ainda nem sequer tinha tomado o hábito... essa fotografia é do dia em que meu irmão Bernardo recebeu o hábito.

JVC - Em 1951. E a missa nova do seu irmão é em 1952?

Talvez, sim!

JVC - Eu digo isto porque tenho uma pagelinha que o documenta.

Eu também fiz a missa nova na Aldeia Nova, e recordo-me que quem fez o sermão foi aquele célebre padre Fr. Gil Alferes, da obra das crianças abandonadas.

Eu comecei os estudos de filosofia ali...

Ora, nós tínhamos uma escola lá, em Fátima, recém-criada, internacional, a chamada Sedes Sapientiae, que ministrou inicialmente Filosofia e depois Teologia, e as congregações religiosas que estavam em Fátima começaram também a frequentá-la.

Eu, entretanto, estive lá dois ou três anos e fui para Salamanca, onde me diverti imenso, porque aquela gente era ultra-reacionária! Tipos competentíssimos, muito bons, mas Franco dominava muito neles. E eu já estava zangado com o Salazar...

Estive lá, mas regressei não sei porquê a Fátima, onde estive um tempo, mas o meu irmão já estava a trabalhar no Porto, na Igreja do Cristo Rei. Então, pediu-me a mim para tomar conta da juventude do Cristo Rei. Eu disse-lhe que ainda não podia ser, pois tinha de acabar os estudos. Fui para França e estive lá uns quatro anos e depois vim e é que tomei conta.

E, em França, foi uma alegria grande por causa do seguinte... (estava na altura da repressão que sobre a Teologia fazia o Vaticano, Pio XII queria até suprimir os estatutos da Ordem, que é um estatuto democrático desde o começo [conforme o lema] "O que diz respeito a todos deve ser tratado por todos". E já no séc. XIV, quiseram mudar para um centralismo e não foi possível, porque um jurista disse-lhe que, nessa altura, ninguém estava

> ***"Sem humor, sem fantasia, sem tudo, a religião perde a sua encarnação na vida das pessoas."***





António Amaro e Viriato Capela entrevistam Frei Bento Domingues

obrigado a nada, porque as pessoas faziam profissão e obediência ao mestre geral da Ordem e às instituições da Ordem; acabavam com as instituições da Ordem, acabava tudo, e recuaram). Em 1951 e 1952, foi o grande problema dos padres operários em França e tudo... eu vivi lá essas coisas todas com muita alegria, com muito entusiasmo. Porquê? Porque aquilo era a luta contra o que significavam as ditaduras em Portugal e Espanha. Portanto, foi uma inspiração e tinha muito bons professores de muitas escolas e tudo...

Depois, vim para o Porto, só que, como fiquei responsável pela juventude do Cristo Rei (tinha esse nome por se encontrar junto à Igreja do Cristo Rei) e, então, aí, resolvi que ia ser também uma juventude democrática. Eles é que fizeram o regulamento, as instituições por que se guiavam, tudo, e eu era assistente. Dizia-lhes sempre "Eu assisto ao trabalho que vós fazeis!". Reuníamos todos os sábados e, nesses sábados, havia um tema que era levado para discussão pelos jovens! Até me recordo que um jovem quis explicar o que era a apendicite, pois tinha sido operado. Mas era assim tudo! "O que vinha à rede era peixe!"

AA - Dependia das circunstâncias...

Das circunstâncias, da imaginação, de tudo...era gente muito nova, dos quinze aos dezanove ou vinte anos.

E estava em gestação a Ala Liberal. Ora, em frente do Convento vivia (depois foi viver para a Foz) o Sá Carneiro, que era nosso amigo.

E, então, ele e mais muitos da Ala Liberal fazíamos reuniões. Um dia o que é que aconteceu? Fui pregar para a Anadia e, quando regressei, encontrei o salão do Convento com uma exposição enorme sobre "O Mundo interroga o Concílio". Eram jovens, muito jovens, e não tinham grandes instrumentos, mas quem tinha em casa estas revistas mundanas, faziam recortes e colavam, e havia os problemas todos da sociedade e da Igreja, que eram refletidos na paixão interna, estavam lá todos. Os rapazes e raparigas da extrema direita, que estavam lá também naquela zona, foram-nos denunciar que aquilo era um pavilhão soviético! Então, como no 1.º de Maio um grupo de estudantes ia visitar a exposição, no dia avisaram-me : "Olha que a PIDE vai vir". Agora aquilo está um bocado modificado, era um espaço em frente do Convento, muito largo, e encontravam-se lá cerca de vinte mil jovens, e soube que a PIDE podia entrar; avisei os jovens dirigentes que a entrada para a visita teria de ser feita pelas traseiras, e depois nas suas publicações, podiam relatar a visita.

Entretanto, eu disse: "Esta tarde não há visita, não pode entrar ninguém!".
Mas havia uns que estavam muito entusiamados, eram do "Jovem Portugal", um bocado reacionários, um bocadão... e eles é que agitavam tudo, berravam! A PIDE, quando chegou prendeu-os, mas quando chegaram à cadeia verificaram que se tinham enganado, pois tinham detido os manifestantes errados. Isto enfureceu o Governador Civil, era um Brito e Cunha, que ficou danado por ter sido enganado.

O bispo, não era o Bispo D. António, (porque no Porto havia um que parecia o Bispo, mas não era, que era o administrador apostólico, outro que era Bispo, mas não parecia, porque estava no exílio, e outro que nem era nem parecia, que era o que depois foi para Leiria) e, então, ele fez uma coisa espantosa... convocou o meu prior e disse: "Ele não pode ficar aqui no Porto nem mais um dia!". Então, o sr. Pe Lourenço foi comigo até à estação para ver se eu realmente saía. Saí e fui.

Vim então para Lisboa, para o Convento de Queluz. Só que à noite havia uma conferência do Pe Manuel Antunes, e eu fui à conferência.

JVC - Um homem notável!

Eu fui à conferência (depois até nos tornamos amigos e escrevi para a Brotéria). Na conferência, o Pe Manuel Antunes levantou

uma série de questões, mas deu à discussão dos jovens, e eram aqueles jovens que estavam a começar a fazer o "O Tempo e o Modo" (Nuno Bragança, [Alçada Batista]…) e, então aí, não sei por que diabo, fiz uma intervenção, dizendo que desse tipo de conversa já tinha havido muita, o que era necessário era começar a fazer as coisas.

Quando cheguei ao Convento, já lá estava um aviso que eu tinha de sair também de lá.

O meu superior, que era canadiano e jurista, disse-me: "Eles não tinham direito nenhum de fazer isso, mas têm outras formas de repressão e o melhor é tu ires para o estrangeiro".

Não me deram licença para mais nada, só para Roma. Ora, eram malucos, porque em Roma estava uma maravilha, porque estava o Concílio reunido, que foi uma coisa espantosa que vivi lá durante dois anos.

E, depois, chegou a um determinado ponto em que me telefonavam e escreviam dizendo-me que tinha de voltar. E o que é que eu fiz? Meti-me num barco (*Federico C* que ia para Buenos Aires), desembarcando em Lisboa.

Então, voltei ao trabalho com os jovens (aí houve outras complicações), então dediquei-me à vida da pregação, da formação da juventude, a fazer cursos de Teologia para leigos.

Foi, então, criado um Centro de Estudos de Teologia para leigos e outro de Teologia para leigos no verão, de três meses, e dava-se um diploma a quem fizesse um trabalho. Aí, também tínhamos um PIDE a assistir às aulas, mas esse desgraçado adormecia, e a partir daí, já se podia falar à vontade.

Com a fundação do Jornal Público, convidaram-me para fazer uma crónica todos os domingos. Fiquei um bocado intimidado, mas aceitei. Há 33 anos, todos os domingos.

JVC - Isso não lhe cria um certo stress?

Ah! sem dúvida. Às vezes, é por causa da hora da entrega.

AA - Devia ter umas crónicas de reserva para alguma situação de impedimento…

Não, não tenho…

JVC - Senão, também perdia atualidade?

Perdia atualidade e o entusiasmo.

AA - Em que dia tem de entregar a crónica?

À sexta feira.

O artigo do "Público" tem a virtude de para qualquer parte do país que eu vá (primeiro, sou muito convidado "para isto e para aquilo")… e, portanto, até posso selecionar o que me parece que tem interesse para a fé cristã e o que não tem.

Mas depois tinha com vários estudantes uma relação ativa e, pronto, foi a vida… esse livro [FORA DO DIÁLOGO NÃO HÁ SALVAÇÃO] já deve ser o décimo, não é?

JVC - Então, a coordenação desta obra é do João Miguel Almeida, do Alfredo Teixeira e da Helena Topa?

Foram eles encarregados pela Guilhermina, que é diretora da Editorial [Temas e Debates]. E a Editorial é que editou todas as coisas que eu fiz, antes só tinha sido Mário Figueirinhas, no Porto. E foi aí os primeiros três livros, mas depois foi tudo sempre ela.

JVC - A primeira edição da "Religião dos Portugueses" é de 89, não é?

Sim.

JVC - Também foi na Figueirinhas?

A primeira, a primeira edição. A natureza das coisas mudou depois, mas fiz uma nova edição e, então, também houve um grupo que refez, em 2018. Mas isso, encontrei sempre pessoas a querer trabalhar e disponíveis para…

AA - A Helena Topa não é a amiga que queria levar com o seu médico a Terras de Bouro [V Jornadas das Bibliotecas - CFAC]? Lembra-se que ia com um médico e com uma amiga?

Não. A amiga é Luísa de Sarsfield Cabral, esteve presa pela PIDE e foi libertada no 25 de abril.

AA - E tem a ver com o Francisco Sarsfield Cabral economista e jornalista?

Ai, sim, sim. Ela era dos mais velhos. E ela foi, quando fomos a Terras de Bouro, e agora estamos sempre a falar disso. Mas o médico também quer ir, porque ele fez já a última lição no hospital, ele era professor de Ética lá, e como médico dos partos, mas agora já está livre, está aí num particular qualquer, não sei… Mas, a vida, depois, puxa uma pela outra… por exemplo, eu recordo-me que a última intervenção que fiz foi em Caminha, e o Sobrinho Simões estava lá e até presidiu, creio eu, à reunião. Mas, depois foi o "eclipse" [pandemia]…

AA - Em Arouca, onde o médico Sobrinho Simões tem raízes, há duas ruas que convergem, uma Dr. Simões Júnior e outra Dr. Figueiredo Sobrinho, respetivamente seus avô e bisavô.



Doutoramento na Universidade do Minho

E foi lá que eu vi, naquela serra, as Pedras Parideiras.

AA - Serra da Freita. As Pedras Parideiras são um fenómeno.

Não conhecia nada daquilo, daquele fenómeno.

AA - E é um fenómeno único. As Pedras Parideiras. Elas agora foram protegidas. Que aquilo estava a ser vandalizado.

Você [José V. Capela] agora continua na investigação histórica?

JVC - Olhe, para mim foi uma inspiração, digo-lhe, sinceramente, não tinha lido a sua "Religião dos Portugueses". E foi uma revelação a leitura daquela obra, porque, de facto, penso que a nossa história religiosa está muito bloqueada pela Teologia, pelas instituições, pela igreja. E gostei muito do seu livro porque é uma maneira nova de falar da religião dos portugueses numa perspetiva história cultural.

Ai, sim!

JVC - Que importância teve na sua vida a terra onde nasceu e viveu os primeiros anos?

Conhece muito bem Travassos?

JVC - Mais ou menos.

Só tem estrada e luz elétrica em 1980. Agora tem estrada, mas na altura as pessoas transportavam as coisas às costas de Covas ou de Vilar para Travassos.

AA - Fez esse trajeto em toda a primária, de Travassos para Vilar, todos os dias?

Não só, a gente era ir e vir!
Sobretudo quando nevava, as ovelhas iam mais para baixo e a gente também ia. Mas nunca fomos dispensados da escola. E porquê? Pouca gente aprendia alguma coisa. Não sei, havia uma "alergia"... nós, pelo contrário, o meu pai tinha feito a terceira ou quarta, creio que ainda não havia quarta classe, em Sampaio [de Seramil], é longe. E então ele levava coisas para as pessoas cozinharem para ele e ele ficou uma espécie de escriturário da freguesia, porque tudo o que havia a escrever... e depois era sempre designado presidente da junta, regedor, aquelas coisas todas. E era ele que escrevia. Depois, quando nós começamos a escrever, eu fartei-me de fazer redações de namorados...

JVC - Essas redações de namorados também se compravam na feira!

Sim, sim, mas eu tinha de fazer isso porque estavam lá... Eu recordo-me de um colega chegar ao pé do João dos Chancas para ele lhe escrever uma carta, muito indignada, para a namorada que estava em Lisboa, e disse-lhe: "Quero uma carta muito indignada contra a minha namorada, quero que ela fique a ferver!". E então, o João Chancas escreveu uma carta que era realmente terrível para ela. Mas o João dos Chancas era muito engraçado, e disse-lhe: "Olha, vai acolá virar as vacas naquela leira.", o colega foi, e ele pegou tirou o conteúdo do envelope e o envelope foi sem nada, porque ele dizia: "Está a ofender uma senhora...". Só que ela ainda ficou mais ofendida, quando recebeu um envelope sem nada dentro!

Mas eu redigi muitas cartas, elas ditavam e eu escrevia, porque eram muito poucos os que faziam a quarta classe, muito poucos e muito poucas também. Depois, alguns em Lisboa, na tropa, e tudo isso, alteraram a sua situação.



Frei Bento Domingues e Família

Há uma história fantástica, que eu acho uma história fantástica, sobre as mulheres. Em Travassos, havia um senhor que ia dar lá escola, ensinar a ler, a escrever e a contar, mas não era professor oficial. E, então, era uma coisa fabulosa, porque o livro... havia um só livro, que era do professor e que passava por todos; um dia da semana para este, outro para aquele... E uma lição que havia lá, que uma senhora achava horroroso ler aquilo, mas calhava-lhe a ela muitas vezes. Então, ela um dia estava a comer papas de milho e deitou-lhe uma colherada por cima [da página do livro], e comentou: "Esta nunca mais ninguém a lerá!

Só que o homem ficou tão indignado que proibiu as mulheres de ir lá às lições, só iam os homens. Eu acho que é uma coisa que a gente pensa: não, mas na situação em que era, era um instrumento de libertação, e tudo isso... As mulheres ficaram para trás. A partir dali, até haver a escola em Vilar, nenhuma mulher aprendeu ali a ler e a escrever.

AA - Em Vilar já era oficial, a escola?

Sim, já era oficial, claro!

AA - Qual era a professora primária, ainda se recorda?

Não me recordo... Eram três que se sucederam muito rapidamente umas às outras.

A última era uma professora de nome Celeste. Mas, o meu irmão [Bernardo] andou com o que foi presidente da Câmara, o Araújo, e essa era a Dona Plácida, o tempo todo, em Vilar. Aliás, de Chamoim e de Guardenha, depois da Mota, vinham também para Vilar à escola. É evidente que aquilo também não se podia aprender muito. Porquê? Porque eram mais de quarenta numa sala muito apertada, e aquilo era tudo cantado ... "Dois e dois, quatro..." era assim! Mas, eu acho que desempenhou um papel também grande...

Eu recordo-me que foi na vinda para a escola que vi na estrada uma coisa horrível, que era uma espécie de um bicho a andar sozinho e era um Volkswagen que estava na estrada! Mas como é que aquilo, sem ninguém, como é que aquilo anda?! Era para mim um mistério até chegar e perguntei à senhora professora e ela então disse-me...

A estrada que liga Vilar a Covide, o meu irmão António ainda andou lá a trabalhar nela.

JVC - Aí por 1945?

Sim, devia ser. Mas havia, para irritação lá, uma estrada para Carvalheira. E então, as pessoas diziam "Para Carvalheira, o que é que vale ter estrada ou não ter!"

JVC - Frei Bento, deixe-me fazer-lhe uma pergunta que me perpassa, muitas vezes, pela cabeça. Os dominicanos, em Portugal, nesses tempos em que vocês faziam essas reuniões, abriram o seminário apostólico, a Ordem era olhada de esguelha pelo regime?

Sabe que o professor principal teve mesmo de ir embora, era um belga e era uma pessoa extraordinária. Mas depois a escola era internacional e tinha espanhóis, tinha italianos, tinha franceses, tinha também americanos. Mas o Paul Denis tinha sido corrido do Congo, porque dizia aos belgas: "Preparem-se porque aquilo vai tornar-se independente". E foi corrido de lá. Quando veio, passou por Lisboa e foi visitar os Dominicanos, o provincial. Ele tinha cá um irmão, que era engenheiro em Torres Vedras, lá numa obra qualquer. E então, ele era um homem fantástico, não hesitou um minuto, aceitou e foi para Fátima, mas era de uma família muito rica, e ele era muito pobre. E o que é que acontece? Acontece que aquilo que a família lhe queria dar, ele fazia sempre que fossem livros. Então, a biblioteca de Filosofia e Teologia foi realmente financiada pela família dele. E ele, quando chegou, chegou sem nada, unicamente com o breviário. E quando saiu, fez a rifa da Bíblia Jerusalém, que ele tinha, entre

nós, porque, dizia ele: "Isso, eu encontro por todo o lado". Ele era um homem muito despojado, mas tanto sob o ponto de vista da Filosofia, como da Teologia, ele e a irmã recitavam em grego a antiga literatura. Todos eles eram assim, uma família muito ilustre. Mas ele resolveu gostar era de nós! Dizia que não havia gente tão simpática como eram os portugueses. O que era necessário era ser um bocadinho mais organizados. Mas dava-me riso, que ele gostasse loucamente de nós! E depois, o que é que ele foi fazer? Trazer um que tinha sido professor dele, mas que já estava aposentado, mas que era padre, que era uma coisa fantástica também, e ele disse: "Não, ele já está aposentado, mas é melhor que morra em trabalho!". E então veio para cá e passou, quando estava na Bélgica, a dizer "chez nous" (entre nós) era Portugal, não eram os belgas. Ficou também entusiasmadíssimo e havia um ambiente que era ao mesmo tempo internacional…

JVC - Pois, isso é interessante. Fico com a ideia de que o Frei Bento é também o resultado de um ambiente plural de abertura da Ordem Dominicana.

Sim, sim, sim!

JVC - Eu nunca percebi bem porque é que o Frei Bernardo se liga tão fortemente à doutrina do Personalismo de "Mounier".

Ao Mounier?
Sim, mas isso era um filósofo… Mas ele fez várias coisas…

JVC - Pois fez, está claro. Mas no mesmo campo filosófico ou filosófico-teológico, no que diz respeito ao São Tomás, fazem a rotura com os jesuítas e os velhos estudos conimbricenses e fazem uma leitura toda moderna do São Tomás… suporte da renovação dos vossos estudos.

Mas isso tem uma razão de ser.
JVC - Qual é essa razão? Porque, de facto, são dois caminhos diferentes, o seu e o do seu irmão, ainda que em alguns pontos possam convergir…

O padre Chenu, que depois foi o que fez a mensagem no começo do Concílio do Vaticano, o padre Chenu, em 1939, soube pela rádio que tinha o seu livro sobre a Teologia no Index [Livros proibidos da Santa Sé]. Esse homem é que fez a grande introdução ao estudo do São Tomás. O que é que ele quis fazer e fez? (Até o Umberto Eco disse uma coisa fantástica, eu acho…) "São Tomás era um incendiário e fizeram dele um bombeiro!" Porquê? Porque no começo do século XX, finais do século XIX, queriam encontrar uma doutrina segura contra o modernismo, contra o positivismo, o socialismo… E, então, queriam que o São Tomás fosse a arma contra o mundo moderno. Ora, o padre Chenu fez um livro sobre "L'Introduction à la lecture de Saint Thomas" em que ele mostrava que os estudos que não forem históricos sobre São Tomás, reduzem-no a teses.

JVC - Pois é…

Ora, tinham feito as teses ad menti divi Thomae, mas eram coisas quase como blocos. Eu conheci isso muito bem em Salamanca.

JVC - Pois, esse era o bastião ibérico.

E então, o que é que acontece? Acontece que ele "descongelou" e isso, depois, era em relação a tudo.

Esse livro já foi publicado sobre o Padre Lagrange que fundou a Escola Bíblica de Jerusalém (que esteve fechada por causa de PIO X) que era para estudar cientificamente a Bíblia. Então, era necessário que todos os elementos da história antiga (problemas, arqueologia, tudo)… Essa Escola Bíblica de Jerusalém ainda existe. Houve um dominicano [Francolino Gonçalves] que morreu e que está sepultado nas Corujas, em Trás-os-Montes. Esse viveu a vida toda (só fez a tese de doutoramento ao fim de 30 anos), e depois ainda ficou lá como professor e era um grande investigador. Nós publicámos um livrinho em que o padre Lagrange conta os sofrimentos que teve… e os cadernos durante o concílio do Padre Congar. Esses… até me dedicou um desses cadernos a dizer "*C`est un homme de l'avenir*".

JVC - Yves Congar? Fez-lhe uma dedicatória?!

Sim, sim. Acho que publicou mesmo lá o meu nome.

JVC - Tem esse registo?

Tenho, tenho. Foi em dois livros que ele fez a dedicatória. Eu fiquei assim um bocado… Porquê? Eu tinha-o defendido… ele é que era um mestre grande. Era muito novo, mas num congresso em Valência (que era da aplicação do Concílio) toda a "reação" se reuniu contra ele, porque ele era tido como o promotor de uma visão… disseram que queria negar Nossa Senhora como padroeira da Igreja. E eu: "Não, desculpe, só se lhe chamarem avó. A Igreja é a nossa mãe…". E fiz uma discussão brava com o que eu conhecia bem dos outros de Espanha. E o homem ficou-me toda vida agradecido por uma banalidade, por uma banalidade… porque ele dizia: "Tu tiveste coragem de enfrentar aqueles energúmenos todos!". Não, mas não era preciso coragem, era dizer… Agora até andamos a publicar a biblioteca…

JVC - O que significa que, portanto, no interior da Ordem havia um clima de liberdade.

Mas quando não há liberdade é contra a Ordem! Porque tudo começou por aí.

São Domingos, quando reuniu os frades, a primeira coisa que fez foi um capítulo geral, e demitiu-se como superior, e disse

o que era um princípio medieval: "O que diz respeito a todos deve ser tratado por todos". E mandou os juristas de Bolonha... (alguns depois entraram na Ordem) fazerem o esboço de uma constituição, de constituições, que depois seriam aprovadas nesse capítulo. Isso assim aconteceu, mas é uma obra-prima (dizem os juristas) o que fizeram. Só que tudo, tudo, tudo entre nós tem de ser sempre votado. Tudo... E, por isso, quando eu via cá o problema das eleições, ficava irritado. É evidente que uma ordem religiosa não é grave, uma cidade já é mais, mas um país...

O princípio democrático é muito importante, é muito importante! Não é muito eficaz em muita coisa, mas porque se vem um tipo genial e põe tudo a andar, está muito bem, mas se calha de ter gente como o Hitler, não é?...

AA - Se tem a genialidade ao contrário é o diabo...

É, é... É muito difícil... é o mundo... Agora, essas coisas sábias dão-se na História...

JVC - Frei Bento, falando mais diretamente na sua "Religião dos Portugueses" ... Lendo a Agustina, fui confrontado com uma passagem sobre o relato de uma aparição no Marco de Canaveses, que está na memória do povo da região, sobre uma aparição da Nossa Senhora. Nem de propósito, recolhi um relato, no mesmo território, de aparição na Serra da Aboboreira, a 13 de maio de 1957 (in Memorias Paroquiais do Porto).

A Agustina, no campo da literatura, é a minha preferida, porque ela escreve, de vez em quando para, começa a fazer um discurso... vai tudo pelos ares! É uma maravilha e eu gosto imenso.

JVC - As proximidades deste relato com o de Fátima são enormes (no dia, no nome dos três pastorinhos presentes na primeira aparição (do Anjo), no fenómeno da Luz ao cair do dia...)

Claro... tinha de ir buscar a algum lado!

JVC - Desde então alimento a ideia de seguir os múltiplos relatos escritos e orais de aparições da Virgem ao longo dos séculos e de que há imensos testemunhos.

Penso que é necessário, adentro desse contínuo de aparições, introduzir a periodização de ciclos de aparições em relação com complexos e ciclos da História de Portugal. Designadamente os temas com que as comunidades são mobilizadas para estes fenómenos, que vêm ao encontro de problemas nacionais, da sua catequização e de conformação com projetos nacionais, da Igreja ... do Estado.

Eu gostava de fazer uma espécie de compilação de todas as descrições das aparições ou, pelo menos, das mais importantes. Pegar nos textos e fazer o paralelismo...

Sabe que há uns autores [Vítor Serrão e Aurélio Lopes] (eu até prefaciei um livro deles sobre uns pintores), esses também fizeram assim algumas coisas, mas eu acho que uma obra dessas era mesmo importante... fazer esses paralelismos.

JVC - Há muitos ciclos das aparições, não é? E este aqui é um dos ciclos que eu associo ao Terramoto. Depois, há o ciclo da expansão ultramarina, em que aparece Cristo e Nossa Senhora; há, provavelmente, outro ciclo da crise de D. Afonso VI e D. Pedro II; depois, mais tarde, há o de 1917, que foi o que vingou mais, não é? Portanto, há múltiplos ciclos de aparições a intervir na História de Portugal que é necessário procurar sistematizar.

Pois torna-se necessário compaginar todos esses relatos para atingir os mecanismos político sociais e histórico-culturais da construção dos milagres.

Eu acho que isso é fundamental!
Mas olhe, é muito importante divulgar essas coisas. Porquê? Porque a fé em Jesus Cristo não precisa de mentiras. Quer dizer, é necessário ver que o folclore anda sempre em roda dessas coisas... narrativas fantasiosas e tudo. Mas é necessário compreender o sentido delas. Refiro sem fantasia, sem histórias (agora estamos no tempo do Santo António, a meu ver é o santo mais surrealista... "pregar aos peixes", mas por alguma razão a gente agora come as sardinhas), mas o problema é de que, quando quiseram fazer a religião severa... eu ainda conheci esse tempo que chamavam de cristianizar e era tudo proibido; eu ouvi, em Saim, num amplificador, que estava proibido dançar e tudo isso... e começaram a dançar e então ouvi esta coisa bárbara: um padre, que até nem era má pessoa, mas foi a esse micro dizer: "Prefiro ver-vos no hospital de São Marcos, que a dançar".

Era realmente uma tentativa que se chamava cristianizar e era reduzir as festas à missa, a um sermão e pouco mais. No São Bento da Porta Aberta, nunca conseguiram suprimir tudo, mas a Senhora da Abadia foi "morta" assim. Quer dizer...

AA - ...dar aquele cariz só religioso, sem deixar o povo manifestar-se e viver...

O São Bento de Travassos também não vingou como o São Bento da Porta Aberta?!

E era anterior! Mas era uma terra pobre e tal... Mas aquela história das imagens... em que as encontravam... porque parece que a ameaça muçulmana fazia com que as pessoas escondessem as imagens em vários sítios. Depois havia aparições e havia....

JVC - Há as que vêm do chão e as que vêm do Céu!
Esses relatos são histórias que vêm do fundo dos tempos.

É muito importante isso!

JVC - É... Mas, no essencial são construções populares que depois... às vezes, a Igreja é obrigada a adotar... está aí uma dialética...

Sem humor, sem fantasia, sem tudo, a religião perde a sua encarnação na vida das pessoas. Ora, o que é importante é a encarnação na vida das pessoas, aquilo que chamam de inculturação e tudo isso..

.
Ora, queriam uma religião pura, mas se é pura não é humana! Nós somos seres com muitas tendências, muitas coisas...

AA - ...muitos defeitos, muitas virtudes...

E, por isso, se criou a bela expressão, esta expressão fantástica: "Um santo triste é um triste santo!". Quer dizer: então, se se está a acreditar na intimidade de Deus, a acreditar na sua presença misteriosa, misteriosa... a gente não sabe explicar... mas, como é que andamos tristes em vez de recorrer à alegria? Deixar inundar a nossa vida pelas coisas boas... olhar sempre para o que é mau, não dá! Não dá!

AA - Frei Bento, voltando à terra. Eu conheci o António, seu irmão, já falecido, que era mais novo...

Não, não, era o mais velho, era o mais velho de todos ...

AA - Ai era?! Estava enganado... Conheci-o muito bem e recordo que ele tinha um humor e uma ironia que eram só dele. Aliás, quando eles se juntavam (António de Travassos, o Zé do Chasco, o Cláudio de Saim, o Manuel de Gondoriz, que eram quatro carpinteiros), aquilo era uma festa! O António dava a entender que não estava a ouvir a conversa dos outros, mas, de repente, explodia com o seu humor e ironia estalando e instalando a boa disposição no grupo desmanchando logo tudo. O bom humor do Frei Bento parece ser hereditário!

Agora, só estamos eu, o meu irmão Espírito Santo (que está no Porto) e a minha irmã Isabel, que foi casada com o Jeremias e tiveram doze filhos, que estão agora todos espalhados...

AA - Ainda conheci o pai do Frei Bento, na loja do meu pai.

Mas o meu pai era uma referência, podia ser juíz de paz. A minha mãe era espavorida e lutou muito para não haver floresta nacional, porquê? Porque aquilo era uma terra pobre, e onde se safavam era com o gado. Tiravam-lhe o pasto, acabava o gado. O que é que ela fez? Havia lá um homem em Vilar, o Catalão, e esse Catalão era reacionário até à quinta casa... No fim da missa, ele fazia sempre uma arenga e, um dia, a minha mãe enfrentou-o e disse-lhe assim: "Eu queria vê-lo a guardar ovelhas e a guardar cabras, em vez de estar a dizer essas asneiras!" Ficou célebre...

> ***"Eu queria vê-lo a guardar ovelhas e a guardar cabras, em vez de estar a dizer essas asneiras!"***

AA - Referiu atrás que esteve em Salamanca no tempo do Franco. Pois bem, trago-lhe aqui um livro escrito por um lisboeta, André Gago, que se chama "Rio Homem" e cruza a guerra civil de Espanha e Vilarinho da Furna.

Vilarinho?! Oh, muito obrigado! Sabe? Eu dormi uma noite em Vilarinho da Furna. Aos quinze anos, tive reumatismo e então fui a uma coisa que agora é um luxo, do outro lado da Serra. Como se chama aquilo? Lóbios. Agora é uma coisa luxuosa e tudo... Havia um socalco nascia a água quente ali debaixo e entrava numa casa que tinha umas piscinas com um chão duro e cada um entrava na água até onde suportava. Ao fim de oito dias, a pessoa ficava curada. Não fiquei curado, mas fiquei muito bem.

AA - Pois o livro, basicamente, conta a história de um soldado que combateu na Guerra Civil de Espanha pelos Republicanos contra o Franco e tem de fugir para não ser morto. Acaba por vir parar a Vilarinho. O livro aborda, ainda, a exploração do volfrâmio nos Carris, a construção da Barragem de Vilarinho das Furnas, refere a relação de Miguel Torga e Jorge Dias com Vilarinho, e o abandono pelas gentes de Vilarinho da sua terra.

Obrigadíssimo! Obrigadíssimo! Fico contente!

AA - Frei Bento, foi um gosto e temos aqui uma conversa de profundo deleite...

JVC - Foi um gosto, mas a gente gostava de o ter mais lá por cima!

Do Monte (Santa Isabel) a Souto

João Luís Dias




Rebordochão



Casas – poucas - de pedras duras, calçadas no chão, ladeadas de pequenas hortas e um lavadouro comunitário a transbordar de água fria escorrida de regatos do monte do "formigueiro", onde hoje poucas serão as camisas, as calças, as saias e aventais que nele se lavam, esfregam e torcem, para depois ficarem a corar ao sol, fazendo deste o guardador do aprumo das pessoas.

Comecei por Alecrimes, um pequeno lugar a sul de Santa Isabel do Monte, freguesia altaneira, o meu passeio por terras e lugares do concelho de Terras de Bouro, onde o sol queima no verão e gela no inverno e na primavera e outono são rainhas as flores e as folhas, que espalham aromas de funcho e alecrim, pelas paisagens deslumbrantes, temperando os olhos de quem passa, rendidos ao melhor que a natureza oferece.

Sigo pela mesma freguesia, no sentido norte e logo depois, passando por Rebordochão, contemplo o planalto de Campos Abades - antigas terras do Convento de Santa Maria de Bouro - mantendo-se neste lugar, preservando o passado, a belíssima "Casa dos Bernardos", edifício restaurado - sem ser alterada a traça original - para fins turísticos, de responsabilidade municipal. Aqui, para além desta, mais casas de pedra lavada, com "chapéus" de telha asseados e pessoas afáveis, de trato e verbo fácil. Não serão muitas as que resistiram à saída e procura de novas e melhores condições de vida, mas as poucas que resistiram e ficaram, conseguem uma conversa que se estenderia por um dia inteiro, por tantos serem os motivos, as estórias para contar, que o gado de sustento, a saudade e o silêncio de tantos anos lhes encheram a memória e a alma.

Antes de continuar o passeio, permanecendo ainda em Campos Abades, vejo um alinhado de vacas barrosãs a percorrerem pela estrada da aldeia e ficarem à espera da abertura da porta de entrada da corte/estábulo, depois de terem pastado livremente nos montes desde a manhã. Acredito que no verão o seu relógio será o sol e quando este se esconde no resto do ano, será a cor do céu a marcar a hora do regresso.

Poucos metros adiante, no sentido norte, e antes de iniciar a descida íngreme, paro num outro planalto, onde na margem esquerda da estrada, nas "Alminhas de Corduíde", permanecem velas acesas, como não se querendo deixar, à noite, sem luz, a devoção religiosa, quiçá bênçãos pedidas. Neste lugar manda o silêncio e alguns cavalos garranos, que dele fazem porto de abrigo o ano inteiro.

Depois de respirar o mais puro ar brotado da urze e do céu, começo a descer a serra por estrada de bom asfalto, circundada por montes vestidos de matas e, aqui e além, carvalhos velhos e tenros, fico fascinado a olhar, lá, em frente, algum casario de Gondoriz, Cibões e Carvalheira e nesta, mesmo distante, sobressai o "Bom Jesus das Mós" – pequeno santuário/miradoiro. É magnífico este percurso, principalmente, se percorrido em dia de céu limpo, para que se possa consumir cada detalhe da paisagem até ao horizonte.

Ao meio/fundo da descida, volto à esquerda em direção a Chorense e passo em São Sebastião da Geira, onde uma pequena capela, bem cuidada, abriga de fé e marca um trilho da velha estrada romana. A descida continua, antes que se faça tarde demais para chegar ao destino que defini: a estrada nacional que liga Braga a Terras de Bouro.

Desço, percorrendo todos os lugares bonitos de Chorense, principalmente a monumental igreja e ao fundo, no cruzeiro de Emaús, volto à esquerda no sentido da Balança - parte cimeira - onde mais uma igreja é digna de admiração, quer pela sua antiga e bela construção, quer pela sua localização. Daqui olha-se, num quadro só, todo o vale magnífico do Rio Homem.

Depois passo na Ribeira, com seus Casais de Riba d´Homem – terras dadas pelo Rei de Portugal a Senhores, para que fossem povoadas. Aqui nasceu um dos maiores poetas/trovadores medievais (Séc. XIII) – Estêvão Coelho, que entre as suas "cantigas de amigo", se realça "*Sedia la fermosa*", que se lê e estuda nos manuais.

Chego ao fim, a Souto, que tive o gosto de escrever o poema/letra para o seu hino "Terra de Outono", composto musicalmente, a meu pedido, pelo eterno e fantástico cantor/compositor Pedro Barroso.

Ainda em Souto, a poucos metros antes da estrada nacional, a que me propus chegar, paro e olho a bem cuidada e belíssima "Casa do Roupar", por onde, em tempos remotos, passavam e paravam, para uma sopa e muda de roupa, num conforto gracioso, peregrinos com destino a São Bento da Porta Aberta.

Os gestos, as coisas e as casas ficam na história, quando valem muito e lhe acrescentam valores maiores.

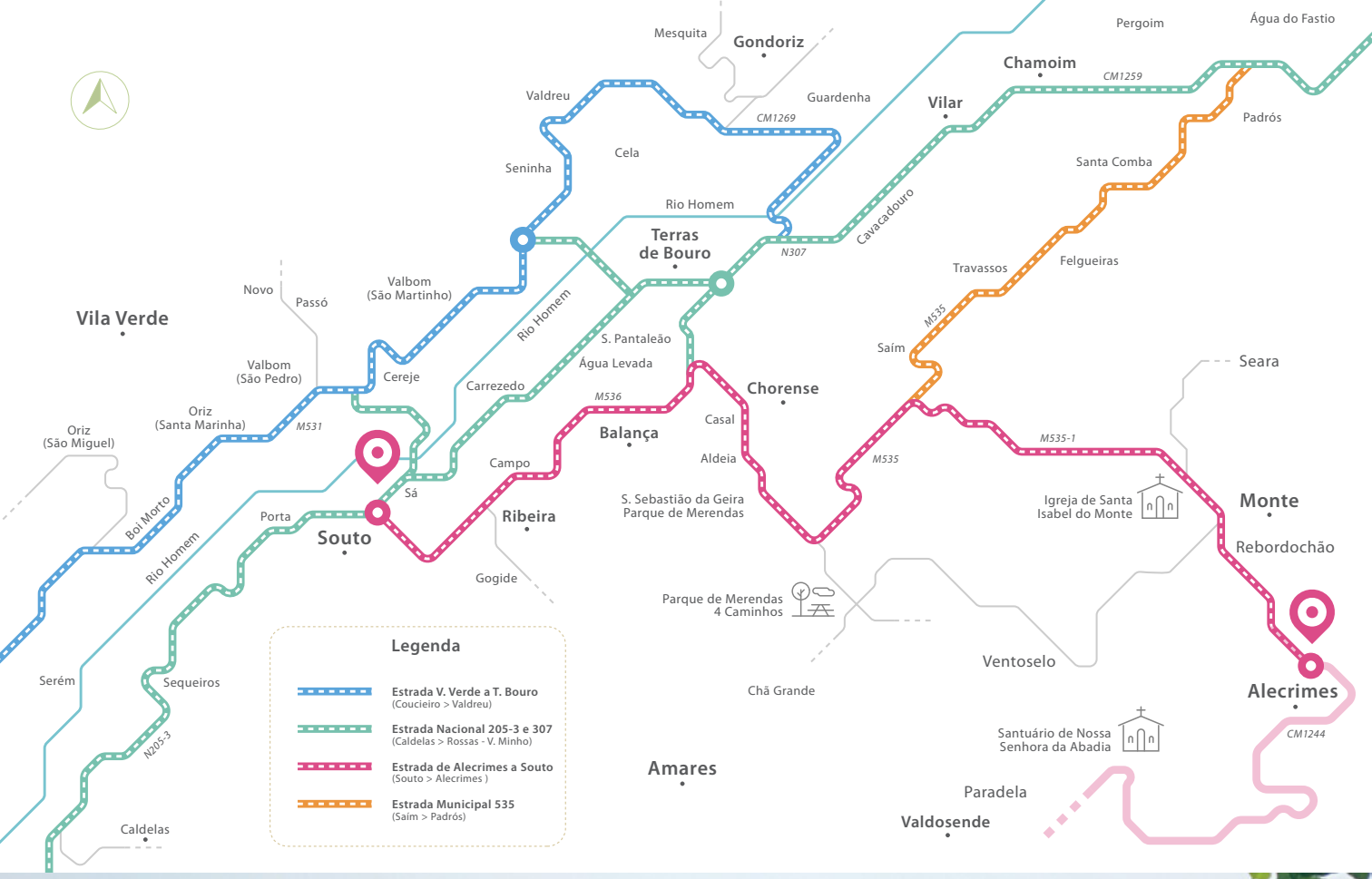
Por aqui me fico. Volto à direita, na estrada nacional, em direção a casa, perto da Vila de Terras de Bouro.





Campos Abades




Mesquita
Gondoriz
Pergoim
Água do Fastio
Chamoim
CM1259
Valdreu
Guardenha
CM1269
Vilar
Padrós
Cela
Seninha
Santa Comba
Rio Homem
Terras de Bouro
N307
Cavacadouro
Travassos
Felgueiras
Novo
Passó
Valbom (São Martinho)
Vila Verde
M535
Rio Homem
S. Pantaleão
Saím
Seara
Valbom (São Pedro)
Água Levada
Cereje
Carrezedo
Chorense
Oriz (Santa Marinha)
M536
Casal
M531
Balança
M535-1
Oriz (São Miguel)
Aldeia
M535
Campo
Igreja de Santa Isabel do Monte
Monte
Sá
Boi Morto
Porta
Souto
Ribeira
S. Sebastião da Geira
Parque de Merendas
Rebordochão
Rio Homem
Gogide
Parque de Merendas 4 Caminhos
Ventoselo
Serém
Sequeiros
Chã Grande
Alecrimes
N205-3
Santuário de Nossa Senhora da Abadia
CM1244
Amares
Paradela
Caldelas
Valdosende
Legenda
Estrada V. Verde a T. Bouro
(Coucieiro > Valdreu)
Estrada Nacional 205-3 e 307
(Caldelas > Rossas - V. Minho)
Estrada de Alecrimes a Souto
(Souto > Alecrimes)
Estrada Municipal 535
(Saím > Padrós)


Ribeira



S. Sebastião da Geira - Chorense



Balança



Souto

José Carlos Pimenta Machado, licenciado em Engenharia do Ambiente pela Universidade de Aveiro, pós graduado em Engenharia do Ambiente, pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, detém um Master in Public Administration, pela Universidade Católica e o Curso de Estudos Avançados de "Defesa Nacional". Atualmente é Presidente da Agência Portuguesa do Ambiente



Os recursos hídricos e o Gerês: tesouro ambiental a preservar

José Carlos Pimenta Machado

Os recursos naturais constituem um importante ativo para Portugal. É também graças a eles que o nosso país integra um grupo privilegiado de Estados com níveis de biodiversidade elevados.

O Parque Nacional da Peneda-Gerês é disso um excelente exemplo. A única área protegida portuguesa classificada como parque nacional, o Gerês é um tesouro ambiental e um importante fator de desenvolvimento regional e local.

A riqueza do seu ecossistema constitui um fator diferenciador de todas as áreas protegidas de Portugal. E neste campo não podemos esquecer como os recursos hídricos são essenciais para esta riqueza e exuberância ambiental. As zonas ribeirinhas são zonas de grande valor para a conservação da natureza e da biodiversidade e desempenharem, também, um papel essencial no quadro de uma gestão moderna dos recursos hídricos, visando a proteção dos ecossistemas que lhe estão associados e proporcionando maior valor económico, social e ambiental.

Com efeito, a reabilitação dos sistemas ribeirinhos constitui um importante passo para alcançar a qualidade ecológica das massas de água, desafio que nos é colocado, no contexto europeu, pela aplicação da Diretiva Quadro da Água (DQA, Diretiva 2000/60/CE), transposta para o nosso país pela Lei da Água (Lei n.º 58/2005, de 29 de dezembro, na sua última redação dada pela Lei n.º 130/2012, de 22 de Junho) e, também, no contexto mundial contribuindo para a estratégia da Década da Restauração de Ecossistemas 2021-2030, proclamada na Assembleia Geral das Nações Unidas, que visa prevenir, interromper e reverter a degradação dos ecossistemas em todos os continentes e oceanos.

Na Lei da Água, destacam-se, entre outros, os princípios da dimensão ambiental da água, da gestão integrada das águas e dos ecossistemas aquáticos e terrestres associados, da precaução, da prevenção e correção, prioritariamente na fonte. Entre os diversos instrumentos previstos, as medidas de proteção e valorização dos recursos hídricos, integradas em planos de gestão ou adaptadas a finalidades específicas, contemplam ações como a conservação e reabilitação da rede hidrográfica e de zonas ribeirinhas, a renaturalização e valorização ambiental e paisagística das linhas de água e das zonas envolventes, a conservação e reabilitação de zonas húmidas ou qualquer outra que vise a prossecução dos objetivos ambientais referentes ao bom estado e bom potencial das massas de água.

Nesse quadro, os rios Lima e Cávado – os principais que serpenteiam o Gerês – mas também o Rio Homem desempenham um papel fundamental na manutenção da biodiversidade e na mais-valia ambiental, social e turística da região.

A Agência Portuguesa do Ambiente (APA), enquanto Autoridade Nacional da Água e entidade responsável pela gestão dos recursos hídricos, tem trilhado já um longo caminho no que à reabilitação dos ecossistemas ribeirinhos, tendo desde já desenhada e publicada uma Estratégia Nacional da Reabilitação de Rios e Ribeiras - EN3r - permite fornecer o enquadramento estratégico necessário à elaboração de um plano específico para a reabilitação de rios e ribeiras, por região hidrográfica.
Nos últimos anos a APA tem investido em diversas intervenções de requalificação fluvial, nomeadamente com a celebração de diversos protocolos de colaboração com o município de Terras de Bouro no sentido de reabilitar e valorizar as massas de água.

Protocolos que já possibilitaram a reabilitação de cerca de 15 Km de margens do Rio Homem, através da realização de várias ações de limpeza e valorização da galeria ripícola, desenvolvendo tarefas de contenção de espécies exóticas invasoras, corte de algumas espécies espontâneas, plantação de árvores autóctones ribeirinhas, aplicação de soluções técnicas de engenharia natural para estabilização das margens e limpeza e valorização do património hidráulico, nomeadamente, de poldras, passadeiras e pontes.

Em paralelo, a APA tem imprimido também mais dinâmica no que à fiscalização diz respeito, tendo, conjuntamente com o apoio do município de Terras de Bouro e do ICNF, organizado uma intervenção de limpeza das margens da Albufeira da Caniçada.

Nesse quadro, destaca-se a ação de fiscalização que decorreu em 2022 e que foi levada a cabo, em articulação com o Corpo de Fuzileiros da Marinha Portuguesa e a Guarda Nacional Republicana, e que resultou na remoção de diversas estruturas e equipamentos ilegais, bem como na apreensão de motos de água. Mas também na instauração de vários procedimentos administrativos de revogação dos títulos de utilização de recursos hídricos dos operadores marítimo-turísticos, cujos títulos padeciam de irregularidades.

Aliás, foi a necessidade da fiscalização da Caniçada, evitando a contínua prática de ilegalidades no que diz respeito à utilização do plano de água e das suas margens, que motivou também a celebração do protocolo entre os municípios ribeirinhos, Vieira do Minho e Terras de Bouro, a APA e o ICNF para que, de uma forma concertada e em conjugação de meios, tal fiscalização possa ser mais efetiva.

Paralelamente a todas estas ações e intervenções de recuperação e valorização fluvial, a APA está a levar a cabo a elaboração do Programa Especial da Albufeira da Caniçada, que se encontra atualmente na fase de elaboração do Levantamento da Situação de Referência (Fase 1), sendo a próxima fase a elaboração da pré-proposta de Programa.

Assim, e como podemos constatar, a APA está atenta às necessidades deste território tão único, não descurando as suas obrigações e competências de monitorização, fiscalização, planeamento e licenciamento até porque a gestão dos recursos hídricos continua a ser um pilar fundamental para aquele que é um desafio permanente: o desenvolvimento sustentável de Portugal.

Braga, 19 de Julho de 2024



São Bento da Porta Aberta: um farol para o Turismo Religioso



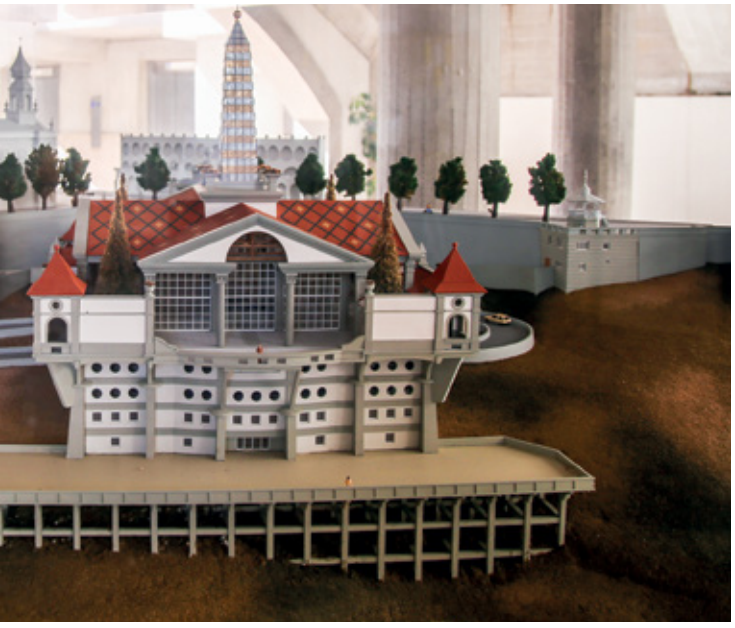
Este santuário atrai anualmente cerca de dois milhões de peregrinos e turistas

Varico Pereira
Tesoureiro da Irmandade de S. Bento



São Bento da Porta Aberta é um dos mais importantes santuários em Portugal, localizado na região do Minho, na freguesia de Rio Caldo, concelho de Terras de Bouro. Este santuário atrai anualmente cerca de dois milhões de peregrinos e turistas, sendo um ponto de encontro para a espiritualidade e devoção. O nome "Porta Aberta" advém da tradição de São Bento, conhecido por ser acolhedor e manter as portas do mosteiro sempre abertas para quem necessitasse de ajuda. Este espírito de hospitalidade é sentido por todos os que visitam o santuário. O acolhimento cristão baseia-se em princípios de hospitalidade, caridade e serviço ao próximo, inspirados nos ensinamentos de Jesus Cristo. Este Santuário dispõe de infraestruturas e serviços que permitem ajudar e receber os peregrinos e visitantes, criando um ambiente acolhedor

O Santuário de São Bento da Porta Aberta, com sua arquitetura imponente, oferece um espaço para oração, reflexão e encontro espiritual. Dispõe de uma multiplicidade de espaços que convidam o visitante e peregrino a momentos de reflexão espiritual, oração, recreação e lazer. A igreja, construída no século XVII e ampliada posteriormente, é um exemplo notável da arquitetura religiosa, com um interior ricamente decorado com azulejos e um altar-mor dedicado a São Bento. A Cripta, inaugurada em 1998, é um exemplo notável da arquitetura religiosa contemporânea, obra do arquiteto Luís Cunha, com espaços privilegiados para a oração e contemplação. Na dimensão do lazer e recreação, este Santuário dispõe de vários



Vídeo
S. BENTO DA PORTA ABERTA

serviços ao dispor do turista e peregrino, desde hotel, restaurante, alojamento local, casa das estampas, parque de natureza e parque de merendas.

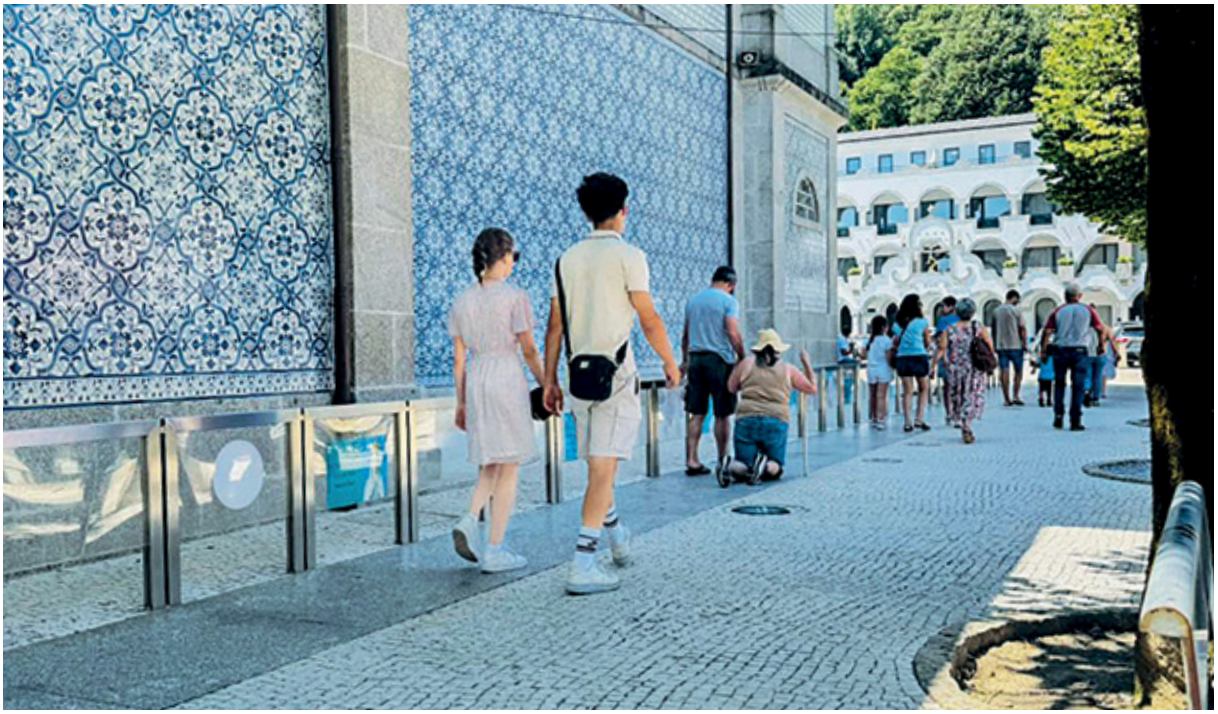
Os visitantes de São Bento da Porta Aberta têm a oportunidade de participar em diversas celebrações litúrgicas e eventos religiosos ao longo do ano, especialmente durante as grandes peregrinações em agosto. Além das missas e procissões, há também momentos de oração, reflexão e atividades culturais que reforçam a importância deste local como um centro de fé e comunhão.

Porquanto, é evidente, que o Santuário de São Bento da Porta Aberta é um dos principais destinos de turismo religioso em Portugal. Local de peregrinação que atrai milhares de fiéis anualmente. A devoção a São Bento, padroeiro da Europa, tem raízes profundas na comunidade local e expandiu-se pelo pais e pela diáspora.

A sua localização, dentro do Parque Nacional da Peneda-Gerês, transforma-o num espaço privilegiado, cercado pela majestosa paisagem montanhosa do parque. Esta localização única permite aos peregrinos e turistas não apenas vivenciar a espiritualidade do local, mas também desfrutar da tranquilidade e da beleza natural que a região oferece. Caminhadas, retiros espirituais e momentos de contemplação junto à natureza são atividades comuns que enriquecem a experiência dos visitantes e que a Irmandade de São Bento pretende desenvolver.









Os caminhos de peregrinação que nos levam a São Bento, a pé ou de bicicleta, oferecem uma conexão direta com a natureza, passando por florestas densas, riachos e montanhas, que permite aos peregrinos vivenciar a espiritualidade na serenidade da natureza.

Envolvidos no espírito da Encíclica *Laudato Si'*, pretendemos favorecer a conexão entre espiritualidade e a natureza, seja no Santuário ou através dos vários caminhos de peregrinação, seguindo trilhos tradicionais que cruzam a beleza natural deste território, marcada por paisagens deslumbrantes e momentos de introspeção que proporcionam uma experiência espiritual enriquecedora.

A nossa ação passará sempre por privilegiar uma visão e atitude sustentável, tal como nos salienta o Papa Francisco na encíclica *Laudato Si'*, sobre a importância da ecologia integral e do cuidado com a "casa comum". Neste contexto, o turismo religioso, neste Santuário, deve promover uma consciência ambiental que está intrinsecamente ligada à prática espiritual. Os visitantes devem ser incentivados a adotar práticas sustentáveis, respeitando o ambiente natural enquanto percorrem a







sua caminhada espiritual. Isso inclui a preservação dos trilhos, a proteção da fauna e flora locais, e a redução de resíduos. A mensagem da *Laudato Si'* é um lembrete constante da necessidade de harmonizar a devoção religiosa com a responsabilidade ambiental.

São Bento da Porta Aberta, deve equilibrar a devoção e o turismo religioso com a conservação ambiental. A encíclica *Laudato Si'* enfatiza a ligação entre todas as formas de vida e a importância de uma abordagem holística que considera as dimensões social, económica e ambiental. Os peregrinos e turistas que visitam São Bento da Porta Aberta devem ser incentivados a refletir sobre os ensinamentos da encíclica. A mensagem da *Laudato Si'* ressoa com a tradição beneditina de hospitalidade e cuidado, não só com os visitantes, mas também com o mundo natural e a comunidade local que os acolhe.

Assim, o turismo religioso em São Bento da Porta Aberta pode ser uma experiência evangelizadora e transformadora, que ultrapassa a dimensão espiritual, integrando uma profunda consciência ecológica e um compromisso com a sustentabilidade, conforme preconizado pelo Papa Francisco. Este santuário, com uma história e localização privilegiada, oferece uma oportunidade única para unir fé e responsabilidade ambiental, seguindo os princípios da *Laudato Si'*.

O turismo religioso e a evangelização são práticas que se complementam e têm um impacto significativo tanto no crescimento espiritual das pessoas quanto no desenvolvimento económico e cultural das regiões envolvidas. São Bento da Porta Aberta é uma âncora do turismo religioso no Minho e deve ser amplamente promovido interna e externamente, enquanto tal. Mas o turismo religioso, também, enfrenta desafios como a necessidade de preservar a autenticidade dos locais sagrados, a gestão sustentável do fluxo de turistas e a sensibilidade cultural na evangelização.

Concluindo, São Bento da Porta Aberta, com a tradição de peregrinação e romaria, continua a ser um farol de fé e esperança para muitos.

Os caminhos que levam ao santuário, bem como as celebrações anuais, oferecem aos peregrinos e turistas uma oportunidade única de fortalecer sua espiritualidade, conectar-se com a comunidade e vivenciar a beleza da devoção num ambiente *Laudato Si'*.

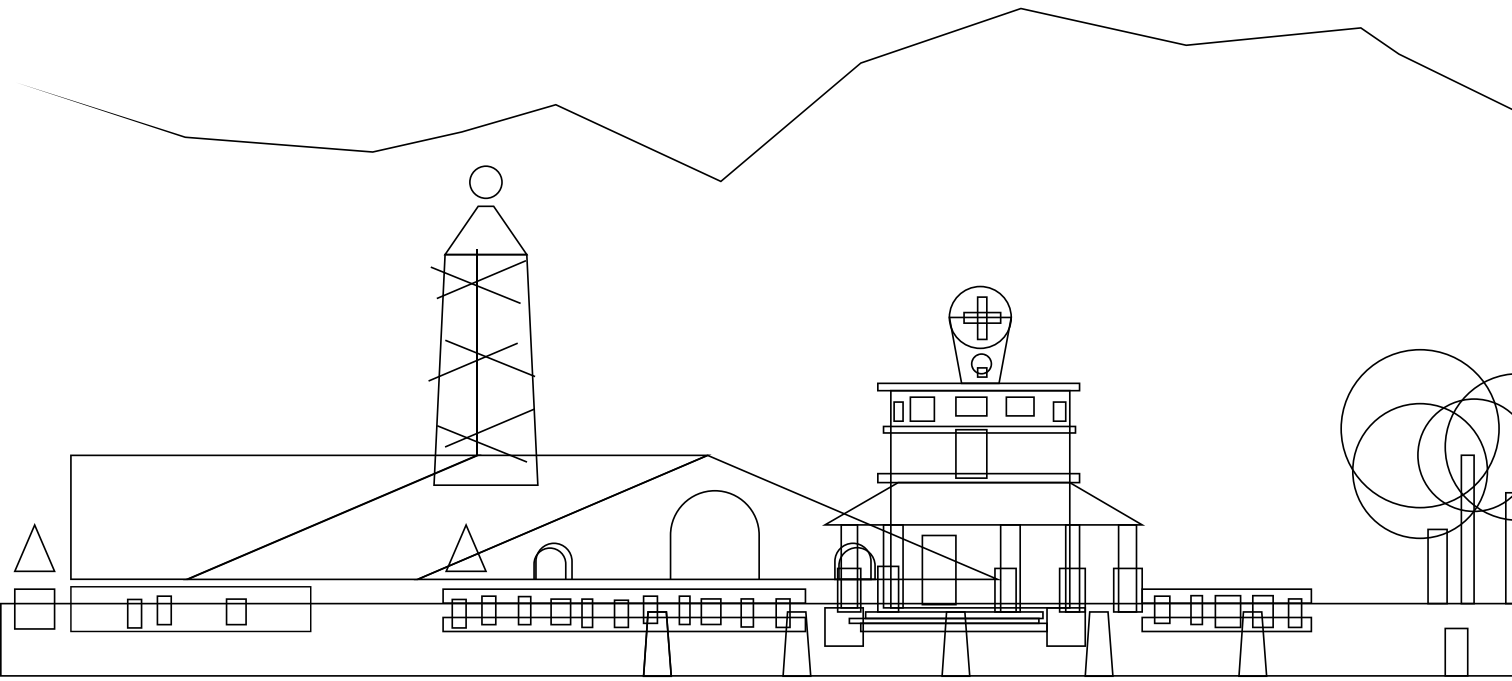


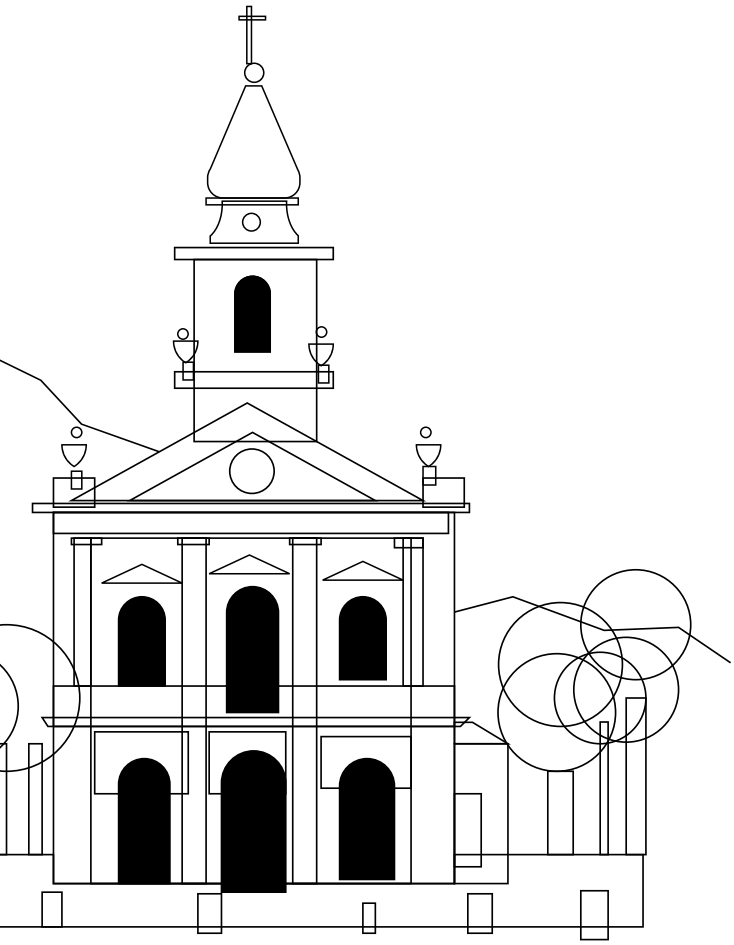


CAMINHOS DE
WAYS TO

SÃO BENTO

DA PORTA ABERTA NO CÁVADO





Caminhos de S. Bento da Porta Aberta em Terras de Bouro

CIM Cávado

A Basílica de S. Bento da Porta Aberta representa para o concelho, bem como para todo o território nacional, um importante centro religioso, visitado anualmente por várias centenas de milhares de pessoas.

Para além do caminho principal que começa junto ao litoral atlântico em Fão (Esposende) e chega ao Santuário de São Bento da Porta Aberta, existem outros caminhos secundários que trazem milhares de pessoas movidas pela Fé ao concelho de Terras de Bouro. Este epicentro religioso acolhe toda a gente, não só crentes e não crentes, peregrinos que transportam fé para louvar São Bento, mas também aqueles que, por lazer, vão somente para conhecer.

Existem duas formas de se chegar ao Santuário de São Bento da Porta Aberta seguindo o caminho principal no concelho de Terras de Bouro.



CAMINHO DO FORMIGUEIRO - ETAPA 7

Calcorreando um caminho florestal desde o Santuário de N. Sr.ª da Abadia, por matos e bosques, a descida é a última etapa de um longo caminho percorrido pelos peregrinos de São Bento da Porta Aberta com origem em vários locais de toda a região do Minho.

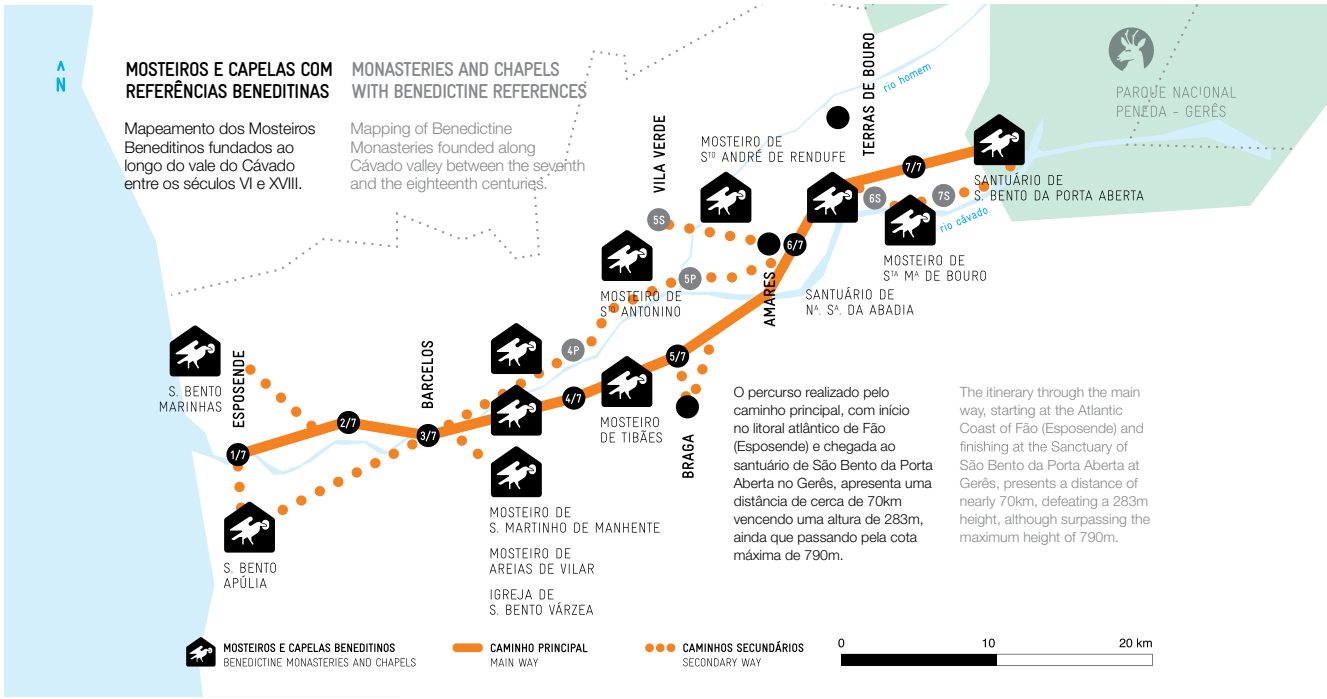
Vislumbrando o destino ao longe, a descida, por vezes vertiginosa de curva e contracurva, provoca um formigueiro nas pernas já quebradas pela distância. O baloiço de S. Bento afigura-se como um local de paragem necessário para recuperar forças, contemplando uma paisagem única.

Sendo o valor paisagísticos de registos únicos, não devemos esquecer os valores naturais. Matos e bosques repletos de arbustos em flor de várias tonalidades, sendo transversal a todas as estações do ano, na primavera e verão os amarelos de tojos - *Ulex*, os roxos da Urze - *Calluna vulgaris*, no outono e inverno o violeta das *Merendera pyrenaica* - *Colchicum montanum* e castanhos misturados com amarelos e verdes dos Carvalhos alvarinhos - *Quercus pyrenaica*, castanheiros - *Castanea sativa* e pinheiros bravos - *Pinus pinaster*, pintando assim um cenário de encanto superior.

As nascentes que rompem das rochas refrescam a sede acumulada do percurso e o som das águas a correr acalmam a ansiedade da chegada.







CAMINHO SECUNDÁRIO - ETAPA 7S

Ao chegar ao Santuário de S. Bento da Porta Aberta pela estrada que cruza as freguesias de Valdosende e Rio Caldo, os peregrinos ficam deslumbrados com a beleza da natureza que os envolve, podendo contemplar a magnifica paisagem do Parque Nacional da Peneda-Gerês, que os ajuda a tranquilizar o espírito e a repousar o corpo.

O facto de estar localizado neste anfiteatro natural, transforma-o num espaço privilegiado que permite aos peregrinos e turistas não apenas vivenciar a espiritualidade do local, mas também desfrutar da tranquilidade e da beleza natural que a região oferece. Caminhadas, retiros espirituais e momentos de contemplação junto à natureza são atividades comuns que enriquecem a experiência dos visitantes.

Neste derradeiro traçado pode ser contemplado um vasto património religioso composto pela Capela de N. Sr.ª da Conceição, Capela de N. Sr.ª das Angústias e Sr. Dos Aflitos, Capela do Sr. Dos Passos e pelas Igrejas de Valdosende e de Rio Caldo.



O culto a S. Bento da Porta Aberta como fator de desenvolvimento

António Afonso

Completam-se, este ano de 2024, 410 anos de história sobre o santuário de S. Bento da Porta Aberta situado em Rio Caldo (Terras de Bouro), uma freguesia que, durante séculos, primou pela sua ruralidade montanhosa nas faldas da serra do Gerês. Apesar da antiguidade e de ser possuidora de uma veiga fértil banhada pelo rio Freitas, seria o culto a S. Bento o catalisador do seu desenvolvimento, ao qual se associaria, a partir dos anos 70 do século passado, o turismo náutico na barragem de Caniçada e o turismo de natureza potenciado pelo Parque Nacional da Peneda-Gerês que integra.

Em 1614, as acessibilidades na freguesia de Rio Caldo eram tão más que o provisor da arquidiocese de Braga, cónego Manuel Pinheiro Figueira, recomendou ao pároco, João Rodrigues, para, no prazo de seis meses, edificar uma «ermida no lugar de Seara de Forcadela para a administração dos sacramentos, por ser lugar remoto da igreja e de grande distância de caminho», a qual era necessária para o «serviço de Nosso Senhor, ornando-a de todo o necessário», sob pena de ser multado em 1.000 réis se tal não fizesse.

O abade não só a edificou, como, em boa hora e por influência do visitador, dedicou-a a S. Bento de Núrsia. A ermida seria benzida no dia 11 de julho de 1615. A partir desta data e durante mais de 100 anos, não passou de uma capela de dimensões reduzidas sujeita ao desgaste que a natureza impõe às construções em lugares desabridos e onde os fiéis do lugar de Seara podiam assistir a alguns cultos religiosos. Segundo alguns autores, tinha um alpendre onde os peregrinos se abrigavam – ficava junto de um trilho por onde circulavam os peregrinos e romeiros (portugueses e galegos) de Santiago e de Nossa Senhora da Abadia – e daí lhe advém o determinativo «da Porta Aberta». Discordamos desta tese porque, de acordo com obra de Diego Mecolaeta, tendo por base um escrito do monge beneditino Marceliano da Ascensão, tal deve-se a um «fenómeno» ocorrido no ano 1730 e que fez com que as portas aparecessem abertas pela manhã, ainda que bem trancadas à noite.

Associado a este «milagre», temos a cura da sobrinha do abade de Parada de Bouro, do concelho vizinho de Vieira do Minho, a quem S. Bento tirou uma grande verruga no nariz, depois de a jovem ter consultado, sem sucesso, os cirurgiões da época. A partir destes factos, aparecem os primeiros devotos e com eles aumenta a fama de «S. Bento milagreiro», até que, em meados do século XIX, são às centenas, o que obrigou à construção de um templo novo e com dimensões significativas, isto depois de várias reconstruções e ampliações para responder ao crescente número de devotos.

Na construção do edifício e aformoseamento dos espaços adjacentes, estiveram envolvidos os melhores técnicos e artífices da cidade de Braga, nomeadamente ao nível dos engenheiros, escultores, entalhadores, pintores, douradores, bem como paramentarias e fornecedores de sinos. Refira-se que a firma Rebello da Silva forneceu um carrilhão de dezoito sinos, considerado um dos melhores a nível nacional.



S. Bentinho



Como resposta ao desejo de conhecer os resultados dessa expansão urbana podemos, desde já, adiantar que este ***polo religioso*** *[S. Bento da Porta Aberta] assumiu singular significado na evolução do povoamento, onde inicialmente se destacou o* ***Turismo Religioso*** *e, recentemente, se assiste ao incremento da exploração do espelho de água da Caniçada para fins desportivos e de lazer.*

ROSA MOREIRA DA SILVA *

---

* Rosa Fernanda Moreira da Silva, Professora Jubilada do Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, é especializada em «Geografia Rural e Áreas Protegidas» e autora da obra *O Gerês: de Bouro a Barroso – Singularidades Patrimoniais e Dinâmicas Territoriais* (2011).

Sagrado o novo templo, os responsáveis pela administração do santuário procuraram criar melhores condições de acolhimento aos devotos cuja afluência não parava de aumentar. Assim, trataram de elaborar um plano de melhoramentos que implicou a aquisição de alguns terrenos na envolvência do santuário, a melhoria das vias de acesso, bem como a construção de equipamentos de cariz social e de apoio aos peregrinos.

O plano de melhoramentos incluiu o alargamento das avenidas para sul (com parque de estacionamento) e para norte, a construção de muros de suporte, o parque (ampliado em 1946) com um lago dotado de barcos e de uma ponte (construída em 1913), restaurante, chalé, sanitários, enfim, uma estância, em parte, semelhante à do Bom Jesus do Monte, em Braga.

Após a inauguração da capela-mor (1895), os administradores dos bens do Santuário, à semelhança do que a Confraria da Senhora da Abadia estava a fazer entre Bouro e o Santuário, decidem construir uma estrada de ligação entre a distrital n.º 10 (ponte de Rio Caldo), que seguia para o Gerês, e o terreiro de S. Bento, a que chamaram «Caminho vicinal para o santuário de S. Bento da Porta Aberta». Embora os primeiros estudos tenham sido realizados no ano de 1891, o início da sua construção demoraria mais de uma década e foi custeada com os rendimentos do santuário. O projeto inicial foi alterado com a inclusão de uma variante a partir do lugar de Bustelo (Paredes) que entroncava no caminho vicinal junto da «Casa do Pinto». A construção deste ramal fundamentava-se no facto de o seu traçado ser muito mais suave e beneficiar os romeiros oriundos de Braga, Famalicão e Barcelos que, assim, não tinham de descer à ponte de Rio Caldo para voltar a subir.

Também a construção da estrada municipal entre a freguesia de Covide e S. Bento, solicitada ao Governo em 1903 pela câmara municipal de Terras de Bouro a pedido da Junta de freguesia de Covide devido ao aumento de romeiros oriundos da Galiza e do Alto Minho, concretamente da Ponte da Barca e dos Arcos de Valdevez, apenas se concretizaria no ano de 1934, sendo cofinanciada pelo santuário, o mesmo se verificando com a eletrificação do lugar da Seara. Na realidade, a preocupação com as celebrações litúrgicas e a segurança dos romeiros levou a que a Mesa começasse, muito cedo, a pensar na eletrificação do Templo e da zona envolvente, como é referido na «Memória Descritiva» do projeto de eletrificação do Santuário: «Grande centro de devoção, milhares de romeiros, melhoramento exigido pela categoria do local, aumentará o brilho das festividades no Templo, terreiro e Parque, substituirá os vários tipos de iluminação antiquados, dispendiosos e insuficientes, necessária para o funcionamento da hospedaria já dotada de infraestruturas elétricas».

A criação de uma confraria / irmandade no final do século XIX, independentemente das polémicas envolvidas na sua constituição, acentuou uma filosofia de gestão dos rendimentos do santuário assente no desenvolvimento local e a concessão de apoio aos mais carenciados, em detrimento de qualquer aproveitamento, por parte da arquidiocese, dos rendimentos do santuário, tal como viria a acontecer, décadas mais tarde, situação que levou à revolta da população e à realização de um assalto aos mesários.

Os investimentos na área social, preconizados nos primeiros Estatutos e realizados nas primeiras décadas do século XX, foram significativos, nomeadamente o apoio à instrução das crianças. Ainda antes da eleição da primeira Mesa Administrativa da Irmandade, já a Junta de Paróquia, administradora do santuário, pagava o vencimento do professor, o aluguer da casa onde funcionava a escola, bem como a residência para o professor quando este não era da freguesia. Foi com as esmolas de S. Bento que o edifício da antiga escola primária, onde atualmente funciona a sede da Junta de Freguesia e a extensão de Saúde de Rio Caldo, foi construído. Donativos com a mesma origem financiaram a construção do cemitério, da torre da igreja paroquial e outros melhoramentos na freguesia.

Em relação ao apoio aos mais carenciados, registamos a redistribuição social de parte dos saldos com a criação de um partido médico e a instalação de um farmacêutico na freguesia, não só para tratar gratuitamente os membros da Irmandade, mas também os pobres e indigentes da freguesia, aos quais, anualmente, eram distribuídos subsídios. Esta política de atribuição de apoios fez com que muitas pessoas, algumas de fora do Concelho, se sentissem atraídos pela freguesia de Rio Caldo onde passaram a morar. É um caso que consideramos único, pois trata-se de uma confraria que, durante décadas – até ao advento da segurança social – desenvolveu uma política de apoio aos mais desfavorecidos num concelho onde nunca existiu uma Santa Casa de Misericórdia.

Uma palavra em relação à influência do culto a S. Bento no desenvolvimento económico da região. Em 1898, ano da conclusão do templo, a comissão administrativa, tendo em conta o aumento de peregrinos e dada a inexistência de «quartéis», como acontecia noutros santuários, adaptou um «barracão no terreiro de S. Bento para alugar nas romarias»; posteriormente, adquiriu mais alguns terrenos para ampliar o parque de modo a torná-lo «um lugar aprazível, com largos, avenidas e arruados, onde se poderão estabelecer muitas barracas e onde os romeiros poderão apreciar excelentes sombras e deslumbrantes panoramas», como refere a memória descritiva do projeto. No final do século XX, a Mesa da Irmandade construiu os espaços comerciais da atualidade, um projeto do arquiteto Luís Cunha cuja execução veio disciplinar a ocupação das avenidas e do terreiro de S. Bento. Recordamos que, em 1938, na sequência de um pedido de vários moradores, tinha sido autorizada a realização de uma feira, aos sábados, de 15 em 15 dias, «no local denominado terreiro de São Bento da Porta Aberta, desta freguesia, por não haver aqui nenhuma próxima e ficar esta freguesia muito distante da sede do Concelho». Ainda sobre esta matéria, salientamos a construção de uma hospedaria, posteriormente transformada em pensão, pousada, estalagem e, finalmente, em «Hotel de S. Bento», elevando, assim, a qualidade do alojamento disponível.

Não podemos encerrar este apontamento sem uma referência aos subsídios atribuídos, anualmente, quer à Junta de Freguesia de Rio Caldo, quer à Comissão Fabriqueira, bem como às "bolsas de estudo" atribuídas aos seminaristas, ao financiamento dos Seminários e a alguns investimentos realizados pela Arquidiocese de Braga, tudo mediante recurso aos rendimentos do santuário de S. Bento da Porte Aberta.

PORTEFÓLIO

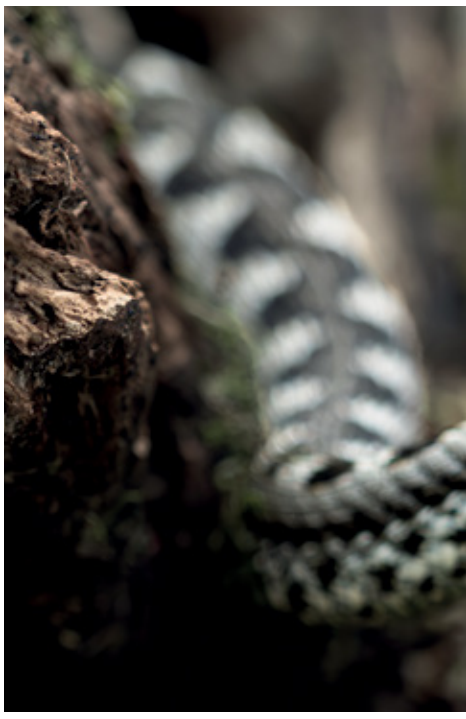
Há luz do Parque

Júlio Marquez, uma Narrativa Serrana









Os flocos flutuam nos céus, o frio seco faz-se sentir à medida que as minhas botas vão subindo fraga acima, o silêncio é majestoso, estou num dos poucos locais onde o inverno é sentido na sua versão extrema e lírica, o Parque Nacional da Peneda-Gerês. Reflito aqui sobre o meu passado, um caminho desenhado tardiamente mas que me trouxe a um emprego de paixão, o desenvolvimento de uma das aldeias destas terras. Entre 2014 e 2024 ocorreram milhares de quilómetros de Castro Laboreiro a Pitões das Júnias, passando pelas pernoitas em diversos abrigos do pastoreio de todas as quatro serras que compõem esta que é a minha casa. Sou um Urbano que teve a ousadia de vir experimentar a vida Serrana. Aqui em algumas das aldeias que aprendi a amar, ainda se sente um Portugal que foi há muito tempo perdido, sentimentos rudes, por vezes, mas puros, genuínos e com um enorme senso de lealdade, camaradagem, quase que uma viagem ao senso do ser humano medieval, e pelo conhecimento que hoje tenho, é transversal ao Minho e a Trás-os-Montes.

Terras de Bouro é uma das regiões magnas do Parque Nacional, acolhe várias cordilheiras magistrais da Serra do Gerês, e essas proeminências graníticas das eras glaciares foram o ponto de partida na minha jornada estudiosa e curiosa. É-me difícil definir o que me apraz mais fotografar. Como alguns amigos meus me dizem, sou bastante versátil, variando entre a fauna, a flora e a riqueza paisagística dos granitos. Para mim este Gerês atinge o seu clímax pela forma sóbria com que vivo as suas estações, obra de montanha que nos oferece as neves e névoas densas no



Tempestades Serranas

inverno, outonos acastanhados, avermelhados e amarelados, e primaveras extremamente floridas onde montanhas se vestem de urze e carqueja gerando tonalidades deliciosas. O verão obriga-me a embrenhar no coração deste santuário, fugindo à massificação balnear que é cada vez mais um problema que deve ser repensado.

A toponímia é uma das essências destas terras, percebemos que aqui os nomes das coisas pouco ou nada foram adulteradas pelos povos desde a altura dos celtas e também dos romanos, que há pedras e carvalhos com nomes, os trilhos são mariolados, e embora em declínio o pastoreio de subsistência oferece-nos a fragância da passagem das cabras bravias. Ainda existem as Vezeiras, e uma das mais conhecidas no Minho é a de Vilar da Veiga que percorre a serra em transumância do gado bovino, ainda uma fonte de rendimento muito necessária às populações deste Gerês.

A fotografia é uma paixão herdada pela família, aperfeiçoada ao longo dos anos, com muito estudo e muita dedicação, e ajuda de profissionais que reconheço como mestres, como é exemplo o Mário Cunha, já conhecido em Terras do Bouro pela organização do Íris, o único festival de fotografia do Parque Nacional, onde também já tive o prazer de dar uma palestra sobre Segurança no Parque Nacional.



Vibora Cornuda



Tritão de Ventre Laranja



Pela Mata da Albergaria

A Mata da Albergaria é um dos locais mais mágicos que encontro para fotografar o Outono, os túneis de faias amareladas quando percorro a estrada que liga a Vila do Gerês a Leonte e que culmina na fronteira da Portela do Homem dá-nos entre outubro e novembro uma perspetiva da riqueza estupenda deste santuário. Os carvalhos antigos, as águas bravas que se fazem ouvir em cada ribeiro e os mantos de folhas que as botas vão pisando humedecidas pelas névoas constantes que fecham a paisagem para depois nos oferecer o que eu chamo os meus fios de Luz, quando o sol aparece tímido dando intensidade a uma paisagem enegrecida. É o lirismo fotográfico e que nos torna poetas perdidos entre centenas de pensamentos tão antigos como esta terra que sentimos, cheiramos e vivenciamos. É neste espaço que flui o Homem, um dos rios mais carismáticos da Serra do Gerês que se abre por estes lados fundando a albufeira de Vilarinho da Furna e que serve de fronteira entre as duas Serras, o Gerês e a Amarela, e também duas Matas, ambas em ambiente de proteção total, a Albergaria e Palheiros. Pois é por aqui que no outono me deito, sentido o ocre cheiro da terra para fotografar aqueles que para mim são os senhores do Outono, os fungos, que neste local podem ser vistos a eclodir de forma sublime, como é exemplo o Mycenas.



Mycenas



Fungos



Águas do Homem





O Esquilo Vermelho da Pedra Bela

Mas há outros redutos fabulosos onde os fungos também se afunilam, em Campo Gerês existe um pequeno nicho da geira romana a que chamo de bosque encantado, espaço compreendido com menos de 1km onde as águas dançam na velha calçada em pedra onde centuriões tenham marchado entre na ligação de Braga às Astúrias, os seus marcos milenares dão relevo ao espaço que descreve uma descida para nos embrenhar-mos num túnel desenhado por árvores autóctones. Dos carvalhos aos castanheiros o velho e musgado muro separa as águas da albufeira da calçada e é por aí que me perco nos meus pensamentos e na fotografia. O final do Verão traz a outras paragens, mais a levante, uma das espécies que me tem atraído imenso a curiosidade, o Esquilo Vermelho, que fotografo pela manhã quando acordam das copas das árvores onde fazem os seus ninhos, são ruidosos e enérgicos, e adoram pinhas, que freneticamente vão cultivando no solo na esperança de no inverno recuperarem as suas provisões, o que nem sempre acontece, tornando esta espécie no maior plantador do Parque Nacional. Isco acontece apenas bem cedo pela manhã e por pouco mais de meia hora, depois desaparecem para outros locais seguindo a sua gestão diária.



A água é outra das minhas paixões, e sendo sincero foi o que me trouxe a este Parque Nacional, a forma cristalina e as cores que geram nos polidos granitos onde incidem são talvez o grande tesouro destas montanhas. Do rio Homem passamos para dois dos meus rios de eleição que são a casa de muitas das espécies de anfíbios que fotografo, o Arado e o Conho, ambos em território de Terras de Bouro. Aqui a primavera é a altura certa para tirar a máquina fotográfica para fora e percorrer as ladeiras ou caminhar por entre as rochas destes colossais rios que acomodam algumas das cascatas mais belas do país, como são exemplo a Fecha de Barjas, a Cascata do Arado, a Fecha do Pombeiro. Mas a fauna é o que me atrai mais nestes espaços e por isso fugir ao Verão para que possa ser bem sucedido na minha procura. Da rã ibérica à lontra europeia, passando pelos répteis que são por incrível que pareça um dos meus fascínios, do Sardão ao Lagarto de Água e como seria de esperar a Cobra de Água Viperina e a Cobra de Água de Colar, a Víbora de Seoane e a Víbora Cornuda.



Rã Ibérica



Cobra de Água de Colar


Cabra Montês


Cabra Montês

Para os amantes de trilhos, a Serra do Gerês, em toda a sua imensidão, cujos hectares de Terras de Bouro são vastos, podem encontrar fabulosas ascensões de montanha onde outras espécies podem ser avistadas, destaco o Lobo Ibérico que é esquivo e muito difícil de registar e a Cabra Montês (Ibex Ibérico) que tenho dedicado parte destes 5 anos a estudar e a registar em todas as estações do ano e cuja presença é cada vez maior entre os maciços graníticos do Gerês, estando a abranger todo o território "geresiano" de Terras de Bouro. Embora não seja uma espécie nativa, é uma das espécies, a par do corço com enorme estatuto de proteção no nosso Parque Nacional.





Lírio do Gerês

Subindo aos Carris,
o caminho pelo Vale do Alto Homem



Fotografias · **António Cunha**

Texto · **Rui Barbosa**



A curiosidade pelas Minas dos Carris surge-nos porque alguém já ouviu falar ou esteve numas ruínas nos píncaros geresianos. Situadas no extremo Oeste dos limites do concelho de Montalegre, o acesso principal para as Minas dos Carris é feito através do concelho de Terras de Bouro. Na realidade não existe qualquer indicação bem visível que nos mostre o caminho certo para esse misterioso lugar, e por um lado se bem que parece contraditório, ainda bem que assim é! A única indicação do trilho que estará visível ao observador minimamente atento encontra-se junto do início da antiga estrada mineira, mesmo antes da cancela e ao lado da ponte sobre o Rio Homem. Gasta pelo tempo, uma indicação pouco visível pintada a tinta branca indica "Carris" e uma seta aponta nessa direcção.

O caminho inicia-se a uma altitude de 720 metros e rapidamente nos apercebemos que não será um percurso fácil para os mais desprevenidos. A sua dificuldade vai aumentando ao longo do percurso não tanto pela inclinação, mas mais pelo estado do percurso. Em quase 9,8 km de extensão, é na sua maioria composto por pedra solta que dificulta a progressão e são escassas as extensões em que o terreno é suave. Na quase totalidade do seu comprimento a velha estrada é acompanhada pelo jovem Rio Homem e o seu rumor por entre as rochas acompanha-nos quase sempre até chegarmos à Chã das Abrótegas.

O caminho para as Minas dos Carris está em grande parte inserido num vale de extrema importância para o Parque Nacional da Peneda-Gerês, no interior da Área de Ambiente Natural e classificado como Zona de Protecção Total e Zona de Protecção Parcial do Tipo I, segundo o Regulamento do Plano de Ordenamento desta área protegida.

O percurso pode ser dividido em duas partes: da Portela do Homem até ao Modorno, e do Modorno até ao complexo mineiro. O Cabeço do Modorno, silhueta delimitadora do fundo do vale para quem o sobe, atinge-se após se ter vencido já cerca de 300 metros de altitude por entre pedra solta e uma paisagem única de um vale glaciar. A partir do Modorno, onde se pode maravilhar com o Vale do Alto Homem e as suas quedas de água, nomeadamente a impressionante Água da Lage do Sino, o caminho vai apresentar, em algumas zonas, uma inclinação imperceptível à medida que nos aproximamos da Ponte das Águas Chocas, sendo uma caminhada mais fácil a partir daí e até uma área mais plana na Chã das Abrótegas

após a qual se inicia a subida final para o complexo mineiro, já na Corga da Carvoeirinha. À passagem pela Ponte das Abrótegas somos presenteados por uma paisagem que nos leva a percorrer com o olhar desde o Alto do Pássaro passando pelo Outeiro Redondo até às alturas do Altar de Cabrões já na raia e o marco geodésico dos Carris.

No início dos anos 90 ainda era possível observar ao longo do Vale do Alto Homem uma linha de postes de madeira sobre os quais assentava o cabo metálico de telefone, que permitia as comunicações com o complexo mineiro. Nos nossos dias são raros os sinais, ao longo do caminho, daquilo que mais tarde iremos encontrar nos altos serranos. Tirando os últimos trabalhos executados nos anos 90 pelo Parque Nacional da Peneda-Gerês, com o objectivo de melhorar o caminho para a reflorestação de zonas de alta montanha, é possível observar, mesmo no seu início, conjuntos alinhados de rochas que marcam o que então teria sido uma estrada privada em terra batida que permitia a passagem de camiões e veículos ligeiros para o transporte dos trabalhadores, do minério, abastecimentos e não só. Antes do início da construção da estrada



existia um caminho de «pé posto» que ligava a antiga estrada florestal desde a Portela de Leonte até Carris e pelo qual muitos dos materiais que seriam utilizados para a construção do complexo dos Carris eram transportadas em ombros pela quantia de 2$50 nos idos anos 40.

Ao longo do caminho vamos observando um ou outro pequeno muro, ou um ou outro alinhamento de pedras que nos podem sugerir a existência de uma rude estrada serrana. O primeiro sinal sólido da existência de algo mais complexo na serra surge-nos junto da zona que dá pelo nome de 'Água da Pala'. Aqui, observamos à nossa esquerda, por entre a vegetação, uma área delimitada por um pequeno e baixo muro. Em tempos terá servido de curral para abrigo dos rebanhos, tal como é referido num artigo publicado no Século Ilustrado em Março de 1955, tendo também servido como armazém relacionado com a exploração mineira ou manutenção do caminho por parte de cantoneiros. Do lado direito podemos observar uma pequena construção que nos dá a ideia de ser uma pequena guarita, sendo também referenciada como um pequeno abrigo dos cantoneiros que mantinham o caminho em estado de







circulação. Esta zona antecede uma ponte em pedra e todo este lugar é extremamente peculiar e bucólico.

Era nesta zona onde muitas vezes se dava o sinal de passagem nos dias de neve para a parte superior da estrada mineira. Caso a neve impedisse a passagem, a pernoita era obrigatória no abrigo ali existente pois a circulação pela estrada era perigosa.

Na Água da Pala iniciava-se um carreiro de pé posto que atravessava o leito do Homem e subia ao longo do rio pela sua margem direita no sopé da Encosta do Sol até se dividir para o topo do Cabeço do Modorno e para os Carris, algumas centenas de metros após atravessar novamente o Homem sensivelmente à cota de 1050 metros de altitude. Não havendo registos cartográficos deste trilho em direcção aos Carris, documentos fotográficos atestam a sua continuação para as zonas mais elevadas da serra. Quem observa a Encosta do Sol a partir da Água da Pala, poderá ainda vislumbrar o traçado deste pequeno carreiro composto em algumas zonas por um chão lajeado e complementado por pequenas pontes sobre os cursos de água que descem a vertente. Este traçado sem dúvida nos proporcionaria uma visão distinta do vale do Rio Homem. Porém, e após várias tentativas de observar no terreno a sua progressão, cheguei à conclusão de que este trilho já desapareceu em muitos locais e será extremamente difícil tentar seguir o seu antigo percurso, senão mesmo impossível.

Após passar a Água da Pala, o caminho continua a sua lenta subida em direcção aos Carris, atravessando a Ribeira de Absedo que se despenha para o vale, escorrendo por uma laje granítica. Na margem esquerda do Homem, temos a oportunidade de observar os picos escarpados que delimitam os Prados Caveiros. Esta fase mais plana do caminho segue pela Ponte do Cagarouço (ou Cagarrouço) sobre a Ribeira do Cagarouço, um pequeno afluente do Rio Homem, que percorre um estreito vale encaixado. É nesta fase que o caminho se volta a inclinar ligeiramente e ouvimos o rugido do jovem rio a poucos metros de distância. Por entre a vegetação é por vezes fácil ter um olhar sobre lagoas que no Verão são sempre uma forma de retemperar forças. O caminho ultrapassa a cota dos 1.000 metros momentos antes de entrarmos numa fase do percurso onde vamos superar vários metros de altitude em pouca distância, ultrapassando assim um bom declive. O percurso curva à direita no que são conhecidas como as 'Curvas do Febra' e em pouca distância subimos 30 metros em altitude antes de curvar à esquerda. Nesta parte do caminho, e tendo a encosta de Carvalhas Vrinhas a dominar a paisagem, podemos ter uma imagem do Vale do Homem só superada pelo cenário que nos aguarda poucos metros após a passagem da Ribeira do Modorno. Um pouco mais à frente entramos numa parte do caminho que é ladeado, à direita, por uma parede sólida de granito e, à esquerda, por uma queda de 50 metros que termina no Rio Homem. O declive aqui é acentuado e notório, mas o esforço para chegar à meia distância merece a pena.





Somos chegados a meio do caminho e o descanso na Ponte do Modorno é merecido. A água da ribeira é sempre fresca e corrente, mesmo no Verão. Ao entrar neste pequeno vale temos a visão de uma pequena queda de água por debaixo da ponte e são poucos os que resistem a uma fotografia. Situados na ponte em direcção ao final do vale, por onde vemos o Rio Homem, temos à nossa direita o imponente Cabeço do Modorno, uma escarpa granítica que atinge os 1.317 metros de altitude. Conheci todas as pontes até ao Modorno já em cimento, mas o meu fascínio por este vale e pelas Minas dos Carris começou a ser despertado pelas velhas pontes de madeira que antigamente permitiam a passagem célere e um tanto ou quanto aventureira.



Download
TRILHO
DOS CARRIS







É sempre bom descansar e retemperar forças junto do Cabeço do Modorno, mas é hora de prosseguirmos pois ali à frente, temos uma surpresa à nossa espera. Logo após abandonar a Ponte do Modorno, e seguindo o nosso caminho, vamos encontrar uma das mais fantásticas paisagens que a Serra do Gerês tem para nos oferecer. É com deslumbre que observamos o Vale do Alto Homem e a forma como este se projecta no céu. O seu delimitar pelos picos serranos leva-nos a imaginar, sonhar um mundo antigo. Atenção ao vocabulário, pois é aqui que nos começam a faltar as palavras... O vale foi esculpido aos longos dos séculos pelas forças da Natureza e a sua forma remonta aos tempos das últimas glaciações. Segundo A. Brum Ferreira (et al.) e citando os trabalhos de Schmidt-Thome, "...ao longo do vale do Rio Homem, as línguas glaciárias teriam atingindo a altitude de 600 metros. Segundo o mesmo autor, no máximo da glaciação, a espessura mínima do glaciar do vale do Rio Homem seria de 500 metros." Ao longe vemos a Serra Amarela e com bom tempo facilmente se vislumbram as antenas do Muro localizadas na Louriça. Saindo do pequeno vale da Ribeira do Modorno entramos no Vale do Teixo, a parte superior do Vale do Alto Homem, e logo ali à nossa frente observamos uma estreita queda de água, a Água da Laje do Sino, com uma altura superior a 110 metros. Toda esta zona propicia paisagens deslumbrantes em ou após dias de chuva, com as paredes rasgadas pelos cursos de água que se precipitam no vale, ou então nos frios dias de Inverno com a imagem das quedas de água geladas que se agarram às paredes graníticas.

Prosseguindo o trilho ao longo do vale, vamos ganhando altitude, atingindo os 1.200 metros de forma suave. O Rio Homem vai sendo nesta fase constituído por uma série de pequenos afluentes que têm origem nos inúmeros vales que golpeiam o topo da serra. Chegados ao velho Curral do Teixo, o percurso curva ligeiramente para a direita seguindo o pequeno Rio Homem que aqui se engrossa com o riacho do Corgo dos Salgueiros da Amoreira. O nosso percurso segue a base da Rocha da Água do Cando, passando pela Ponte das Águas Chocas (1.285 metros) e entrando na Chã das Abrótegas até atingir a Ponte das Abrótegas (1.325 metros). A Chã das Abrótegas define, juntamente com o Outeiro Redondo, uma área plana que é atravessada pela velha estrada mineira até atingir e seguir ao longo da base do contraforte dos Carris. Foi neste planalto, mais precisamente no Curral das Abrótegas, onde esteve montado nos dias 17 a 19 de Setembro de 1908 o acampamento da primeira expedição venatória levada a cabo na Serra do Gerês. Esta expedição, organizada pela revista *Illustração Portugueza*, teve como objectivo atestar que na altura de facto a cabra selvagem estava extinta, pois caso contrário poderia ser caçada... Na zona têm origem vários caminhos



Vista do Trilho dos Carris a partir da Encosta-do-Sol (Verão)

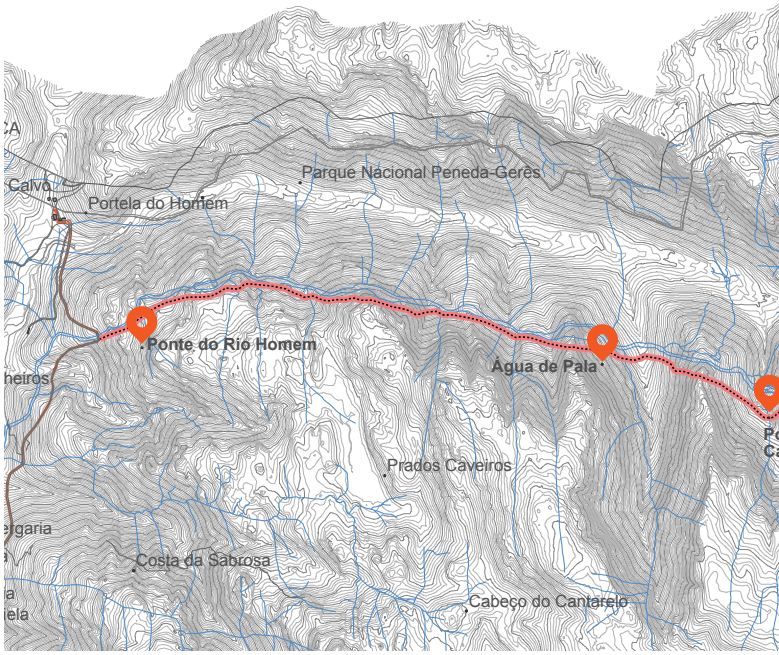


Nota: Este Trilho requer um pedido de autorização prévia. Este deve ser feito por correio eletrónico para ***drcnf.norte@icnf.pt***, com as características da atividade que se pretende realizar: hora de início, hora prevista de fim, n.º de participantes e um ficheiro kml contendo o trajeto previsto do percurso, além do nome completo, contacto telefónico e morada para envio do original da autorização.

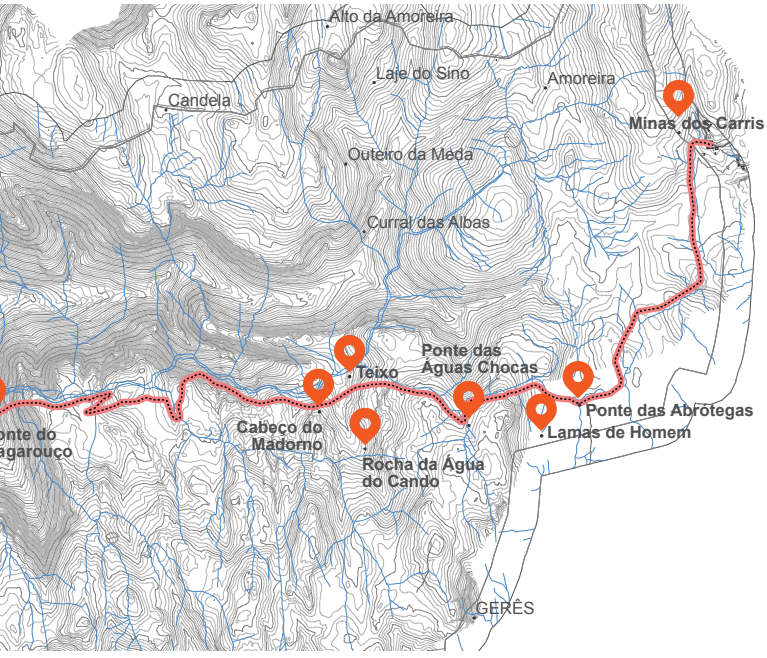
de pé posto, sendo os mais interessantes aqueles que seguem para as Minas Mercedes As Sombras (Galiza - Espanha) e para os Cocões do Concelinho (através das Lamas de Homem) e, mais tarde, Mina de Borrageiros e Lago Marinho.

Na Ponte das Abrótegas somos interrogados por umas peculiares construções semelhantes a pequenos pilares de rocha e cimento que tinham essa mesma função. Estas construções serviriam de base de apoio de uma tubagem metálica para transportar água desde uma pequena represa ali existente até ao Salto do Lobo ou até à lavaria nova situada no topo da Corga de Lamalonga. Esta captação de água terá sido desactivada em 1954 pois tornou-se desnecessária após o aumento do paredão da represa dos Carris. Nesta fase do caminho a paisagem permite-nos observar o marco geodésico de Carris (1.508 metros) e o Altar de Cabrões (1.538 metros). Neste planalto podemos também observar vários currais destinados às pastagens de altitude e à transumância ainda levada a cabo na Serra do Gerês na figura das vezeiras de decorrem entre Maio e Setembro, nomeadamente o Curral de Cabanas Novas (ou do Conde de S. Lourenço).

A zona das Abrótegas permite o descanso antes da subida final, verdadeiro calvário para quem já está cansado do caminho. Ao percorrer o início da subida, um pormenor passa despercebido à quase totalidade das pessoas. Logo no início do declive, a antiga estrada mineira dividia-se em duas, com um ramal a seguir a direcção do Salto do Lobo, local onde decorreram as primeiras extracções de volfrâmio tirando partido da aluvião vindo da Corga da Carvoeirinha. No terreno é difícil vislumbrar sinais desta parte da estrada e só andando alguns metros no caminho principal que segue em direcção aos Carris, e depois olhando para trás, é que se vê a antiga estrada já coberta de vegetação. Nesta área não existem construções ou edifícios, exceptuando uma ou outra pequena construção de pastores (formos pastoris) ou outros abrigos. Esta zona provavelmente teria o apoio de edifícios de madeira dos quais não existem quaisquer sinais. Por esta zona passava uma conduta de água que teria a sua origem na pequena represa das Abrótegas e que, apoiada nos pilares feitos com aglomerados de pedra, atravessava o pequeno planalto para lá das Abrótegas. Mais pilares são visíveis no extremo deste planalto, que serve de pastagem de altitude ao gado que nos meses da vezeira passeia pela serra, já próximo do caminho antes deste curvar para a esquerda para iniciar a subida final. Seguindo o prolongamento deste caminho secundário e depois entrando em trilhos de pé posto, chega-se às Minas dos Carris pela sua zona inferior junto da Lavaria Nova, no extremo do vale da Corga de Lamalonga.







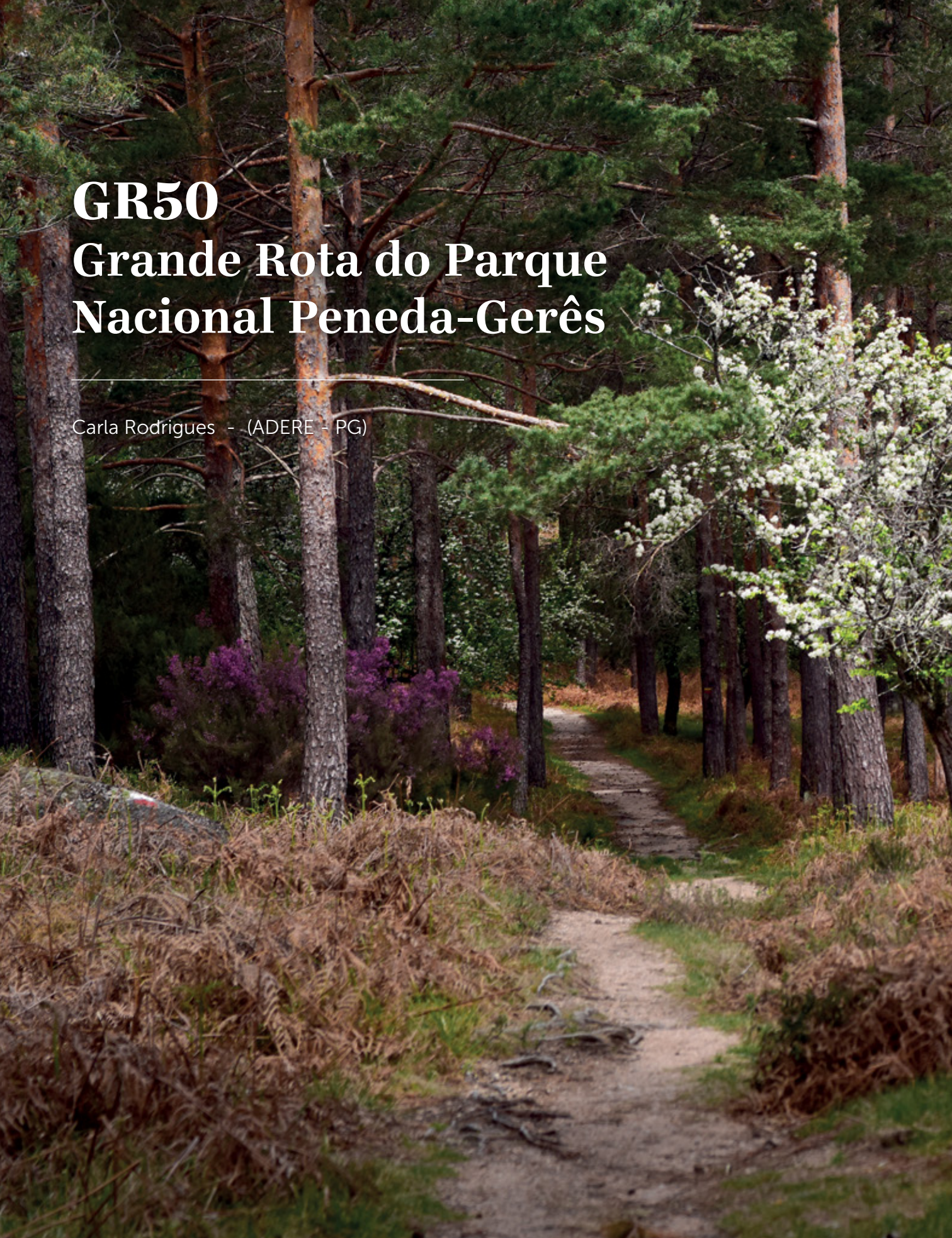
A parte final da estrada mineira vence um declive de 70 metros ao longo da Corga da Carvoeirinha e sem dúvida que é para muitos a parte mais complicada de todo o trajecto. No entanto, o final do árduo caminho é sempre uma motivação forte para vencer estes últimos metros. No troço final o declive torna-se menos intenso, com a estrada a tornar-se quase plana mesmo a chegar ao muro que delimitava a entrada no complexo mineiro dos Carris.

A área que actualmente corresponde às Minas dos Carris encontra-se preenchida por uma série de abrigos de montanha que em alguns aspectos se assemelham aos abrigos pastoris e que são designados como 'fornos'. A grande profusão destes abrigos numa área tão pequena levantou-me questões sobre a sua utilização.

Sabendo ser uma área carvoeira antes da chegada da mineração, este facto pode ajudar a explicar em parte o elevado número de abrigos / fornos existentes naquela zona, mas será suficiente? Pelas características do local, e apesar da existência do Curral de Carris, facilmente se deduz que esta não seria uma zona privilegiada para as pastagens, pois os Currais das Negras, de Lamalonga, a zona nas imediações das Lamas da Carvoeirinha, Curral das Abrótegas e Cabanas Novas, e de Lamas de Homem, proporcionam zonas de pastagem de altitude e estão resguardadas com os respectivos fornos.

Admitindo que o orónimo 'Carris' tenha como origem o facto de aquela ser uma zona de passagem de vários carreiros de montanha, é possível que a área fosse escolhida como zona (pouco provável) de paragem para os peregrinos em viagem entre Trás-os-Montes e os santuários no Minho (S. Bento da Porta Aberta) e na Galiza (S. Tiago de Compostela). Muitos destes abrigos podem também ter sido utilizados pela actividade da carvoaria, sendo aquela zona utilizada para o fabrico de carvão (de onde se explica o orónimo 'Corga da Carvoeira' ou 'Corga da Carvoeirinha'). Por outro lado, actividade do contrabando também terá dado origem à construção de muitos destes abrigos de montanha.

Certamente que a actividade mineira em finais dos anos 30 e princípios dos anos 40 explica muitos dos abrigos, principalmente os que estão localizados na zona do Salto do Lobo e ao longo dos filões paralelos que certamente marcavam a paisagem em algumas zonas e que podem também servir para explicar a origem do orónimo 'Carris', em nada relacionado com a actividade mineira.



GR50
Grande Rota do Parque Nacional Peneda-Gerês

Carla Rodrigues - (ADERE - PG)



Pinhal - Pinheiro Ssilvestre

GRANDE ROTA PENEDA-GERÊS - GR50

Com uma extensão de aproximadamente 190 km, distribuídos por 19 etapas, a Grande Rota Peneda-Gerês (GR50) é uma das maiores rotas pedestres em Portugal, com a particularidade de se desenvolver totalmente em contexto de montanha. Atravessa transversalmente o Parque Nacional, desde os montes de Castro Laboreiro, passando pelas serras da Peneda, Soajo, Amarela e Gerês, até atingir o planalto da Mourela.

Apresenta um itinerário muito diversificado, inspirado na paisagem, no património natural e cultural e nos modos de vida das comunidades locais. Dá a conhecer a biodiversidade e a geologia, rios, cascatas e lagoas. Revela as pitorescas aldeias de montanha, as tradições e a gastronomia local. Percorre antigos trilhos de pastores, que proporcionam a visita a locais únicos e especiais, onde a tranquilidade e a beleza da montanha se manifestam em pleno.

As suas etapas têm início e fim nas aldeias, onde os caminheiros podem ter acesso a serviços de apoio. Com diferentes níveis de dificuldade, cada etapa permite a exploração de diferentes tipos de cenários e a prática de diversas atividades ao ar livre.

Percorrer a rota Peneda-Gerês é uma verdadeira viagem de descoberta e de conexão com a natureza, a montanha e a cultura local. Uma experiência muito enriquecedora!

Os caminheiros contam ainda com o precioso apoio da **APP GR 50 Peneda-Gerês**, que para além da componente de orientação e de interpretação, disponibiliza funcionalidades de grande utilidade, como o "pedir ajuda", que deve ser usado em caso de emergência para reportar as coordenadas da respetiva localização. Muito importante é que os caminheiros façam o check-in (na aplicação) antes de iniciar cada uma das etapas.

A informação da rota está disponível em quatro línguas, no site **www.walkingpenedageres.pt**

walkingpenedageres.pt



PERCORRENDO UMA PARTE DA GR PENEDA-GERÊS...

Vindo de Noroeste, atingimos a área do concelho de Terras de Bouro numa zona de portela, a 850 metros de altitude, numa visão sobranceira sobre os lugares de Cutelo e de Brufe. Uma paisagem rural, onde a natureza se mistura em harmonia com construções tradicionais em granito. Sobressaem os bosquetes de folhosas, em mosaico com a extensa veiga agrícola, recortada por linhas de água com galeria ripícola.

Atravessamos os lugares de Cutelo, Cortinhas e Brufe, três pitorescas aldeias de montanha, com casario de arquitetura tradicional, destacando-se ainda as capelas, os espigueiros, as levadas e os moinhos. Hoje, cada vez menos povoados, os lugares vão resistindo e adaptando-se aos tempos atuais. Agricultura já pouca se pratica e o potencial destas aldeias passa, em grande parte, pelo turismo de natureza, já que aqui abundam recursos que apaixonam os visitantes, seja pela paisagem, pela autenticidade e tranquilidade, pelas experiências na natureza, como as caminhadas, ou pela gastronomia e cultura local.

De Brufe, segue-se em direção a Carvalheira, descendo ao fundo do vale do rio Homem, pela encosta da serra Amarela. Na velha ponte medieval, faz-se a passagem do rio Homem, que separa a serra Amarela da serra do Gerês. A rota leva-nos agora ao lugar de Quintão, em Carvalheira, e ao Senhor do Bom Jesus das Mós, um lugar santo, de grande devoção local. Do alto do monumento do Bom Jesus das Mós, obtém-se uma leitura ampla da paisagem, sendo possível avistar a Fraga da Calcedónia e a Fraga do Tonel, na serra do Gerês (SE), o Alto da Louriça, na serra Amarela (NE), e o vigoroso vale do rio Homem (poente).

Continuando em direção a Campo do Gerês, a rota oferece uma nova perspetiva do vale do rio Homem e uma belíssima imagem do plano de água da albufeira de Vilarinho da Furna, revelando, ainda, parte da antiga Via Romana XVIII, a Geira, e a exuberante Mata de Albergaria, o *ex-líbris* do Parque Nacional.

De ruas estreitas e casas de granito, Campo do Gerês ou São João do Campo, é uma aldeia tradicional e de forte cariz comunitário, que ao longo dos tempos viveu diferentes dinâmicas sociais e económicas, mas sem perder as suas tradições e o significado das suas origens. Nos anos 60 e 70 viu instalarem-se os bairros da EDP e os estaleiros para a construção da barragem de Vilarinho da Furna, enquanto a comunidade da aldeia de Vilarinho resistia à mudança para São João do Campo. Os novos bairros trouxeram gente nova e serviços que não existiam. Deu-se também a grande vaga de emigração e a ausência de muitos homens na terra.

Já nessa altura, a serra do Gerês era conhecida e visitada por muitos amantes da montanha e a aldeia de Campo do Gerês era um dos principais "quartéis" de acolhimento. O campismo e as caminhadas na serra começavam a ser cada vez mais uma rea-



Ponte de Cunhão - Carvalheira

lidade nestas paragens. E pouco a pouco, a tradicional aldeia de montanha transforma-se numa aldeia aberta ao turismo, com vários serviços disponíveis.

Na Porta de Campo do Gerês, uma de cinco Portas do PNPG, visitamos o Museu Etnográfico de Vilarinho da Furna, que conta um pouco da história desta comunidade resiliente, e o Museu da Geira, que nos remete para a presença dos romanos neste território. Pela proximidade e pelo valor histórico e ambiental, torna-se obrigatório um pequeno desvio da rota para conhecer a Geira, Monumento Nacional, e a Mata de Albergaria, uma Reserva Biogenética e um verdadeiro santuário de biodiversidade.

Retomando a rota Peneda-Gerês, segue-se um trilho relativamente íngreme pela vertente da corga do Coval, um vale profundo e com vegetação abundante, até atingirmos a Junceda, onde resiste uma antiga casa da Guarda Florestal, em volta da qual se dispõe uma área florestal, com uma grande diversidade de espécies, como o pinheiro-silvestre, bétulas, carvalhos e cedros. Ao longo do caminho, no período da floração, observam-se várias espécies da flora natural da região, destacando-se os tapetes de tormentelo e as orquídeas selvagens, como o satirão-macho. O percurso atravessa vários tipos de habitats naturais, salientando-se o habitat "urzais-tojais mediterrânicos não litorais", considerado uma das comunidades de conservação prioritária no Parque Nacional.

No Miradouro de Junceda temos a oportunidade de apreciar o vale de falha do rio Gerês e o modelado granítico da serra do Gerês. A descida até à Vila do Gerês é marcada pela presença constante de miradouros, alguns dos quais equipados, como o miradouro da Boneca e o da Fraga Negra.

A Vila do Gerês surge indissociável da água termal, sendo uma das mais antigas estâncias termais do país. Alguns estudiosos acreditam que as águas quentes do Gerês já eram aproveitadas pelos romanos, que passavam com alguma frequência na Geira, a estrada romana que se encontra muito perto das termas. Enquanto certezas documentadas, sabe-se que o Gerês é conhecido por portugueses desde o séc. XIII e que as primeiras autorizações que permitiram a utilização terapêutica das águas datam do reinado de D. João V, em 1735, que terá ordenado a construção de poços para banhos, capelas e outras construções de apoio. Está também documentado que foi apenas na segunda metade do séc. XIX que as Caldas do Gerês se tornaram numa povoação com moradores permanentes, embora já existissem casas para recolha e estadia dos frequentadores das termas. Desde então, o lugar conheceu um forte desenvolvimento, sempre ancorado nos seus recursos endógenos: a água termal, a floresta, a biodiversidade e a paisagem incontornável da serra do Gerês.



Cutelo


Tormentelo


Carvalho-alvarinho

Segue-se uma das partes mais fascinante da rota. Entramos mais profundamente na serra, caminhando por antigos trilhos que os pastores utilizavam para subir os gados até aos prados de montanha. Sucedem-se paisagens deslumbrantes e a natureza torna-se mais imponente. O caminho leva-nos a passar por alguns dos velhos currais de montanha (curral da Lomba do Vidoeiro e curral da Carvalha das Éguas), testemunhos de uma das mais antigas práticas comunitárias locais, associadas à forma de como os proprietários de gado se organizam em vezeiras (rebanhos coletivos de gado de uma mesma espécie) para assegurar o apascentamento e a vigia dos animais. Esta prática secular, que ainda se mantém em algumas comunidades, decorre de maio a setembro, sendo o gado bovino da comunidade encaminhado até à serra alta, onde se situam os currais. Os vezeiros acompanham "à vez" os animais, durante dias ou semanas (consoante o número de cabeças que possuem), pernoitando nas cabanas dos currais. Cada comunidade ou freguesia tem a sua zona de pastagem definida, com vários currais dispersos que a vezeira percorre em rotação.

Abandonando os currais, a rota continua em direção a Ermida. Ao chegar ao miradouro das Rocas, de onde se obtém uma leitura interessante da paisagem, pode fazer-se um pequeno desvio para visitar o miradouro da cascata do Arado, uma das maiores quedas de água do Parque Nacional.

A aldeia de Ermida apresenta-se, orgulhosamente, como uma aldeia serrana, de costumes e práticas comunitárias que têm perdurando ao longo de gerações. A sua comunidade ocupa-se essencialmente da agropastorícia e da silvicultura, atividades que dependem fortemente dos recursos dos terrenos baldios, geridos pela comunidade. Do miradouro da aldeia consegue visualizar-se o núcleo habitacional mais antigo do lugar e a veiga agrícola, em mosaico com zonas de bosquete. Na paisagem envolvente, destacam-se os picos graníticos da serra e os vales escavados dos rios Arado, Fafião e Cávado. Fruto do seu enquadramento paisagístico, dos recursos e das excelentes condições naturais para a prática de atividades de montanha, a zona da Ermida tornou-se numa das mais visitadas do Parque Nacional. É sobretudo conhecida pelos trilhos de pastores e currais da serra, pelos miradouros e pelas cascatas e lagoas naturais. Nunca é demais lembrar que a visita às lagoas requere especiais cuidados, uma vez que não estão infraestruturadas para banhos e podem ser perigosas dado o risco de queda.

A partir da Ermida, segue-se a etapa 14, num fascinante percurso pela serra, tendo como pontos altos a passagem por carreiros demarcados nas vertentes e fragas graníticas, o bosque de floresta mista da zona da Tribela e a inesperada "Casa do Médico", as travessias do rio Arado (cascata da Rajada), da Corga Feia, do rio do Conho (ponte de servas) e do rio Fafião (ponte da Pigarreira), onde a rota entra em território de Montalegre (Fafião).

Esta parte da rota pela serra do Gerês é uma mistura perfeita entre a natureza exuberante da região, as tradições ancestrais das comunidades locais e as paisagens deslumbrantes que compõem este Parque Nacional. É uma experiência única e enriquecedora para quem se aventura a percorrer estes trilhos.

UM RECURSO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Desde o início do seu projeto de criação, a Grande Rota Peneda-Gerês teve por base uma estratégia de desenvolvimento sustentável para o território do Parque Nacional. Muito mais do que um simples percurso pedestre, esta rota foi encarada como uma oportunidade de descoberta, aprendizagem e partilha, para promover a valorização da natureza e da cultura local e contribuir para o desenvolvimento sustentável do território.

Esta rota representa um recurso valioso que deve ser aproveitado de forma sustentável e colaborativa pelos diversos atores do território, como as comunidades e autarquias locais, os gestores do Parque, as empresas turísticas e os visitantes.

Para as comunidades e autarquias locais, a rota pode representar um importante apoio à economia local, pela dinamização das atividades turísticas, particularmente interessante porque é um produto não sazonal. Além disso, a promoção da rota pode contribuir para a valorização do território e preservação da cultura e tradições locais. A rota ajuda ainda a estabelecer uma certa separação entre o "espaço dos visitantes" e o "espaço dos habitantes," que deve ser salvaguardado.





Vale do Gerês



Miradouro da Junceda



Sinalética GR50

Para os gestores do Parque, a rota Peneda-Gerês pode ser uma forma de promover o turismo sustentável e sensibilizar os visitantes sobre a importância da conservação da natureza e do meio ambiente. Os percursos pedestres são ferramentas fundamentais na gestão e no ordenamento da visitação nas áreas protegidas, sendo estruturas importantíssimas na salvaguarda dos valores naturais, na medida em que determinam os sítios de passagem e a distribuição dos fluxos de visitantes, acautelando os habitats e as espécies mais sensíveis. Através da implementação de práticas de turismo responsável, é possível minimizar o impacto negativo no ecossistema e garantir a sua preservação a longo prazo.

Para as empresas turísticas, a rota Peneda-Gerês pode representar uma oportunidade de diversificação de produtos e serviços, atraindo um público mais amplo e aumentando a competitividade no mercado. Além disso, a parceria com as comunidades locais e os gestores do parque pode gerar benefícios mútuos e fortalecer a oferta turística da região.







Curral da Carvalha das Éguas

Por fim, para os visitantes, a rota Peneda-Gerês oferece a oportunidade de explorar uma paisagem única, rica em bio e geodiversidade e património cultural. Ao apreciar e preservar o património natural e cultural e ao adquirir produtos e serviços locais, os visitantes contribuem para a sustentabilidade do turismo na região e para a promoção do desenvolvimento local.

Gerir uma rota de montanha, assegurando a sua permanente manutenção e valorização, não é uma tarefa simples. Mas mais complexo é assegurar que o propósito da sua criação está a ser cumprido, nas suas diferentes dimensões.

Portanto, capitalizar o benefício comum representado pela rota Peneda-Gerês requer a colaboração e o comprometimento de todos os envolvidos, visando o desenvolvimento sustentável e a valorização do património natural e cultural da região. **Foi esta a visão que inspirou a criação desta rota.**

Parque Nacional da Peneda-Gerês

GR 50 ®

GRANDE ROTA
PENEDA-GERÊS

GERÊS-XURÉS
RESERVA DA BIOSFERA
TRANSFRONTEIRIÇA

United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

Man and the Biosphere Programme



App de orientação

Leve a GR Peneda-Gerês consigo!

Para sua orientação e segurança, recomenda-se a utilização da App GR Peneda-Gerês. Faça o download gratuito da aplicação da GR Peneda-Gerês na Google Play Store e na App Store.

Download on the App Store

Available on the Google Play



LEGENDA

GR 50 - Grande Rota Peneda-Gerês

Início de etapa

Estruturas de informação

Porta de Lamas de Mouro
Porta do Mezio
Porta do Lindoso
Porta do Campo do Gerês
Porta de Montalegre
Centro de Educação Ambiental do Vidoeiro
Polo do Ecomuseu de Barroso

Estrada condicionada
Rede viária principal
Rios
Albufeiras

Zonamento do Parque Nacional da Peneda-Gerês

Área de Ambiente Rural

Áreas de Ambiente Natural:

Área de Proteção Parcial de Tipo I
Área de Proteção Parcial de Tipo II
Área de Proteção Total

0 2,5 5 km

ETAPAS DA GR 50

Início de etapa — Percurso GR 50

ETAPAS 8 7

Sentido Tourém (etapa 19) - Ameijoeira (etapa 1)
Sentido Ameijoeira (etapa 1) - Tourém (etapa 19)

1	AMEIJOEIRA – CASTRO LABOREIRO	1
2	CASTRO LABOREIRO – LAMAS DE MOURO	2
3	LAMAS DE MOURO – PENEDA	3
4	PENEDA – ADRÃO (SR. DA PAZ)	4
5	ADRÃO (SR. DA PAZ) – MEZIO	5
6	MEZIO – SOAJO	6
7	SOAJO – LINDOSO	7
8	LINDOSO – ERMIDA	8
9	ERMIDA – GERMIL	9
10	GERMIL – BRUFE	10
11	BRUFE – CAMPO DO GERÊS	11
12	CAMPO DO GERÊS – VILA DO GERÊS	12
13	VILA DO GERÊS – ERMIDA	13
14	ERMIDA – FAFIÃO	14
15	FAFIÃO – CABRIL	15
16	CABRIL – SIRVOZELO	16
17	SIRVOZELO – OUTEIRO	17
18	OUTEIRO – PITÕES DAS JÚNIAS	18
19	PITÕES DAS JÚNIAS – TOURÉM	19

+ Info

Download
MAPA

Download
GUIA DE BOAS PRÁTICAS

Download
GPX GR50

Download
KML GR50

Por terras de Terras de Bouro

Rui Gaiola



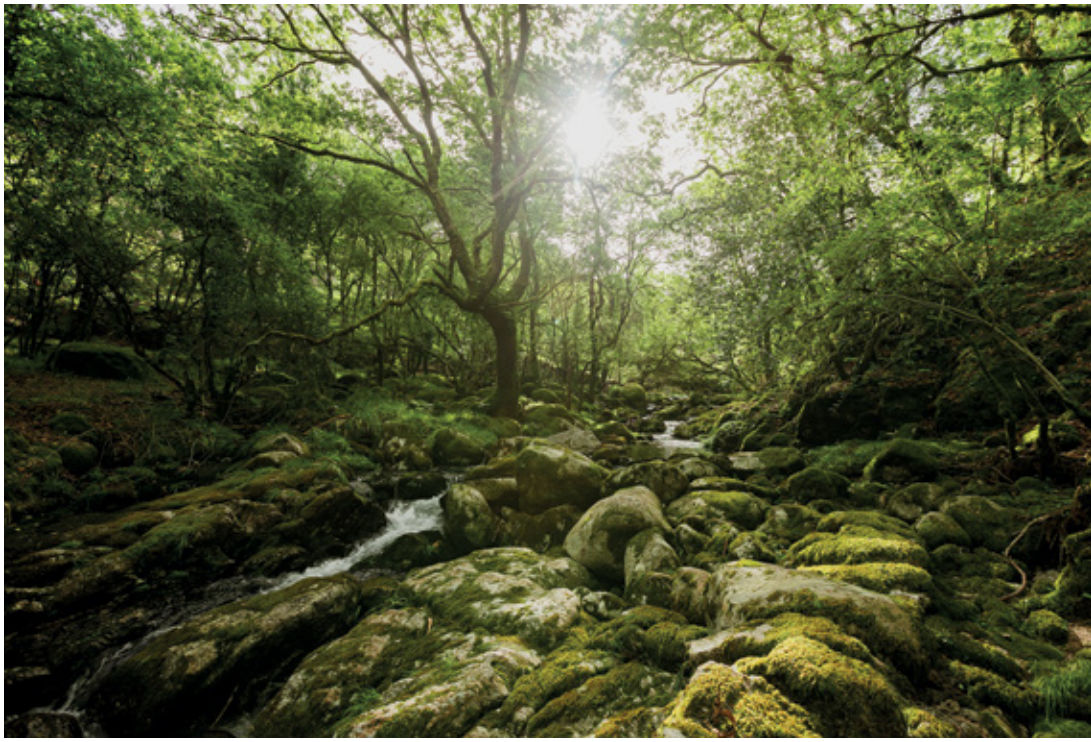


O que para mim e para muita gente é o Gerês, oficialmente o Parque Nacional Peneda-Gerês (o único parque nacional do país), é na realidade um mundo dentro de um país. Com uma área total de 702,9 quilómetros quadrados, o que equivale a cerca de 70.290 hectares, o parque abrange os concelhos de Arcos de Valdevez, Melgaço, Montalegre, Ponte da Barca e Terras de Bouro, nos distritos de Braga, Viana do Castelo e Vila Real. A dimensão, a diversidade, a história, a cultura e a gastronomia são vastas e bastante variadas, e acredito que leve muito tempo a conhecer relativamente bem o Gerês.

O meu desafio desta vez era explorar uma zona muito específica do Gerês, o território de Terras de Bouro. Apesar de conhecer alguns destes lugares, grande parte deste território era novo para mim, e confesso que foi uma grande surpresa. Senti que se abriu uma porta com muito para explorar, conhecer e viver. Sei que todos os sítios bonitos e interessantes culturalmente, precisam de tempo, precisam que voltemos várias vezes, em várias alturas do ano, precisam acima de tudo que nos percamos por estas estradas, aldeias e paisagens. E é isso mesmo que esta região precisa: que nos percamos nela.

Alguns dos locais mais conhecidos do Gerês, como a vila do Gerês, Portela do Homem ou a cascata do Arado e Fecha de Barjas (conhecida por cascata do Tahiti), ficam todos no território de Terras de Bouro, mas há muito mais para conhecer para além destes nomes sonantes, e foi nesses menos conhecidos que me quis focar e quis conhecer melhor. Inicialmente, fiz uma pesquisa sobre a região e possíveis pontos de interesse, depois, com a ajuda do departamento de turismo do Município de Terras de Bouro, cheguei a um mapa e um plano bastante interessante para começar esta aventura de 5 dias por Terras de Bouro.

As estradas guiam-nos e ligam as aldeias maravilhosas, sempre rodeadas de paisagens lindíssimas, mas não posso abordar o tema aldeias e gentes sem falar em Ventoselo, Covide, Carvalheira, Brufe, Cortinhas, Cutelo e Campo do Gerês. Percorri as ruas, falei com habitantes, pastores e agricultores, entrei nos minimercados cheios de nostalgia que ainda resistem à vertiginosa evolução do mundo e espero que perdurem no tempo, pois são património. As conversas com os locais são preciosas para conhecer as histórias de vida, as histórias locais, como se vive ali e como se vivia. Estas conversas mudam por completo a nossa experiência e opinião sobre estes locais.





O Gerês é natureza e paisagem, e é isto que me move e também me faz adorar este território. Ao longo destes dias por Terras de Bouro, destacar alguns dos locais e momentos que mais gostei: o pôr do sol no Santuário do Bom Jesus das Mós e em Brufe, as caminhadas pela Mata da Albergaria e barragem de Vilarinho da Furna, as vistas do Miradouro da Pedra Bela, Miradouro da Preguiça e Miradouro das Rocas, bem como a visita às cascatas do Arado, Fecha de Barjas e Rajada.

Foram 5 dias intensos que me permitiram conhecer e explorar um pouco deste território e deixar-me apaixonar por ele. Quero voltar e mal posso esperar para regressar a estas aldeias e a estas estradas. Quero conhecer mais e fotografar mais por Terras de Bouro.

Vídeo
TERRAS DE BOURO

O mapa inicialmente criado com a minha pesquisa e a ajuda da equipa do município foi posteriormente ajustado por mim, culminando num mapa bastante completo e muito interessante que partilho convosco neste artigo. Este mapa pode servir de guia para quem se quiser perder por uma das zonas mais bonitas de Portugal.

Download
MAPA DA VISITA DE RUI GAIOLA





















Fojos do lobo da Seara - Rio Caldo e Freitas - Covide, Vilarinho da Furna e Brufe

Sérgio Gonçalves

Para falar do tema Fojo do Lobo, não podemos desviar e referir o lobo ibérico, um dos carnívoros mais ameaçados da europa, sendo que o seu futuro depende unicamente da proteção do seu habitat. Este animal, hoje protegido, foi durante séculos objeto de perseguição motivada pelo medo que incutia nas gentes serranas através da sua associação ao mundo sombrio, com associação ao mal e principalmente pelos ataques que fazia aos animais que pastavam nas serras.

A existência destas construções deve-se devido à presença desta espécie do Lobo Ibérico, sendo armadilhas para apanhar lobos (*Canis lupus signatus*).

Fojos existem unicamente no norte peninsular, havendo dois tipos destas construções, de paredes convergentes ou de cabrita que basicamente é circular.

Construção de granito com paredes convergentes, formado por duas longas paredes (que poderiam ter mais de um quilómetro de extensão), que convergem num poço de uma forma abruta em V para onde o lobo era acossado durante uma batida que reunia os habitantes de várias aldeias próximas. São conhecidas variantes que consistem em quatro paredes e dois poços finais. Esta caraterística está também ela presente no fojo da Seara da Forcadela – Rio Caldo, isto porque do lado a Noroeste, destaca-se um outro que praticamente convergem um no outro por uma das paredes (Fojo de Freitas).

Este tipo de fojo poderá ser o denominado fojo duplo ou em "W". Esta estrutura consiste de dois fojos de paredes convergentes construídos um ao lado do outro, estando unidos os extremos de duas paredes, formando uma estrutura unitária com dois fossos, as paredes abrem-se para vertentes ou vales distintos, cobrindo assim uma área maior, tornando mais eficiente a captura do lobo.

Os fojos do lobo têm uma origem que, de certa forma, se perde no tempo, legitimada pela referência do topónimo "fojo lobal" em vários documentos desde o século XI, tanto em Portugal como em Espanha. Durante séculos foram um dos principais meios de controle do número de lobos, sendo a sua utilização vulgarizada té ao fim do século XIX. Em Portugal, as últimas capturas de lobos efetuadas com recurso a estas estruturas ocorreram até à década de 1970.

Nos dias de hoje a sua maioria estão ao abandono, no caso que estamos a abordar a situação é de certa forma "desesperante", destruído parcialmente nas paredes e o seu poço por causa da construção de um caminho florestal na década de 80 e 90. A este exemplar resta apenas a esperança de olhar para ele como uma atração turística e cultural, isto ao par do que se tem feito em vários em Portugal, sendo facilmente visitáveis e tornando-se um excelente exemplo da valorização turística do rico património cultural associado ao lobo.



Fojo de Vilarinho da Furna



Fojo de Rio Caldo



Fojo de Vilarinho da Furna

A BATIDA DO LOBO NA SEARA DA FORCADELA, RIO CALDO

Ao amanhecer ao rebater dos sinos da igreja, saíam os homens munidos de paus, enxadas, ferramentas agrícolas, latas e cornos berrantes para atormentar os animais, envolvia os habitantes de várias aldeias, era mesmo um motivo de festa, as populações cercavam a serra envolvente do Fojo, começavam a encurralar todos os espaços de possível fuga do lobo, as pessoas gritavam e faziam barulho a bater em latas, os lobos ficavam desorientados a fugir e acabariam por se direcionar para onde as populações queriam, seria as paredes do Fojo, aí já se poderia ouvir os estrondos das espingardas que os faziam correr até onde convergiam as paredes e acabariam por cair no posso, neste local eram mortos a tiro ou mesmo à pedrada.

No Fojo da Seara - Rio Caldo, ladeado pelo Fojo de Freitas, era muitas vezes uma atividade a envolver as populações da Seara de Rio Caldo e Freitas - Covide.

A BATIDA DO LOBO EM VILARINHO DA FURNA

A batida do lobo em Vilarinho da Furna, poderia envolver as populações de Vilarinho da Furna, Campo do Gerês, Brufe e ainda do Lindoso.

Batida começa ao nascer do dia, normalmente o regedor ou zelador organiza e passa a mensagem a todos para cada pessoa esteja preparada, começam por estabelecer limites na serra para marcar os pontos onde se vai começar a apertar a "malha, espingardas às costas vão tomando os seus postos, os conhecedores da serra tomas as rédeas, os homens em vários grupos levam forquilhas enxadas e outros instrumentos agrícolas. A batida começa e os grupos fazem barulho a bater em latas e tambores, forma-se um grande cerco e começa a fechar o cerco até às longas paredes de granito que vão culminar num poço, sendo a grande armadilha para o lobo e segundo alguns relatos, pode ter sido usado ainda para capturar javalis, cabra montesa, corço e ainda veados.

Nos dias de hoje a batida do lobo é apenas uma memória coletiva, passando a coexistência entre o Homem e o Lobo de uma forma sustentável, estas construções hoje são muito mais do que construções de uso comunitário, mas sim construções de património histórico e cultural que poderão ser valorizados como atração turística.



Fojo de Brufe

Vídeo
BATIDA AOS LOBOS

FOJO DO LOBO DE VILARINHO DA FURNA

O Fojo de Vilarinho da Furna, é um fojo simples de paredes convergentes em "V", localizado na Serra Amarela, na encosta voltada a nascente, entre o Rio Homem e o Rio Lima.

O gado é uma riqueza e o pastor é o seu guardião e fiel depositário dessa riqueza, o lobo vira uma preocupação para as gentes é necessário evitar os ataques do lobo aos rebanhos, estes quando atacam os rebanhos provocam grandes perdas e colocam em causa a economias das gentes, muitas vezes a única fonte de rendimento.

O admirável mundo das aves da **Peneda-Gerês**

Miguel Dantas da Gama

CAMINHANDO AO ENCONTRO DAS AVES

Manhã bem cedo, ao raiar do dia, deixo o todo-o-terreno que me trouxe de casa, junto à margem de um curso de água bem guarnecido por uma densa galeria ripícola onde predominam amieiros e salgueiros. Ainda dou os primeiros passos de uma caminhada que me vai levar até um cume altaneiro da serra, quando por mim passa uma pequena ave muito colorida. Voa rápido rente à água, emite um silvo e desaparece no seu percurso descendo o rio. É um guarda-rios, o primeiro registo do dia. Muito presentes, ouvem-se melros-pretos, toutinegras-de-barrete e carriças. Nas pedras do rio duas álveolas-cinzentas.

O trilho vai-se afastando da água à medida que, sempre a subir, vou penetrando no carvalhal. Primeiro, ouvem-se os omnipresentes chapins. Azuis, reais, de poupa. Mais adiante, um bando de rabilongos esvoaça de árvore em árvore. O carvalhal vai ganhando espessura, dominam os carvalhos e azevinhos de grande porte. Pelo meio, um teixo ou outro. Chegou a altura das trepadeiras-azuis se imporem. Com o seu canto insistente quebram o silêncio do valioso bosque antigo. Uma trepadeira-comum trepa por um tronco acima, ouvem-se dois pica-paus-malhados tamborilar. Subo mais, os carvalhos vão dando lugar aos pinheiros-silvestres. Mais chapins, mas também tordos e felosas.

Até que a floresta fica para trás. Tirando algumas pereiras-bravas dispersas e um pequeno bosquete de vidoeiros quase na cabeceira de uma corga, o arvoredo de maior dimensão já não são árvores mas sim manchas mais ou menos extensas de piorno e giesta. Contra o céu acima da encosta que continuo a subir, destaca-se a silhueta imóvel de uma águia-cobreira. Peneira, mirando o solo. E de repente deixa-se cair, provavelmente para apanhar mais um ofídio.

A caminhada progride num troço plano, com o trilho dissimulado por uma extensa mancha de mato rasteiro. Já deixei para trás urzes espessas, agora é o tojo e a carqueja que se impõem, misturadas. Cartaxos e ferreirinhas vão dando sinal à minha passagem.

O trilho inflete à esquerda outra vez a subir, desta vez numa pendente acentuada. Acima dele, num proeminente afloramento rochoso, uma cotovia-arbórea canta incessantemente. Outra faz o mesmo, imóvel no céu durante algum tempo. Até que se deixa cair para desaparecer imersa no mato. Mais adiante duas felosas-do-mato deambulam por entre o tojo «chiando» de uma forma intermitente.

Progrido uma boa hora mais, até a escarpa vertical do lado de lá do vale se tornar bem visível. O seu topo está a uma cota superior à nossa. A sua base assenta nas águas do rio que neste troço, corre tumultuoso, para contornar os ciclópicos calhaus que abundam no seu leito. É numa reentrância a meia altura do alcantilado que se encontra o ninho de águia-real. Estou longe, mas consigo confirmar a presença de dois aguiotos, já com a plumagem bem composta.



Serra do Gerês



Serras do Gerês e Amarela

A IMPORTÂNCIA RECONHECIDA DA AVIFAUNA DO PARQUE NACIONAL

Entre os vários mundos que compõem o reino animal, o das aves é particularmente belo, sonoro e facilmente apreciável para quem se aproxima da natureza com o intuito de as avistar, escutar e até fotografar. As aves são importantes porque nos enchem a alma. Os seus cantos, por vezes elaborados, são registos marcantes que trazemos dos momentos passados na natureza. São seres igualmente importantes como agentes polinizadores, dispersores de sementes, controladores de pragas. A ornitologia é por isso um ramo da ciência praticada não apenas por profissionais, mas também por amadores que para além de desfrutarem da convivência com as aves, também as estudam.

Cada espécie depende de um determinado habitat, a que se foi adaptando. Quantos mais tipos de habitat ocorrerem num determinado território, maior é a diversidade de espécies que nele, potencialmente, se podem avistar. É o caso do Parque Nacional da Peneda-Gerês onde se sucedem florestas, matas autóctones de folha caduca e mistas, matos, prados alpinos/sub-alpinos e húmidos, zonas alagadas de água doce caraterizadas tanto por cursos de água torrenciais no fundo de vales mais ou menos profundos, como por turfeiras de altitude. Igualmente importantes, as áreas rochosas de escarpas e outros alcantilados frequentemente encimadas por domos erodidos pelo tempo. Se acrescentarmos o facto do único parque nacional português se localizar numa região submetida às influências cruzadas dos climas continental, atlântico e mediterrânico, mais facilmente se compreende a grande diversidade e consequente importância da avifauna da Peneda-Gerês.

Por isso mesmo, foi nele delimitada uma Zona Proteção Especial (ZPE) ao abrigo da Diretiva Aves e no âmbito da Rede Natura 2000. A designada PTZPE0002-Serra do Gerês, abrange a quase totalidade do território do Parque Nacional e foi estabelecida em 1999 para garantir a conservação das espécies de aves e seus diferentes tipos de habitat, listadas no Anexo1 e das migratórias não referidas neste anexo. Em 2002 foi delimitada a IBA-Serras da Peneda-Gerês, uma Área Importante para Aves.

Nestas duas figuras legais são nomeadas espécies de conservação prioritária devido à sua importância no contexto nacional e europeu e ao grau de ameaça que sobre cada uma delas pesa. É um conjunto heterogéneo onde predominam aves associadas a tipos de habitat igualmente prioritários, ameaçados e raros. Águia-real, falcão-peregrino, bufo-real, falcão-abelheiro, águia-cobreira, águia-perdigueira, águia-calçada, tartaranhão-azulado, tartaranhão-caçador, milhafre-preto, ógea, gralha-de-bico-vermelho, picanço-de-dorso-ruivo, noitibó-da-europa, cotovia-arbórea, rola-brava, petinha-dos-campos, codorniz, cuco-canoro, cuco-rabilongo, narceja-comum, abibe e galinhola, são as espécies em causa. Para cada uma delas, identificam-se ameaças e propõem-se medidas para as mitigar.

No Parque Nacional da Peneda-Gerês ocorrem cerca de 170 espécies de aves, residentes, estivais, invernantes, e ocasionais. Trinta e seis constam do Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal. Por se tratarem de aves que, em território português, apenas ocorrem ou nidificam nesta área protegida, ou, de uma forma mais lata, a região constitui o limite sul ou sudoeste da sua área de ocorrência europeia, merecem ser nomeadas a escrevedeira-amarela, o cartaxo-nortenho, a sombria, a felosa-das-figueiras e o dom-fafe.



Perdiz-comum



Melro-das-rochas



Guarda-rios



Alveola-comum



Toutinegra-de-barrete



Pisco-de-peito-ruivo



Serra da Peneda

O PASSADO E O PRESENTE, QUE FUTURO PARA AS AVES DA PENEDA-GERÊS?

Mas se a avifauna do Parque Nacional continua a entusiasmar quem a procura, importa evidenciar que muitas espécies, outrora com uma distribuição mais alargada na Península Ibérica, foram-se perdendo ao longo do tempo. A destruição das matas autóctones através do abate de árvores e dos insistentes incêndios e das queimadas dos pastores, diminuíram e fragmentaram as manchas florestais naturais. As árvores de grande tornaram-se raras e muita da vegetação delas dependente - incluindo a manta morta - desapareceu. O mesmo aconteceu com os prados naturais, devido à pressão do pastoreio extensivo. As múltiplas barragens hidroelétricas barraram a livre circulação dos cursos de água, criando grandes extensões de águas represadas, destruindo toda a flora ripícola que marginava os rios. A drenagem das turfeiras também afetaram habitats muito específicos. A arborização das serras com espécies exóticas criaram grandes extensões de monoculturas que nalguns casos se tornaram pragas, ainda hoje por controlar.

Estas razões ditaram a destruição de habitats, afetando elaboradas cadeias alimentares. Se a elas juntarmos várias formas de perseguição direta do homem, nomeadamente através da caça e da utilização de venenos facilmente se explica o desaparecimento de muitas aves. Entre elas o quebra-ossos, o galo-montês, a perdiz-cinzenta, várias espécies de pica-paus. A ocorrência de outras aves tornou-se extremamente rara, ocasional, também devido ao aquecimento global e ao consequente recuo da neve e do gelo. A Peneda-Gerês deixou de ser o limite sul da área de ocorrência/nidificação de espécies como o melro-de-peito-branco, a ferreirinha-alpina, o pardal-alpino, a trepadeira-dos-muros, a escrevedeira-das-neves.

Se nalguns casos pouco ou nada à fazer para as trazer de volta, até porque a extensão do território do Parque já não é suficiente para albergar populações estáveis, noutros casos seria - ou será – possível, se o homem libertasse parte do seu território de qualquer pressão e o entregasse à vida selvagem conforme o plano de ordenamento desta singular área protegida faz crer.

Miguel Dantas da Gama - 22 de Abril de 2024
Preservacionista, Membro do Conselho Estratégico
do Parque Nacional da Peneda-Gerês


Mata da Albergaria

A flora na Mata da Albergaria

Sérgio Gonçalves

MATA DE ALBERGARIA

A Mata de Albergaria, Floresta autóctone atlântica, localiza-se em pleno coração do Parque Nacional da Peneda Gerês na freguesia de São João de Campo do Gerês, entre as Caldas do Gerês e a Portela do Homem.

Considera-se ser o único carvalhal adulto de Portugal, as espécies mais representativas são os Quercus robur e Quercus pyrenaica e ainda centenários medronheiros
.
Esta mata Nacional (desde os finais do século XIX), obteve em 2009 a classificação de Reserva Biogenética pelo conselho da Europa, com a portaria n.º 31/2007, de 8 de janeiro.

Para além do interesse ecológico ímpar a Geira Romana que a trespassa no seu coração confere-lhe ainda um valor patrimonial único.

A visitação da Mata de Albergaria é feita durante todo ano, por amantes da natureza e de pedestrianismo, no entanto a época mais visitada é o verão, não por ser a melhor altura de visitação, mas por ser período de férias para a maior parte da população em Portugal e na maior parte da europa ocidental.

A Mata de Albergaria no outono confere cenários mágicos para amantes de fotografia, centenas de amantes de fotografia fazem registos idílicos neste bosque encantado.

Para visitação tranquila o ideal é mesmo evitar nos meses de verão, torna-se num local movimentado pelos turistas/visitantes que procuram locais frescos para se refrescar, por vezes esquecendo que se encontram num bosque protegido extremamente sensível.

CARATERIZAÇÃO DE VALOR NATURAL - FLORA

Sendo caraterizado por carvalhal, o carvalho não é o único "habitante" desta floresta, estão presentes espécies de **flora** com um valor significativo, espécies arbóreas.

ARBÓREAS:





Quercus Robur

Carvalho Alvarinho

Espécie dominante em carvalhais mediterrâneos até uma cota de altitude de 600m.

Dimensões: Espécies de grande porte, podendo atingir 40 metros de altura podendo ter uma longevidade até 1000 anos, na mata de albergaria podemos encontrar facilmente exemplares de 300 a 400 anos.

Família: Espécie pertencente às famílias caducifólias, de folha liza e pouco recortada com folhas de 5 a 18 cm.

Época de floração: maio. Produz bolotas de maturação anual, por volta de setembro, outubro.

Utilização: De madeira muito resistente, foi usado ao longo dos tempos para várias finalidades, mobiliário, barris, construção naval, casas e ferramentas agrícolas.

Quercus pyrenaica

Carvalho Negral

Espécie dominante em carvalhais de altitude, especialmente acima de 600 m, em carvalhais atlânticos e continentais.

Dimensões: Espécie de grande porte, atingindo até 30 metros de altura, com grande longevidade, de copa irregular.

Família: Espécie pertencente às famílias caducifólias, de folha aveludada e bastante recortada com folhas de 5 a 17 cm, a caraterística aveludada é uma adaptação ao clima de extremos.

Época de floração: abril e maio. Produz bolotas de maturação anual, por volta de setembro, outubro.

Utilização: De madeira muito resistente, foi usado ao longo dos tempos para várias finalidades, mobiliário, barris, construção naval, casas e ferramentas agrícolas.



Prunus lusitanica

Azereiro

Conhecido como Azereiro ou loureiro de Portugal, considerada uma relíquia das florestas de lauráceas que dominavam a área da bacia do Mediterrâneo no Terciário.

Dimensões: Trata-se de um arbusto ou pequena árvore perene, crescendo entre 3 a 15 metros. A casca da árvore é castanho escura. As folhas são alternadas, ovais, entre 7–12 cm de comprimento e 3–5 cm de largura

Localização: É uma espécie rara na natureza, ocorrendo essencialmente ao longo de riachos e ribeiros de montanha, preferindo zonas ensolaradas e solos húmidos, mas com boa drenagem. É moderadamente tolerante à seca. Reproduz-se sexuadamente (o método mais eficiente) ou assexuadamente através da clonagem de rebentos.

Fruto: O seu fruto não é comestível mesmo quando maduro, desaconselhado mesmo porque por ser tóxico.

Esta espécie tem como uso principal decorativo, aparecendo em jardins e parques.

Família: Pertence á famílias das folhas persistentes de forma parecida com a do loureiro comum e floração entre maio e junho com uma flor muito perfumada.



Ilex aquifolium

Azevinho

O azevinho, também chamado azevim, azevinheiro, pau-azevim e sombra-de-azevim, é um arbusto de folha persistente da família das Aquifoliaceae, cultivado normalmente para efeitos ornamentais devido aos seus frutos vermelhos. Estes frutos também são denominados de azevinhos, bagas, azinhas ou enzinhas.

Árvore muito associada à época do Natal, tendo sido necessário ser protegida por lei devido ao seu corte excessivo.

Localização: Esta espécie é muito comum nos bosques acima dos 1500 metros, no entanto na Mata de albergaria é uma das espécies de referência.

Dimensões: Folha de formato de loureiro, bastante rija, atingindo os 6 metros de altura, com uma longevidade de cerca de 100 anos.

Fruto: Produz uma pequena baga vermelha como fruto, este não comestível por ser tóxico.



Pyrus bourgaeana

Pereira brava

O Pyrus bourgaeana, comummente conhecida como catapereiro, é uma espécie vegetal de porte arbóreo e espermatófita que pertencente ao género Pyrus, à família das rosáceas e ao tipo fisionómico dos fanerófitos.

Dimensões: O catapereiro é uma árvore de pequeno porte, caducifólia, por vezes arbustivo, com ramos espinhosos e em disposição aberta. As folhas são ovais, dentadas e apresentam um pecíolo grande.

Localização: Prefere solos siliciosos, frescos e húmidos e clima temperado, embora se adapte bem a condições de frio e gelo.

Época de floração: de fevereiro a março e as suas flores apresentam-se em grupos de umbelas, com cinco sépalas e cinco pétalas brancas ou suavemente rosadas, com numerosos estames.

Fruto: O fruto é carnudo, em forma de pera quase esférica e com polpa farinhenta. A sua maturação tem lugar no outono. Uma vez caídos da árvore, os frutos são consumidos por diversos mamíferos selvagens (carnívoros, ungulados e lagomorfos) que por vezes atuam como dispersores das sementes.



Crataegus laevigata

O pilriteiro

O pilriteiro é uma bela árvore de médio porte, podendo chegar a atingir cerca de 8 metros. Com folha caduca, ramos espinhosos (daí um dos nomes porque é conhecida em Portugal; espinheiro alvar), pequenas flores brancas da família das rosáceas e bagas comestíveis de um vermelho vivo semelhante a maçãs minúsculas, é uma árvore robusta que pode viver até aos 500 anos.

Utilização: É uma planta de elevado valor medicinal, muito usada tradicionalmente na terapia de doenças cardíacas. As folhas e flores secas tomam-se em infusão ou em extrato contra doenças do aparelho circulatório e os seus frutos, misturados com groselha, utilizam-se na preparação de xaropes.



Taxus baccata

Teixo

A taxus baccata, conhecida pelo nome comum de teixo, é uma espécie de gimnospérmicas arborescentes da família das taxáceas. As folhas são venenosas, podendo ser fatais se ingeridas em grande quantidade. O nome do género Taxus, deriva do grego Taxis, que significa "linha" pela disposição das suas folhas.

Dimensões: O teixo é uma espécie perene, de porte arbustivo ou arbóreo, que pode atingir os 20 metros de altura. Com ramos desde a base, tem uma copa densa em forma de pirâmide, por vezes irregular. As suas folhas, em forma de agulha e bastante flexíveis, são de cor verde-escura na página superior, glabra na página inferior e com uma nervura central, saliente, que termina num pequeno mucrão – ponta curta e aguçada.

Localização: Na Serra do Gerês, constitui um dos maios núcleos da sua existência em Portugal continental, ao longo do vale do Rio Homem.



Castanea sativa

Castanheiro

Castanheiro, castanheira, castanheiro-bravo, castanheira-portuguesa, castinheiro é uma árvore de grande porte, muito abundante no interior norte e centro de Portugal, cuja inflorescência contém a castanha, que formou, juntamente com o trigo, cevada e centeio, a base da alimentação em Portugal até ao século XVII.

Utilização: O castanheiro produz também madeira de excelente qualidade, o castanho, muito usada no passado na construção em Portugal, nomeadamente na região norte do país. É ainda hoje muito utilizada em mobília e decoração interior. Desde tempos remotos que é conhecida na Península Ibérica.





Fraxinus excelsior

O freixo

Fraxinus excelsior é uma espécie de árvores da família das Oleaceae, conhecida pelo nome comum de freixo, também vulgarmente como freixo-de-folha-estreita ou freixo-comum.

Dimensões: É uma árvore de solos frescos e profundos, de porte médio, que pode atingir cerca de 25 metros de altura.

Árvore robusta, de rápido crescimento e de grande longevidade, podendo chegar aos 200 anos.

Arbustus Unedo

Medronho

O medronheiro é uma das espécies mais comuns na bacia mediterrânica. É de ocorrência vulgar em Portugal, na Serra do Gerês é uma espécie emblemática onde existem exemplares de centenas de anos.

Fruto: O seu fruto muito procurado para fazer água ardente e doces tradicional.

Para assegurar a preservação, por vezes sinuosa, dos frágeis ecossistemas que caracterizam a Mata de Albergaria, foi e é necessário aplicar um conjunto de medidas que visem estabelecer um equilíbrio entre a conservação dos valores naturais e o uso turístico. Sendo necessário conciliar este ecossistema emblemático com a procura turística.

Tais medidas passam pela sustentabilidade da gestão dos recursos naturais, sujeitando a sua utilização ao pagamento de uma taxa de acesso.

História do BTT em Terras de Bouro

A prática do BTT, além de proporcionar uma experiência de imersão na natureza, incentiva a valorização e conservação dos ambientes naturais e promove a saúde e o bem-estar dos praticantes.

João Costa - In Nature





O BTT pode desempenhar um papel importante na promoção do território como uma atividade de turismo de natureza sustentável. A prática do BTT, além de proporcionar uma experiência de imersão na natureza, incentiva a valorização e conservação dos ambientes naturais, enquanto promove a saúde e o bem-estar dos praticantes. Este tipo de turismo atrai visitantes que buscam atividades ao ar livre, contribuindo para a economia local de forma responsável e sustentável. Os trilhos de BTT, quando bem planificados e mantidos, minimizam o impacto ambiental, preservando a biodiversidade e as paisagens naturais. Assim, o BTT pode funcionar como uma ferramenta para o desenvolvimento do turismo sustentável, promovendo a educação ambiental e incentivando a adoção de práticas ecológicas tanto por turistas quanto por comunidades locais.

Terras de Bouro tem inúmeros pontos de interesse para quem aprecia a Natureza no seu estado mais puro.

Para os amantes do BTT em particular, esse interesse eleva-se a um fascínio especial, por este pequeno Paraíso.

De facto, a Natureza em Terras de Bouro tem sido muito generosa com os amantes do desporto de montanha, sendo

© Tiago Pereira. Sports Content

DESPORTO DE MONTANHA



que no caso do BTT houve uma evolução natural e espontânea dos trilhos, tendo sido alguns, adaptados às várias vertentes do BTT.

A origem do BTT organizado nesta região, remonta ao ano de 2006, altura em que a Associação ADRCC (Chorense), fundada em 25/06/1981, decide criar um evento designado de **TRILHOS DO GERÊS**. Este evento repetiu-se por mais 7 edições. Estes passeios organizados de BTT, eram mais indicados para uma das várias vertentes do BTT, neste caso o XC (Cross Country). A partida realizava-se em frente Câmara Municipal de Terras de Bouro, subia ao ponto mais alto da região, Santa Isabel do Monte, e descia novamente ao ponto de partida. Foi durante estes anos um evento muito apreciado pelos adeptos do XC. Várias foram as pessoas da terra que tornaram tudo isto possível, o **Vítor Fernandes**, o **Vítor Machado**, o **António Costa**, o **Rui Cracel**, o **Tiago e Lídia**, e muitos outros.



Paralelamente em terras vizinhas - Braga, Caldelas e Ponte de Lima - nasciam trilhos trabalhados, normalmente designados por "pistas", para a prática de um BTT mais Radical, o Downhill e o Freeride.

Por volta do ano 2008, um antigo apaixonado pelos trilhos de Terras de Bouro, o "arquiteto das pistas" de Downhill em Caldelas (Monte S. Pedro de Fins), o incrível e saudoso Paulo Mogas, convida um vizinho de longa data, o João Costa, a conhecer este paraíso em bruto. Juntos, depressa convidaram mais amigos apaixonados pela vertente Freeride, o Marco Abreu, o José Carona e muitos outros que se seguiram.



Nesse mesmo ano é criado o movimento In Nature, da cabeça do Marco Abreu, e com ele começam a nascer algumas "pistas" e a realizar-se alguns eventos, sempre num espírito muito Freeride.







Realiza-se a atividade "Bike&Family", igualmente impulsionada pela imaginação do Marco e dispara o interesse de inúmeros adeptos destas modalidades, inclusive a nível Nacional.

Esta união do José Carona a trabalhar o digital de forma avançada, divulgando este Spot ao mundo, o Marco a por em prática os materiais e ferramentas necessários à realização dos eventos e o Costa a unir parcerias com associações e patrocinadores, foi de facto uma tempestade perfeita que se abateu sobre Terras de Bouro.

João Costa torna-se assim na célebre cara da In Nature e grande impulsionador dos destinos do BTT em Terras de Bouro, até aos dias de hoje. A sua presença, reconhecida por todos, pelo seu positivismo e perseverança, sempre aliados à mítica expressão: "Rock&Roll"!

Os grupos da In Nature e da ADRCC juntam esforços e realizam, em 2014, a primeira prova da vertente mais completa que o BTT já conhecera: o ENDURO BTT.

O ENDURO BTT estava a nascer em Portugal, e Terras de Bouro foi palco de uma das edições do extinto TROFÉU VODAFONE ENDURO BTT.

Assim que termina o Troféu Vodafone, a Federação Portuguesa de Ciclismo começa a traçar uma nova competição e resolve estimular a criatividade dos organizadores, é então que a In Nature e a ADRCC em conjunto, e enquanto não entram para o circuito da Taça de Portugal, criam o TRILPE CROWN – ATLANTIC ENDURO, cuja primeira edição remonta a 2015. Juntando pela primeira vez




bikezone
1046
RIBEIRENSE





© Tiago Pereira - Sports Content

no Cartaz Nacional, os Locais mais emblemáticos que acabavam de nascer em Portugal, Murça (Vila Real), Cadafaz (Guarda), Pé do Negro (Ponte de Lima) e o Incrível SANDOKAN (Ilha da Madeira).

Após 3 edições deste Trofeu, é chegada a altura de iniciar uma parceria que ficou até aos dias de hoje, com a FPC (Federação Portuguesa De Ciclismo). Tanto TERRAS DE BOURO, como todos os Locais do ATLANTIC ENDURO, passam a integrar a TAÇA DE PORTUGAL E CAMPEONATO DE NACIONAL DE ENDURO BTT.

Durante todas as atividades que se seguiram, várias foram as pessoas com esta paixão em comum, que se uniram à In Nature e à ADRCC para tornarem possível a realização de todas elas. Mas há 3 nomes que marcam definitivamente um arranque na melhoria dos trilhos e na sua manutenção: Manuel Tibo, presidente da Câmara de Terras de Bouro. Encoraja a In Nature a estabelecer-se como Associação sem fins lucrativos, com foco na manutenção dos trilhos; o Fernando Mesquita, uma antiga Glória do DownHill Nacional e morador na freguesia da Ribeira, dá um contributo maior na manutenção e melhoria dos trilhos de Terras de Bouro e Santa Isabel do Monte e Rui Cracel, morador em Chorense, conhecedor de todos os cantos e recantos desta região, ciclista do tempo dos Trilhos do Gerês com a ADRCC, dedica-se com todo o empenho e criatividade na criação de novas pistas, diversificando em muito a oferta dos inúmeros trilhos disponíveis em Terras de



© Tiago Pereira - Sports Content



UVP - Federação Portuguesa de Ciclismo



Bouro, e dos quais a região se orgulha de mostrar a todos os amantes do BTT, nacionais e Internacionais.

É também o Rui Cracel responsável por criar, a partir da ADRCC, uma equipa desportiva de BTT, a Equipa "BTT ENDURO TERRAS DE BOURO". Mentor de um pequeno grupo de audazes atletas locais, iniciaram-se na prática do Enduro por todo país.

Mais tarde, uma vez mais o Município de Terras de Bouro na pessoa do seu Presidente, Manuel Tibo, dá um contributo decisivo à Equipa de Terras de Bouro para crescer e alargar a sua influência a nível Nacional.

A Visão astuta de Rui Cracel levou à fusão da equipa com um grupo de anónimos aficionados sediados em Braga, intitulados de "SYNDICATO", Amigos da Terra, conhecidos por brilhar nas provas da Taça de Portugal e Campeonatos Nacionais de uma forma especialmente descontraída e amigável.

Esta aliança eleva a equipa ao Estrelato na época de 2021, ao consagrarem-se Campeões Nacionais de Enduro BTT.

A partir daí, mantendo sempre um percurso de elevado destaque, com a inclusão de atletas de renome e vários títulos pessoais conquistados, nomeadamente de Campeões Nacionais, vice-campeões nacionais, vencedores da Taça de Portugal, etc., nos Masculinos e em especial nos Femininos.

A equipa tem marcado o panorama nacional de provas da UVP-FPC pela sua irreverência, simpatia e competitividade. Com representação desde os mais novos, passando pelos elites e todas as categorias Master.



UVP - Federação Portuguesa de Ciclismo



UVP - Federação Portuguesa de Ciclismo

O Prestígio e a presença desta equipa têm projetado o nome de Terras de Bouro por este País, Ilhas e além fronteiras, trazendo muitos simpatizantes a partilhar os ares de Terras de Bouro e Santa Isabel do Monte. Sublinhamos, nomeadamente, "*nuestros hermanos*" da vizinha Espanha, sempre muito bem-vindos, como tão bem nos sabem receber.

Mais uma vez o Município de Terras de Bouro, na pessoa do Presidente Manuel Tibo, dá um contributo decisivo à Equipa de Terras de Bouro para crescer e alargar a sua influência a nível Nacional, sendo hoje uma referência de respeito ao nível da Taça e Campeonato Nacional de Enduro BTT.



UVP - Federação Portuguesa de Ciclismo



UVP - Federação Portuguesa de Ciclismo









Centro de BTT de Terras de Bouro



© Tiago Pereira - Sports Content

Em 25 de Março de 2023, o Município da região entrega à In Nature uma sede para que seja possível montar o seu quartel-general e a partir dai lançar definitivamente um projeto para a criação do futuro Bike Park de Terras de Bouro. Programa esse que se tudo correr como o esperado, verá a luz do dia ainda este ano.

Muitas foram as pessoas que ajudaram a In Nature e a ADRCC a crescer e a melhorar os trilhos existentes e a criação de novas linhas.

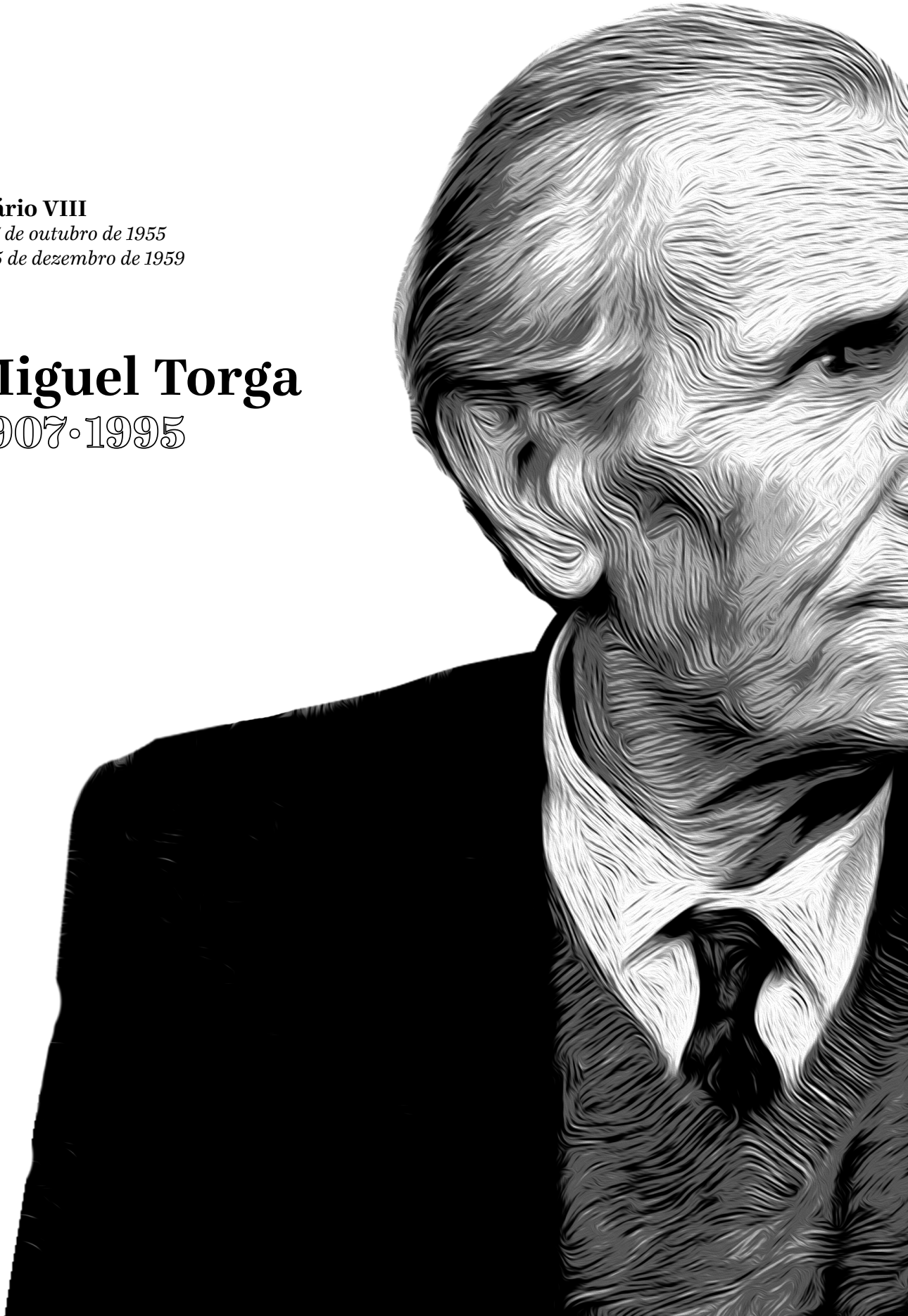
Mais uma vez com a ajuda do Município de Terras de Bouro, cada uma destas associações terá pela frente o desafio da Criação do Bike Park de Terras de Bouro por parte da In Nature e da continuidade da Equipa e das Provas oficiais nestas paragens, por parte da ADRCC. Na ADRCC o **Rui Cracel** e o **Vítor Fernandes**, são o garante da continuidade de todo este trabalho ao nível desportivo. Na Associação In Nature o **João Costa**, o **Marco Abreu** e o **Paulo Machado** garantem a ligação aos Parceiros, restantes entidades oficiais e empresas para tornarem possível este sonho antigo do Bike Park, o **José Carona** e **Nuno Gago** garante a captação de imagens e divulgação On Line deste paraíso na Terra.

Terras de Bouro é sem dúvida um dos locais mais fantásticos para a prática de desportos de montanha e estas imagens falam por si

Vídeo
PROVA - TAÇA DE PORTUGAL DE ENDURO

Diário VIII
de 7 de outubro de 1955
a 25 de dezembro de 1959

Miguel Torga
1907·1995





Sou, na verdade, um geófago insaciável, necessitado diariamente de alguns quilómetros de nutrição. Devoro planícies como se engolisse bolachas de água e sal, e atiro-me às serranias como à broa da infância. É fisiológico, isto. Comer terra é uma prática velha do homem. Antes que ela o mastigue, vai-a mastigando ele. O mal, no meu caso particular, é que exagero. Empanturro-me de horizontes e de montanhas, e quase que me sinto depois uma província suplementar de Portugal. Uma província ainda mais pobre do que as outras, que apenas produz uns magros e tristes versos...

Gerês, 17 de agosto de 1958

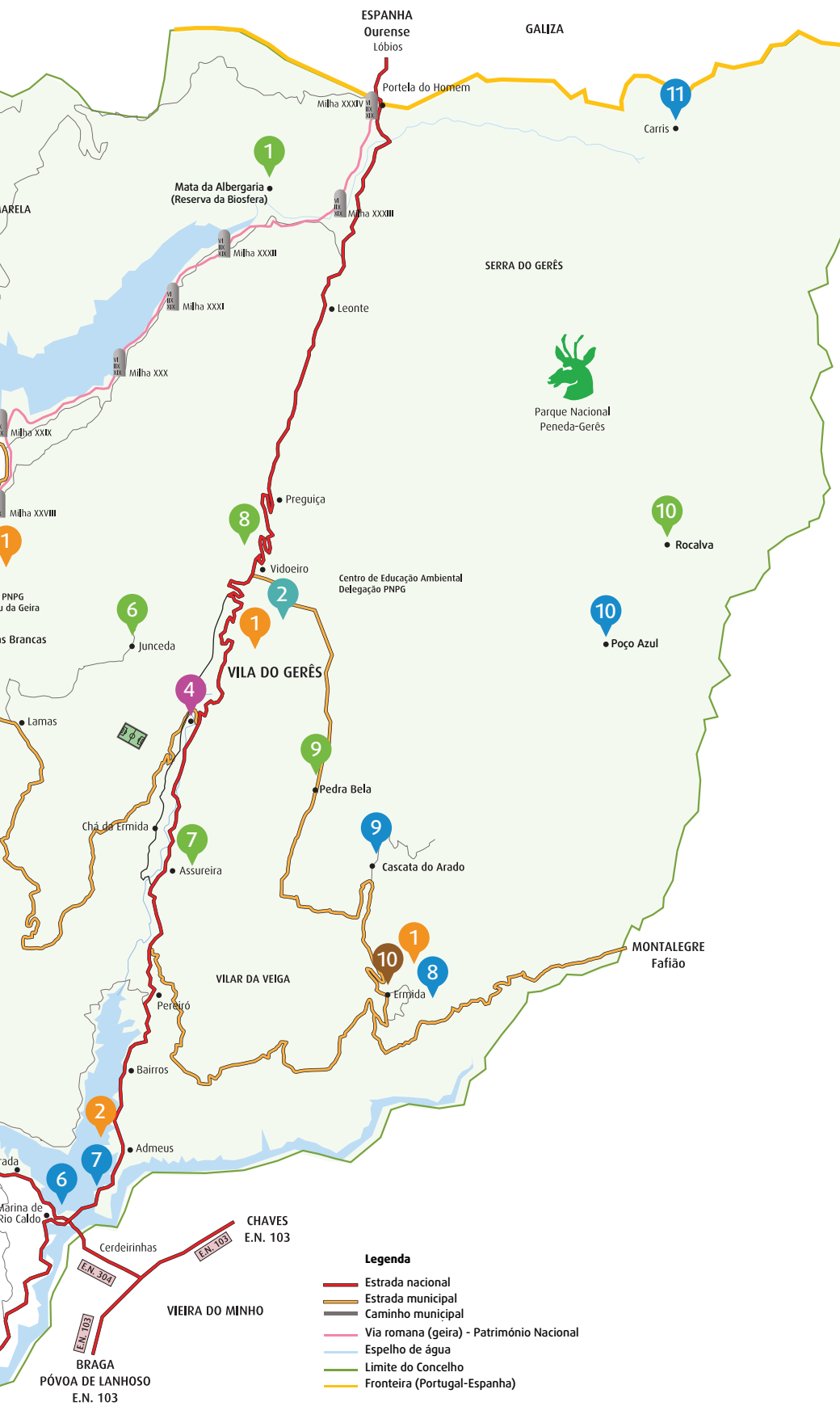


Terras de Bouro

PONTE DA BARCA
Germil
Cotelo
Cortinhas
BRUFE
Vergaço
VILA VERDE
Mixões da Serra
Cabenco
Rio Homem
Gilbarbedo
Bom Jesus das Mós
Assento
Ervedeiros
CARVALHEIRA
Infesta
Paredes
CIBÕES
GONDORIZ
CHAMOIM
Sequeirós
Gradouro
Milha XXV
Sá
COVIDE
Milha XXVI
VILA VERDE
VILAR
E.N. 307
Bouças
Milha XXIV
Padrós
Milha XXIII
Milha XXII
Santa Comba
VILA VERDE
VILA DE TERRAS DE BOURO
Milha XXI
Travassos
Milha XX
Saim
MOIMENTA
Milha XIX
CHORENSE
Milha XVIII
Moure
BALANÇA
RIBEIRA
S. Sebastião
Milha XVII
Milha XV
Milha XVI
SOUTO
VILA VERDE
BRAGA
E.N. 205-3
CALDELAS
AMARES
Milha XIV
Santa Cruz
Seara
Campos Abades
Sta. ISABEL DO MONTE
Rebordochão
Ventozelo
Alecrimes
Freitas
Calcedónia
Seara
S. Bento da Porta Aberta
RIO CALDO
AMARES
Senhora da Abadia
Vilar a Monte
VALDOSENDE
Assento
Paradela
Chamadouro
AMARES
BRAGA
E.N. 308
SERRA AM
Vilarinho da Furna
CAMPO DO GERÊS
Milha XXVII
Pedra

Via Romana (Geira)

Milha



Pontos de interesse

Devoção
1. Senhora do Livramento
2. Bom Jesus das Mós
3. Basílica de S. Bento da Porta Aberta
4. Capela de Sta Eufémia

Náutico
1. Ecovia do Rio Homem
2. Praia Fluvial de Vilar
3. Praia Fluvial de Chamoim/Gondoriz
4. Barragem de Vilarinho da Furna
5. Barragem da Caniçada
6. Marina de Rio Caldo
7. Praia Fluvial do Alqueirão
8. Cascata Fecha de Barjas "Tahiti"
9. Cascata do Arado
10. Poço Azul (difícil acesso)
11. Carris (difícil acesso)

* Requer autorização do ICNF

Natureza
1. Parque Urbano de Terras de Bouro
2. Castro - Monte Castelo
3. Miradouro de S. Bento (Baloiço)
4. Parque de S. Bento
5. Calcedónia (Castro)
6. Miradouro de Junceda
7. Parque da Assureira
8. Parque das Termas (Tude de Sousa)
9. Miradouro da Pedra Bela
10. Rocalva (difícil acesso)

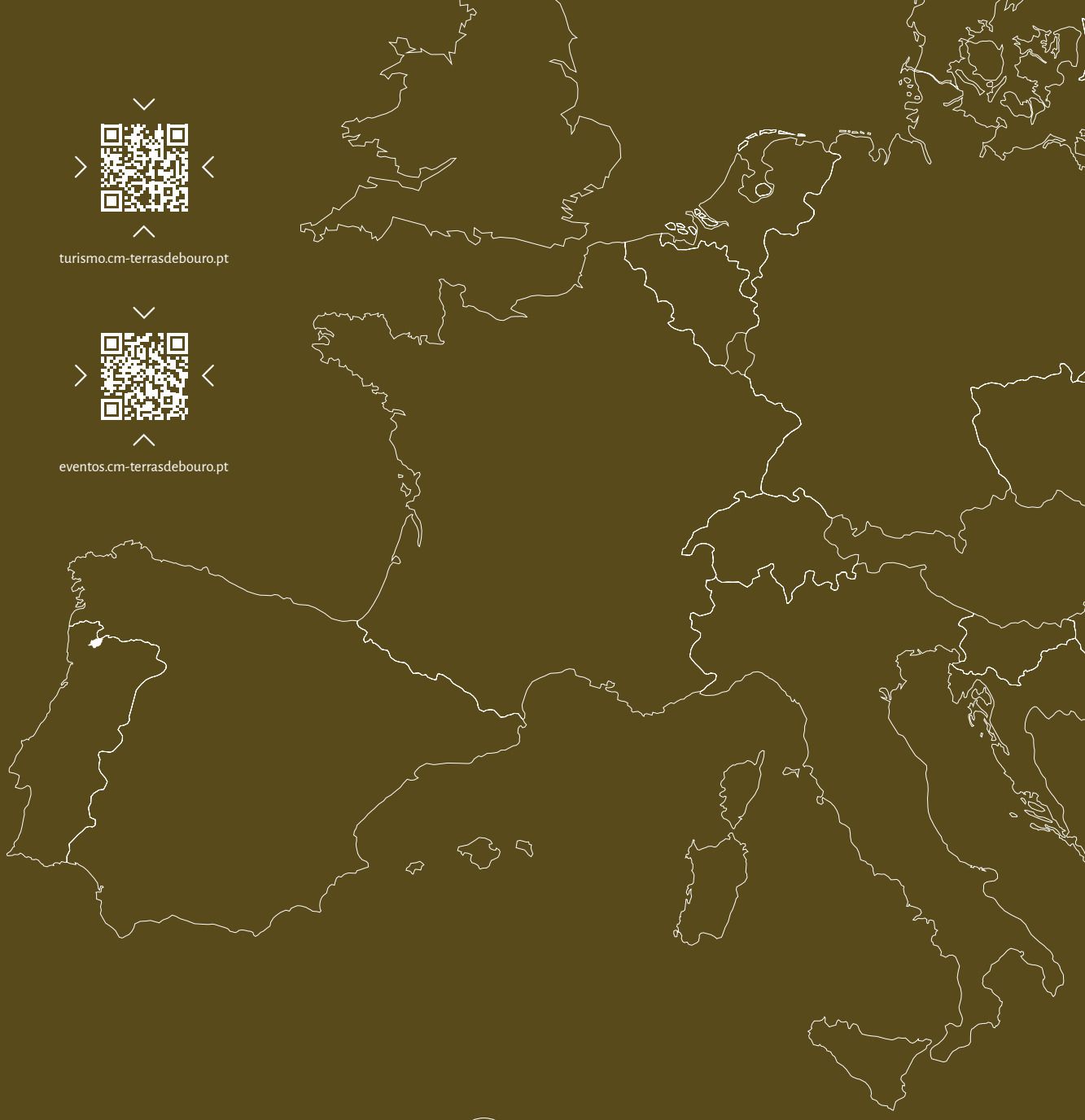
Património
1. Geira (Aldeia de Santa Cruz)
2. Aldeia Típica de Sta. Isabel
3. Casa dos Bernardos
4. Aldeia Típica de Cotelo
5. Aldeia Típica de Brufe
6. Cruzeiro do Campo do Gerês
7. Núcleo Museológico
8. Aldeia Típica do Campo do Gerês
9. Aldeia Submersa de Vilarinho da Furna
10. Aldeia Típica da Ermida

Atividades
1. Empresas de atividade desportiva
2. Empresas de atividade náutica

Saúde e Bem-Estar
1. Termas da Moimenta
2. Termas do Gerês

turismo.cm-terrasdebouro.pt

eventos.cm-terrasdebouro.pt



facebook.com/visitterrasdebouro

instagram.com/visitterrasdebouro

município
TERRAS DE BOURO

GERÊS
TERRAS DE BOURO